

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Tatiana Oliveira Martinhago

**O PROFESSOR QUE NÃO QUERO SER
EXPERIÊNCIAS E RELATOS SOBRE O CAMINHO**

Porto Alegre

2023

Tatiana Oliveira Martinhago

**O PROFESSOR QUE NÃO QUERO SER:
Experiências e relatos sobre o caminho**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Educação Física. Orientador: Prof. Dr. Clézio José dos Santos Gonçalves

Porto Alegre

2023

Tatiana Oliveira Martinhago

**O PROFESSOR QUE NÃO QUERO SER:
Experiências e relatos sobre o caminho**

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisângela Venâncio Ananias– ESEFID – UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Clézio José dos Santos Gonçalves – ESEFID – UFRGS

Agradecimentos

Luiza e Felipe, os mais próximos, são os que aguentam as maiores intempéries. Agradeço por não deixarem o barco adernar e tentar entender os meus tempos, meus dias de sol e tempestade.

Pela conduta assertiva, acolhedora e instrutiva, agradeço ao meu orientador professor Dr. Clézio. Ao oferecer uma oportunidade na monitoria, em 2019, onde fiquei até 2022, me apresentou um mundo de possibilidades. Destas, destaco a docência compartilhada, onde minha opinião era pedida, ouvida, nunca ridicularizada e continuamente levada em conta nos rumos a serem tomados.

Estarei atenta, querido mestre, às sensações, associações e reflexões.

Ao monitor, professor de zumba, marido da Dê, pai da Vitória e de muitos, salvador da pátria dos vídeos do Zoom, santo das causas perdidas de dinamização, licenciado e bacharel em Educação Física, Ricardo, por tornar meus anos de monitoria e tempos de pandemia mais leve, e por me mostrar como um ótimo profissional é na prática.

Agradeço aos professores desta faculdade que foram o tipo de professor que quero ser, aos quais me inspiro sempre. E aos do tipo que não quero, agradeço também.

Aos alunos e professores do local do estágio e aos colegas deste, agradeço.

Todos os colegas que convivi, vocês não tem ideia do tanto que aprendi com vocês. Não tem como mensurar mesmo. Obrigada por dividirem este espaço e tempo de faculdade comigo.

Bru e Mari, vocês desde o primeiro semestre me aceitaram como sou. Foi mais fácil com vocês.

Minhas consultoras para assuntos de Tiktok e youtubers, Ana Helena e Maria Laura. E por gostarem tanto quanto eu do “Meu chapéu tem três pontas”

Miguel pela escolha da Kokoleoko, tão doce quanto ele.

Aos alunos, meus passarinhos, por me ensinarem tanto.

Dedico, por fim, à memória de meus pais, da normalista e do professor de história, dos quais herdei o gosto por aprender.

*"Se um homem não sabe para qual porto
está navegando, nenhum vento será
favorável a ele."*
Sêneca.

*"Antes que planejemos a nossa aula, a
vida nos planejou."*
João Batista Freire

*"Palavras diferentes, significados
diferentes"* Clézio J. S. Gonçalves

*"A primeira pessoa a acreditar na aula
precisa ser quem planeja"* Elisângela
Venâncio Ananias

RESUMO

Relato, neste trabalho de conclusão de curso, algumas experiências vivenciadas na trilha que percorro para me tornar professora de Educação Física. O Estágio Curricular Obrigatório do Ensino Fundamental de Licenciatura e sua importância na vida acadêmica é pano de fundo e sujeito nesta narrativa. Pondero, inclusive, sobre o professor que não quero me tornar e quem é esse personagem. Início pelas fundamentações que embasaram as definições dos caminhos, os passos dados e sobretudo, o destino onde queria e quero chegar. Permeado pelas competências teórico-práticas fornecidas pela faculdade e pelas vivências minhas neste ambiente, descrevo e justifico as decisões tomadas, os objetivos traçados, as bases, as intenções, reflexões, análises e aspirações. Menciono a importância de planejar e de ter sustentação neste planejamento. Discorro sobre a aplicação deste na prática da sala de aula, no “chão da quadra”, no contato pessoal e intransferível com os alunos a cada dia, nesta micro sociedade criada naquele instante, composta de sujeitos, aspirações e conhecimentos diversos. Exponho a intenção que os saberes infantis sejam acolhidos e acrescidos de informações para auxiliar a ir mais longe e que tenham autonomia para transpor os muros da escola. Detalho intencionalidades e trocas. Avalio minha trajetória, a dos alunos, se chegamos ao destino e os desvios de rota, intencionais ou não. Por fim, vislumbro novos rumos e novas construções, agora com bases mais sólidas.

Palavras chave: Relato de Experiência. Estágio Curricular. Saberes infantis. Educação Física.

ABSTRACT

In this final paper, I report some of the experiences I had during my journey to become a Physical Education teacher. The Mandatory Curricular Internship in Middle School and its importance in my academic life is both background and subject in this narrative. I even ponder about the teacher I do not want to become and who this character is. I begin with the foundations that supported the definition of these paths, the steps that were taken, and above all, the destination where I intended and want to go. Permeated by the theoretical and practical competencies provided by college and by my experiences in this environment, I describe and explain the decisions I made, the goals I set, the foundations, the intentions, the reflections, the analyses, and the aspirations. I mention the importance of planning and having support in this planning. I discuss its application in the classroom practice, on the "court", in the personal and non-transferable contact with the students every day, in this micro-society created at that moment, composed of diverse individuals, aspirations, and knowledge. I set out the intention that children's knowledge should be welcomed and supplemented with information to help them go further, and that they should have the autonomy to go beyond the school grounds. I detail intentionalities and exchanges. I evaluate my trajectory, the students' trajectory, whether we have reached our destination, and the detours we have taken, whether intentional or not. Finally, I glimpse new directions, new constructions, now with more solid foundations.

Keywords: Experience Report. Curricular Internship. Children's knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho Professora Tati e seus alunos	16
Figura 2 - Desenho aquecimento	19
Quadro 1- Horários e Grupo de trabalho	31
Figura 3 - Fotos Sala de materiais	32
Figura 4 - Foto Pátio interno	32
Figura 5 - Foto Quadra externa	33
Figura 6 - Desenho Dia de sol na quadra	35
Quadro 2 - Cronograma das aulas	51
Figura 7 - Desenho Pega-Pega	57
Figura 8 - Foto Pátio amarelinhas	66
Figura 9 - Desenho Basquete	70
Figura 10 - Desenho Dança	73
Figura 11 - Desenho Amigas espelho	75
Figura 12 - Imagem desenhada Dança da Chula	78
Figura 13 - Desenho Abraço	83
Figura 14 - Desenho Amor	93

LISTA DE ABREVIATURAS

A - Turma Andorinhas

B - Turma Biguás

BNCC - Base Nacional Curricular Comum

DI - Déficit Intelectual

ECO - Estágio Curricular Obrigatório

ERE - Ensino Remoto Emergencial

LDB - Lei das Diretrizes Básicas da Educação Nacional

OMS - Organização Mundial da Saúde

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPP - Projeto Político Pedagógico

TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	16
1.1.1 Objetivos Gerais	16
1.1.2 Objetivos Específicos	16
1.2 JUSTIFICATIVA	17
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1. RELATO DE EXPERIÊNCIA E ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO	20
2.2. PLANEJAMENTO ESCOLAR E O SER PROFESSOR	21
2.3 AUTONOMIA E ABORDAGENS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	24
2.4 ATIVIDADES DIÁRIAS - PARA ALÉM DOS MUROS	25
3 METODOLOGIA	28
3.1 CONTEXTO	29
3.2 GRUPO DE TRABALHO	31
3.3 ESPAÇO FÍSICO E MATERIAIS	31
3.4 ESTÁGIO CURRICULAR	33
4 VIVÊNCIAS	36
4.1 POR QUE E PARA QUEM	36
4.2 PLANEJANDO E CONSTRUINDO	40
4.3 VIVENCIANDO	50
4.3.1 Primeira Semana	53
4.3.2 Segunda Semana	57
4.3.3 Terceira Semana	63
4.3.4 Quarta Semana	65
4.3.5 Quinta Semana	68
4.3.6 Sexta Semana	70
4.3.7 Sétima Semana	73
4.3.8 Oitava Semana	76
4.3.9 Nona Semana	77
4.3.10 Décima Semana	80

4.3.11 Décima Primeira Semana	81
4.4 ANALISANDO E RECONSTRUINDO	83
4.5 PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA	86
4.6 RECALCULANDO A ROTA	89
5 ENCAMINHAMENTOS	94
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A- Gravações	100
ANEXO A - Unidade Didática Jogos e Brincadeiras	101
ANEXO B - Planos de Aula semanas 1 e 2 Jogos e Brincadeiras	103
ANEXO C - Unidade Didática Dança	106
ANEXO D - Plano De Aula Semana 11 Dança	108
ANEXO E - Rascunho usado nas aulas	109
ANEXO F - Letras de Músicas e Canções	112
ANEXO G - Informações Projeto: Volta ao mundo da Educação Física.	116
ANEXO H - Foto turma A e turma B	117

1 INTRODUÇÃO

“Quero começar mas não sei por onde, onde será que o começo se esconde” . Começo. Tiquequê.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um relato de experiências sobre como realizei as atividades pertinentes ao Estágio Curricular Obrigatório de Licenciatura em Educação Física. É uma descrição e análise de passos de como uma discente se aproxima de se tornar uma docente na concepção criada por si, pelo meio que a cerca, pela faculdade que cursa e pelos alunos que acompanha.

Neste, relato esta história, da aluna e da professora em formação, e quando professora, dos desafios e enfrentamentos, das facilidades, das metas cumpridas e alegrias, e das dúvidas, principalmente destas. E da aluna, explano os passos em cada caminho tomado.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS) tem, como em outras faculdades, seu tripé acadêmico, que é a pesquisa, o ensino e a extensão. Este relato é ancorado no pilar do ensino superior, especificamente na arte de formar um professor e sendo ainda mais preciso, um professor de Educação Física. Nele trago as influências que levaram a formar a professora que serei.

Esta narrativa não acontece no futuro, sim no passado, É um recorte de uma realidade, atento a coerência e intencionalidade. Inicia com os fundamentos que levaram a ser realizada como foi, e o aprendizado que esta trouxe, que servirá de base para futuras caminhadas.

Mantive a firme intenção de não desviar para este caminho, o do professor de Educação Física que não quero ser. E por que não relatar sobre o que quero? A razão é que podemos nunca alcançar quem queremos ser, este que desejamos e imaginamos, é perfeito, quase inatingível, o que dá as melhores aulas, com trocas verdadeiras, mais interessantes e a turma adora e aprende, um verdadeiro mestre. Esse não sei se algum dia alcançarei, talvez até seja utópico este alcançar. Podemos, porém, não ser o tipo de professor que não queremos ser e assim ficar mais próximos do que almejamos.

Pilares do que não quero, o que não planeja, resolve tudo no improviso, sem coerência nem consistência, nem fio condutor, não está atento a faixa etária e o que, no final do seu caminho, não sabe se o aluno cresceu conhecimentos aos seus. O que dá aula por dar, cumpre carga horária. O “largobol”, ou o que hoje ministra vôlei,

amanhã futebol, outro dia, corrida na quadra. E em aula, o que xinga, castiga, não escuta os alunos, não atento aos saberes destes.

Entenda, não quero ser um professor que se exime de suas responsabilidades frente ao grupo de alunos, do papel de trazer os conhecimentos culturais e sociais adquiridos até então e ofertá-los às novas gerações. Acrescer informações as que possuem é um dever do professor e um direito do aluno. E também, não é ter a ciência que uma aula é mutável, é ter sim, "cartas na manga" e repertório, mas que estes façam parte de um plano maior, com intencionalidade.

O que discorro é sobre ter uma direção clara, é o saber onde professor e alunos vão chegar no final do tempo que passam juntos. E os motivos de chegar onde se chegou. Os caminhos, no meio, variam.

Sou formada em Medicina Veterinária, e frente a um caso clínico, fazemos anamnese, diagnóstico, indicamos e realizamos o melhor tratamento que julgamos necessário frente ao nosso embasamento teórico, atento se está funcionando ou não e mudando partes quando necessário para chegar ao objetivo final, que é a resolução deste problema ou a cura. Procedo neste relato e em meu estágio, de forma semelhante.

Na minha anamnese e diagnóstico, as conversas com as crianças, a observação de como realizavam suas práticas corporais e as informações coletadas destes, confrontei com os conhecimentos adquiridos nas minhas vivências, tanto socioculturais quanto às aprendizagens teóricas que foram oportunizadas pela Faculdade de Educação Física.

Formulei o que considerei o melhor tratamento, apliquei, e realizei modificações quando necessário, direcionado aos objetivos traçados mantendo em mente o resultado desejado. Esta narrativa é sobre este "caso clínico" e os processos nele envolvidos, as formas de tratamentos eleitos para propiciar aprendizado das crianças.

Nesta descrição que se segue, justifico a relevância deste relato ser realizado, tanto pela divisão de experiências que ocorre quando analisamos o "modus operandis" de outros, sendo somadas e este, as fundamentações e componentes destas. Inclusive sobre o que era para ter sido e não foi, pois é importante sabermos nossos limites, seus motivos e motivações.

Trago alguns dos textos, artigos e livros que me embasaram, na revisão de literatura, não posso deixar de citar os muitos textos e outros que não foram

mencionados, mas também estão presentes na forma de pensar e agir desta professora estudante.

Acredito fielmente que irei encontrar textos guardados, salvos, anotados, por muitos anos nos meus cadernos, nas minhas impressões, salvos em arquivos e "favoritados" nas redes. Destes, muitos foram integralmente lidos, outros parcialmente e por questão de escolhas, de rumos, ou momento, não estão aqui. Deve ter material para mais um ou dois trabalhos de conclusão com outro direcionamento.

Se atendo aos utilizados neste, que fundamentaram este relato, o momento do estágio e sua importância, o construir uma aula, desde os materiais utilizados ao porquê desta eleição, os direcionamentos tomados, embasados nestes porquês, e o mais importante, o aonde queria chegar com toda essa bagagem. o destino final, a construção que queria edificar.

Por vezes, comparo esta narrativa a uma obra da construção civil, a ser embasada, alicerçada, construída, outras, a um caminho a ser trilhado, com várias direções, chegando ao mesmo final, as vez com percalços, outras com atalhos. Comparei também, anteriormente, como um caso clínico buscando solução. O comum a estas comparativas, é a intenção de saber como desejo que a "casa" seja, onde quero chegar com este caminhar, ou a resolução do problema, a cura. Este relato é sobre isso, sobre a intenção.

Ao contextualizar o onde se realizou, e com quem, não furtei de fundamentar sociologicamente esta comunidade, por perceber que tudo está interligado. Um ambiente agradável para a comunidade envolvida favorece o aprendizado dos alunos, e então, um corpo de professores atentos, os pais, presentes, local e materiais adequado para recebê-los, auxilia no aprendizado das aulas. Características socioculturais da comunidade foram usadas para complementar o diagnóstico realizado por mim. E para maior entendimento do leitor, esmiucei o local trabalhado, o cenário de nossas vivências e como ocorreram estas no Estágio de docência.

Nomeei o item comumente intitulado de discussões, ou desenvolvimento, ou relato e outros nomes utilizados, de vivência, que são manifestações subjetivas que se tornam realidade para os que a experienciam, a mente e o corpo em uníssono. E no final, usei o termo encaminhamentos em vez de conclusão pois creio que este é um meio, não um fim, um caminho.

É uma narrativa autobiográfica, principalmente no item Vivências, o texto é escrito de forma autoral, propositalmente, para alcançar a profundidade real do que havia ocorrido e, como muitas vezes definida informalmente para os alunos aos quais fui monitora na faculdade, para ter a “cara” do autor. O viés autoral está presente em minhas vivências.

Os motivos que conduzem o trabalho da forma que foi, estão sempre presentes, e termos como intencionalidade, saberes dos alunos, objetivos, coerência, escolha, conversas, são citados inúmeras vezes, pois são palavras significativas para todo o trabalho desenvolvido.

Não nasci professora, ninguém nasce, professores são formados. A vida que vivo, a forma e época de cada período vivido, inclusive aqui nesta universidade, influenciaram na forma de professora que sou e serei. As disciplinas que estava cursando enquanto ocorria o Estágio também me influenciaram e principalmente os mestres desta faculdade que são tão próximos ao professor perfeito e utópico imaginado. A monitora que fui sempre estará em mim, mesmo que eu não esteja mais nela.

A tarefa do aluno, de selecionar entre todos os conteúdos dados, priorizar métodos, assuntos, eleger práticas, optar entre inúmeras informações, quais ele irá proclamar como sua forma de dar aula, escolher entre estes caminhos, quais utilizará para chegar no objetivo traçado é, certamente, uma responsabilidade e um empreendimento gigantesco. Procuro neste relato, explicar de forma sucinta como realizei esta seleção.

Ponderei sobre a importância de documentos orientadores, e na falta destes, pois nesta falta, não temos a direção que a instituição quer seguir, utilizando somente nossa bússola e alguns mapas fornecidos, como o Referencial Gaúcho e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Após ter as plantas, definido as bases, os materiais e as ferramentas, e as formas utilizadas para construir o dia a dia, explico cada plano, modificação e os seus porquês. Em defesa ao relato de experiência e ao Estágio Curricular Obrigatório(ECO), o reler, lembrar e refletir sobre cada plano, cada rascunho, cada memória, auxiliou ainda mais a construção desta professora.

Em Vivenciando compartilhei os momentos vividos, os aprendizados e experiências no “chão da quadra” e fora destas. Muitas vezes esmiucei detalhes, por

considerá-los importantes para o entendimento do todo. Ao ler, espero que se sintam vivendo estes anseios, alegrias e momentos.

Ao ilustrar sobre algum momento, busquei associá-lo ao aprendizado, meta, objetivo que estava buscando. Narrei erros e acertos na caminhada, e fundamentalmente, percepções, análises e reconstruções deste caminho, quando este não nos levava aonde queria chegar, ou seja, a aprendizagem das crianças.

Analisei meus passos durante e depois de cada aula, ao terminar o semestre e agora. Procurei ser racional nestas análises, a coerência possível de quem está intrinsecamente envolvido.

Elucidei a forma que elaborei minhas aulas e as apliquei, semelhante a forma que procedi com os alunos, contextualizando, trazendo fatos históricos, dando nuances e informações acerca do que julguei procedente. Disserto desta forma por almejar entendimento, o mesmo que desejo com as crianças. Explanar as significâncias e intencionalidades a cada ação.

Concordando com a lógica que aprender é um processo de mão dupla que se estende além do tempo formal e do ambiente da escola, como afirma Gonçalves:

O processo de aprender não encerra-se num período formal de escolarização, mas prolonga-se por toda uma vida, onde alunos e professores revezam-se continuamente na condição de aprendentes. Renunciar a esta tarefa é eximir-se da responsabilidade que a ação pedagógica implica na formação e sensibilização do Futuro cidadão para o exercício de seu convívio social e das responsabilidades inerentes deste relacionar. (GONÇALVES, 2004, p77)

Deixei, propositalmente, para o final desta introdução a indagação. Por que tudo isso? Para quem? Sendo essa, a parte mais importante de todo este relato.

Por e para as crianças. Para brincarem mais, serem ouvidas, respeitadas e levarem a Educação Física e seus aprendizados para suas casas, para suas brincadeiras, para sua vida inteira. Para que nunca percam o prazer e a alegria de se movimentar. Sem isto, ser professora, carece de sentido.

Adendo poético, utilizei nomes de pássaros para os sujeitos envolvidos devido a simbologia de pequenas aves que só precisam do estímulo certo para voar e, para tornar esta narrativa ainda mais significativa, lanço mão de alguns desenhos que os meus alunos confeccionaram, relacionados a Educação Física. Estarão espalhados pelo texto, ilustrando os saberes e os sentimentos dos meus “Passarinhos”.

Figura 1 - Desenho Professora Tati e seus alunos



Fonte: Arquivo pessoal

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Relatar a experiência sobre as aulas de Educação Física ministradas por mim no Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, em duas turmas de 1 ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual.

1.1.2 Específicos

Relatar a experiência, participação e engajamento de crianças do 1º ano em aulas de Educação Física.

Relatar a construção do plano de ensino e plano de aula

Relatar as aulas e as situações vivenciadas

Relatar a percepção dos alunos e minha sobre as aulas

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho é um relato de experiência do estágio curricular no Ensino Fundamental, pois entendo ser relevante refletir sobre a experiência do graduando de licenciatura exercendo a sua profissão, num espaço e tempo onde ocorreu o estágio com suas singularidades e pluralidades, buscando os caminhos, de professor que ainda é aluno, o dos aprendentes, o da escola, como partícipes na educação. Caminho esse, único, que trilhamos fazendo, onde avanços e retrocessos, coerência e incoerência andam lado a lado.

Este trabalho de conclusão de curso começou como tantos outros, com vários pensamentos, muitas vertentes e sempre quis ser um relato de experiência. Contar minha história como professora, minhas facilidades, dificuldades e desafios, para que quem leia, possa entender um pouco mais a visão de uma graduanda “não típica”, primeiramente “perdida” e depois apaixonada por este curso e pela licenciatura.

Não típica por ter bem mais idade que a média dos alunos da faculdade, no caso, quando foi realizado o estágio, 49 anos e diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade(TDAH) do tipo hiperativo, por ser uma segunda graduação universitária e por último, não praticar nenhum tipo de esporte.

Paixão que começou nos primeiros semestres quando compreendi que os objetos de estudo da Educação Física abrangem aprendizados e informações que cercam elementos culturais e sociais sobre as práticas corporais e os sujeitos nelas envolvidos e a licenciatura trata da transmissão destes para as novas gerações. Anteriormente eu compartilhava do consenso social que restringia estes a prática de movimentos corporais, atualmente procuro desmistificar este entendimento das pessoas que me cercam.

Dividirei com quem acompanha essa trilha de aprendizagem os caminhos que segui para que o leitor possa aprender algo com os meus erros, e espero, ou melhor, gostaria muito, que pudesse refletir sobre os acertos, ou o que eu considero como tais.

Toda a turma é única e a metodologia, abordagem e forma de dar aula de cada professor é permeada por vários elementos de sua trajetória, seus valores e crenças. A cultura que estamos inseridos, as vivências que tivemos, influência em nossas aulas, como nos aponta Daolio(1995) permeia os objetivos propostos para

os alunos, o planejamento e os planos de aula, as definições do que é essencial neste manancial de informações que recebemos.

Do que faz parte essa “vida”? A cultura, classe social, meio onde estamos inseridos, aspirações e o que é “permitido” almejar, influência nas ações deste futuro professor que somos, os nossos conhecimentos e o que dentre estes consideramos importantes.

Nossos princípios são atrelados aos valores da classe a que pertencemos e que a escola tende a repetir as desigualdades entre as classes e reproduzi-la, como nos descreve Bourdieu(1998). Bourdieu, que estudei na disciplina de Sociologia da Educação, disciplina oferecida no primeiro semestre da graduação, voltada para a licenciatura, no currículo vigente no segundo semestre de 2018 , mostrou que ser filha de professores influencia no tipo de profissional que sou e serei, e a direção e a trilha que pretendo seguir, e deixa ainda mais claro os caminhos que não quero percorrer, desigualdades que não quero reproduzir e isto também justifica a escolha deste relato.

Esta experiência era para ser sobre as mídias digitais, já que um dos grandes trunfos destas para as crianças é o protagonismo por elas exercido, como aponta a BNCC(2018), onde escolhem o que e quando vão ver, e mais importante, se vêem, ora através de crianças exercendo o papel de super estrelas dos youtubers mirins ou executando coreografias complicadas com precisão, hoje, as crianças querem ser youtubers e tiktokers¹ antes de crescer. Frente a esta realidade atual, seria sobre a utilização de mídias digitais conhecidas das crianças tornando a aula de Educação Física com mais significância e com isso, conseguir o almejado engajamento e aprendizado. Abandonei este caminho, não de forma total e justifico esta mudança.

No início do estágio curricular , modifiquei o tema, e as razões desta mudança é um dos fundamentos deste relato ser realizado da forma que foi. Me deparei com duas turmas, as quais eu teria em torno de dez aulas com cada uma, um tempo que considerei curto para aplicar aulas “diferentes” e observar se eram mais ou menos eficazes na questão de engajamento. Frente a esta realidade refleti; sem saber como é o típico, como saber do atípico? Como não tenho experiência docente, não me senti preparada para avaliar o aproveitamento maior ou não destas crianças.

¹ Youtubers e Tiktokers - Usuários de mídias sociais da moda, em 2022, que produzem e aparecem em vídeos no site Youtube ou do aplicativo TikTok, respectivamente.

Com o que podia comparar? Esta inexperiência é uma das condutoras dos aprendizados.

Me ative então a parte da autonomia, para favorecer o protagonismo, para os saberes das crianças serem respeitados, os saberes atuais e buscando saberes que perpassam os anos, brincadeiras que fazem parte da cultura local e popular, da cultura de outros nossos povos que sofrem constante apagamento, buscando no embasamento teórico e no desenvolvimento no “chão da quadra”, planos de aula que quando postos em prática favorecessem a (re) descoberta destes sabores, a autonomia e o respeito ao outro e a estes conhecimentos.

O estágio que aqui relatado ocorreu no ano de 2022, onde as crianças ficaram em suas casas, cumprindo as medidas de isolamento social necessárias na época devido à Pandemia de Covid-19², por 2 anos, 2020 e 2021. Muitas sem amigos da mesma faixa etária para brincar e quase todas com excesso de tela para ocupar seu tempo. Estas crianças perderam partes de um importante período de desenvolvimento, e estão ávidas para recuperar este brincar e aprender perdido, onde o lúdico e a criatividade precisam ser peças principais

Relato sobre esta experiência de planejar, executar, re-planejar, avaliar e refletir sobre a vivência de uma discente dedicada e uma docente inexperiente, atenta à professora que pretende ser e a que não deseja ser.

Figura 2 - Desenho Aquecimento



Fonte: Arquivo Pessoal

² Pandemia de Covid-19 – Entre os anos de 2020 e 2022 ocorreu incidência mundial de doenças causadas pelo vírus intitulado Covid-19. As medidas profiláticas deste eram isolamento e por este motivo, as escolas suspenderam suas aulas presenciais por esta época.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1. RELATO DE EXPERIÊNCIA E ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

Começo pelo que entendo como relato de experiência e a importância desta oportunidade de prática supervisionada que é o Estágio Curricular Obrigatório (ECO) na licenciatura de Educação Física.

O relato de experiência traz uma reflexão sobre as práticas realizadas no “chão da quadra” pelos discentes, onde pretendem aplicar os conhecimentos adquiridos dentro do período da faculdade. Cada estudante agrega de cada disciplina um saber, um entendimento, que é diferente em cada ser, pois não vivemos do mesmo jeito, nas singularidades de cada um, mesmo que tivéssemos cursado as mesmas aulas, no mesmo tempo, com o mesmo professor, ainda assim, para cada um seria uma faculdade diferente.

Ao tomar contato com um relato de experiência, como nos aponta Neira (2018) tanto o leitor como o escritor se modificam, o escritor ao narrar e refletir sobre sua prática, o leitor ponderando o que faria parecido ou diferente, concordâncias e discrepâncias, adquirindo assim significados diversos para cada um. É possível sim, extrair conhecimentos, observar as práticas pedagógicas exercidas frente às diversas situações enfrentadas, e relevância ao fato de ser um recorte do período corrente vivido.

Restritos a um determinado período de tempo, os registros dos trabalhos desenvolvidos pelos docentes documentam, entre outros, as motivações para eleição de um determinado tema, os objetivos que pretendiam alcançar, as atividades realizadas, as respostas dos estudantes às situações vividas, os instrumentos avaliativos empregados, os resultados alcançados e as impressões acerca da ação educativa. (NEIRA, 2018, p. 11)

O ECO é uma experiência singular e uma oportunidade ímpar para os alunos de diversas licenciaturas exercerem a docência de forma ainda “protegida”, primeiro por um mestre, seu professor supervisor, e uma instituição, a faculdade a qual ele é pertencente.

Em entrevistas realizadas com acadêmicos Moleta et all (2013) estes ressaltaram o privilégio de poder realizar o estágio docente nas escolas, e a relevância para o fato de que, para obterem sucesso em suas aulas, um bom planejamento e uma preparação prévia são fundamentais.

2.2. PLANEJAMENTO ESCOLAR E O SER PROFESSOR

Tendo explicitado sobre relato de experiência e do Estágio Curricular Obrigatório e sua importância, entro nas definições de planejamento escolar e o ser professor, este, principalmente entre tantas definições, modos de agir e outros, quais são representados neste trabalho.

Existe a crença popular que para ser um bom professor precisa ter dom, amor pelo que faz, quase uma doação. Discordo dessa visão romântica do ser mestre, fundamentalmente de que estes pré-requisitos sejam os que tornem o mestre um bom educador. “A maioria das pessoas não planeja fracassar, fracassa por não planejar”³. Concordo com a afirmação, para ser professor precisa de planejamento, estudo, empatia e conhecimento dos objetivos traçados.

Para Fonseca (2015, p 51) planejamento é “um processo dinâmico que supõe constante movimento”, coerente e com intencionalidade, que é afinado a comunidade escolar, com a Plano Político Pedagógico, com as referências e diretrizes que a escola segue e no entendimento das autoras apud (VASCONCELOS, 1999, p 80)

Planejamento é processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento. plano é o produto dessa reflexão e tomada de decisão, que como tal pode ser explicitada em forma de registro, de documento ou não. o planejamento enquanto o processo é permanente. O plano enquanto o produto é provisório. (FONSECA 2015, apud VASCONCELOS, 1999, p 80)⁴

A relevância de um bom planejamento, ao mesmo tempo conectado com o ambiente onde será aplicado e a pessoa, no caso professor que irá construí-lo e executá-lo compõe a base do trabalho de um estágio curricular em licenciatura.

³ Frase atribuída ao autor e empresário estadunidense John L. Beckley

⁴ VASCONCELLOS, C.dos S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 1999.

Não que um bom planejamento signifique uma boa aula, afinal como aponta o texto supracitado, o produto deste, é provisório.

Ingresso na seara do que é ser um professor, ou aquele que almejamos ser, que na teoria é representado por vários conceitos e facetas, trago alguns dos que me amparei para seguir os caminho desta trilha.

Em uma entrevista realizada por Albuquerque (2010) com alunos e professores de diferentes níveis de ensino sobre o que seria um bom professor, a maioria dos alunos, mais de 50%, respondeu que bom relacionamento com os alunos, sendo interessado e compreendendo as necessidades destes. Para os educadores, mais de 60% trouxeram “valores pessoais”, como credibilidade, seriedade como uma característica do professor eficaz e também conhecimento específico.

O conceito de bom mestre para alunos e professores é diferente como podemos observar. Os aprendentes procuram características voltadas ao acolhimento e entendimento do professor no convívio com este, que o professor compreenda onde estes estão situados, o patamar que se encontram. Divergem substancialmente do que pensam os mestres sobre o mesmo tema, estes, focados no “bom nome” e conhecimentos acerca do que ensinam.

Percebe-se que para propiciar a aprendizagem do aluno, não basta dominar os conhecimentos com credibilidade, o importante é atingir o aluno, e este, é melhor instigado por professores empáticos.

O aluno se encontra em uma fase de sua vida e o professor está em outra, para o saber do educador ser compreendido pelo educando é necessário que o docente parta do local onde o discente se encontra, até o mais próximo do ponto onde o docente se situa, tendo como local de partida não o saber do mestre, mas sim do aprendiz, como aponta Freire(2013 p 57)“ no mínimo, tem de levar em consideração a existência do "aqui" do educando e respeitá-lo”, é relevante o entendimento do “aqui” que os discentes estão inseridos.

Não devemos “desconsiderar as peculiaridades da prática pedagógica de cada professor, que é única e singular” nas palavras de Caparroz, Bracht (2007, p. 30), onde a prática certamente não segue mecanicamente a teoria, o professor que ensina se apropria como um sujeito, sendo influenciado por estas e outras e também por suas vivências, tornando assim sua prática autoral, onde as abordagens, a dinâmica da aula, a história dos sujeitos envolvidos trarão uma forma singular de abordagem, permeada por este e outros arcabouços teóricos, somada ao contexto diário desta pequena comunidade, vivido em cada aula.

Por conseguinte reflito sobre o fato que os educadores sofrem, um atroz círculo vicioso de desumanização, como recorda Gonçalves(2004) onde este, almejando trabalhar o aluno de forma integral e não tendo definições claras do que isto significa, ainda presos numa dicotomia falaciosa entre corpo e mente, precisa “ensinar” algo que ele mesmo não aprendeu, que é ser integral e a se respeitar. Ensinar esta integralidade, tendo ele próprio, sua mente e seu corpo negados e reprimidos.

Como almejar que se ensine o que não se aprendeu? E ao não alcançar esse objetivo de formar este futuro cidadão completo, unísono, que ele mesmo não é, desaponta-se, e, neste impasse, pode tomar o rumo contrário, o rumo do professor que ele não almejou ser. Assim seguimos, passando por cima da individualidade de cada ser professor e suas relações com estas individualidades do ser aluno.

O resultado deste ciclo são professores que não se sentem capacitados para suas tarefas e este fato colabora para optarem por caminhos que conhecem, trilhados por professores anteriores, que não necessariamente levavam aonde estes querem chegar, porém, são caminhos “seguros”, não rompendo o ciclo, nem a forma de ensinar, que acaba se perpetuando.

Ao não conseguir alcançar esta totalidade, se decepciona, talvez se culpe, ou culpe os alunos e afasta-se de seus anseios primordiais, deslocando-se para o outro lado, o lado que nunca quis nem pensou ser.

No convívio da Faculdade, não encontrei nenhum colega afirmando que seria o professor que não planeja, o que não é empático, o que não ministra conteúdos, o que não auxilia seu aluno no processo de aprendizado, e muitas vezes, este professor nefasto é reportado como o professor de Educação Física que tiveram nos seus ciclos escolares e que cursam essa faculdade pensando em ser bem melhor que isto, porém reflito, que os mestres que tivemos e que os alunos das escolas agora, também estiveram sentados nestes bancos de faculdade, bradando as mesmas convicções. Considero que nenhum mestre desejou ser este professor.

2.3 AUTONOMIA E ABORDAGENS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Permeando os objetivos, a autonomia estava presente, e para trabalhá-la, o planejamento se apoiou em princípios da abordagem construtivista de João Batista Freire, alicerçado em explorar as capacidades educativas com ludicidade de forma espontânea, e gradativamente propor tarefas cada vez mais complexas e desafiadoras com vista à construção do conhecimento de uma forma conjunta, com o resgate da cultura de jogos, brincadeiras e das danças, levando em conta que a criança sabe sobre brincar, como menciona Darido e Rangel(2005).

Aulas com a finalidade de promover essa construção conjunta de conhecimentos, onde todos, alunos e professor são respeitados, visando torná-las mais significativas, e nem por isso, fugindo das responsabilidades da Educação Física e da tarefa do professor.

E por onde começar? “Por onde poderíamos começar, senão pelo conhecimento que a própria criança possui ao entrar na escola?” (FREIRE, 2011 p 57). Usando estes saberes de base e buscando o conhecimento que resulta da interação e ação com o ambiente que estamos inseridos.

Ao utilizar teorias desta abordagem, atentei a perda de especificidade da prática corporal de movimento que pode vir a ocorrer nesta, como nos explicita Darido(2011). Conhecimento foi construído levando em conta o que o aluno já sabe e sua interação com este, servindo de base para responder a situações futuras e crescer elementos, mantendo-se dentro da área da cultura corporal do movimento.

Elementos da abordagem da psicomotricidade estão presentes, respaldados no conceito da psicomotricidade relacional de Vieira(2009) onde “afeto, a ação do corpo e movimento e o respeito à singularidade estão inseridos, baseando-se no desejo e não somente na lógica do dever”. Explorando a movimentação espontânea, buscando a socialização, autonomia e criatividade, como nos traz Cunha(2016).

Além da transmissão de conhecimento acumulado historicamente da cultura corporal do movimento e priorizar o acolhimento dos saberes destes, visei humanizar os aprendizados, que no conceito de Nunes (2008, p 90), “é transformar todo o conhecimento que temos, em códigos e proposições educacionais, para que a criança entenda a vida, aproprie-se dos elementos humanizadores e integre-se plenamente à cultura.” E que se tornem sujeitos protagonistas de sua história.

A Educação Física vem mudando suas concepções pedagógicas através do tempo, mudanças que acontecem bem mais no papel que no “chão da quadra” propriamente dito. Bracht et all (2002) nos elucida que frente às dificuldades na prática os docentes utilizam as suas concepções e percepções próprias para resolvê-las e não soluções vindas de metodologias. Ministram suas aulas, embasadas nas que usufruíram como alunos e que apreciaram, com técnicas dadas nesta ou falta destas. Dentro do caminho seguido neste estágio, estive ciente dessa dificuldades.

Mantendo o enfoque que o aprender é processo contínuo ao longo de toda a vida segundo Gonçalves (2017) onde aprendizado é uma construção, tanto afetiva quanto motora, não dissociando um de outro, para auxiliar nessa formação de bases, partirei sempre do mais simples para o mais complexo auxiliando no entendimento de cada etapa.

2.4 ATIVIDADES DIÁRIAS - PARA ALÉM DOS MUROS

Após explanar referências que levaram a este estágio ser vivenciado como foi, trarei os propósitos pelos quais estão alicerçados.

Qual seria o maior feito de um professor? Da educação escolar? Na concepção abordada por Gonzales (2009 p. 14) é de tornar acessível às novas gerações um conhecimento que as possibilite “sentir-se em casa no mundo” . A Educação Física necessita extrapolar os muros da escola, não se atendo aos movimentos e aprendizagens que ocorrem no curto período de tempo em que ela ocorre na rotina acadêmica, é imprescindível que o aluno decifre seus códigos e ao ter o pertencimento destes os “leve” para a vida.

O tempo de atividade diária preconizado pela OMS (2020) na faixa etária de 5-17 anos, é de 60 minutos de atividade predominantemente aeróbica. Valores estes relacionados a boa saúde e desenvolvimento motores adequados. Quando as crianças brincavam pelas ruas e praças, estes valores eram facilmente alcançados, hoje, por questões como violência nas ruas e tempo de tela, esta realidade mudou drasticamente.

A Educação Física Escolar, é constituída de dois períodos semanais⁵, que não chegam a 50 minutos, e essa ainda sofre contínuas perdas de horário dentro da grade curricular. Frente ao que a OMS aconselha, observo um contrassenso na diminuição destes períodos. É relevante, para amenizar estes prejuízos, que as aprendizagens ocorridas na hora da aula sejam usufruídas em outros momentos e estímulo para estes patamares serem alcançados

Na atualidade, as atividades físicas das crianças, o brincar, correr, praticar esportes, concorrem com o tempo de tela diário destas. DESMURGET(2021) aponta que, em crianças entre 6 e 12 anos de idade, o tempo de tela, incluindo todos os momentos nestas, deveria ser de 30 a 60 minutos diários. Acima destes valores observa-se prejuízos de diversas ordens, como ciclo de sono, questões de aprendizagem, foco, tolerância, além de propiciar o sedentarismo.

LEMES et all (2021) recorda que na Pandemia de Covid-19⁶ ocorreu um aumento de uso de tela pelas crianças e jovens e que este excesso leva a diminuição das atividades físicas e ao comportamento sedentário, e este, obesidade, doenças cardiovasculares e metabólicas em adultos. A partir destas informações percebe se que estimular as atividades físicas se tornou ainda mais imprescindível.

⁵ Horas aulas vigentes para Educação Física no Rio Grande do Sul no calendário letivo de 2022

⁶ ibdem 2

Este relato atravessa este momento, em que as crianças ficaram mais expostas aos meios digitais e não puderam experimentar, devido ao isolamento imposto, vivências comuns da idade, como pré escola e brincadeiras coletivas e esta influência se fazia presente nas aulas.

Estímulos não buscando padronizar corpos e sim procurando trazer para a vida diária, componentes de todas culturas, sem apagamentos. Legitimando a cultura dos povos indígenas, a afro brasileira e a africana.

Conhecimentos para a vida, de ancestralidade, musicalidade e a cultura da circularidade, que como reflete BINS(2019), representa “o movimento, a horizontalidade dos saberes e a coletividade”, onde todo mundo se olha e todo mundo se vê, todos num mesmo patamar e colocação, sem primeiro ou segundo lugar, e ao utilizar este, referenciar e refletir sobre.

E como fio condutor, frente ao período em que vivemos e tendo em mente a pluralidade que somos, e que ao desenvolvermos um aspecto, todos os outros se modificam, ciente de que o quando o aprendizado ocorre, promoverá evolução em áreas não limitadas às trabalhadas em aula, e será carregada e afetará o todo, busquemos uma transformação positiva em várias direções.

“Entretanto, quando trabalhamos com o ser humano, nunca trabalhamos apenas com um aspecto de sua dimensionalidade, mas atuamos sobre todo o sujeito. Pode se dar ênfase em um outro aspecto, mas a tua si com todas as suas múltiplas dimensões ao mesmo tempo. Consequentemente, afeta o sujeito como um todo. (GONÇALVES 2004 p 60)

Atenta a estes autores e a complexidade desta tarefa que é a relação do aprendente com o mestre, ainda em uma etapa que somos ainda alunos e também professores, cientes das importâncias e limitações que temos nesse processo, consciente do que não almejamos na nossa prática, vamos a ela.

3 METODOLOGIA

A metodologia empregada foi de análise descritiva, analítica, reflexiva e interpretativa usando a técnica de relato de experiência de ensino e aprendizagem das aulas aplicadas no Estágio Curricular Obrigatório, realizado no Ensino Fundamental de uma Escola Estadual na cidade de Porto Alegre, R.S. Estudo longitudinal, ocorrido entre os meses de Julho a Setembro de 2022, utilizando a abordagem qualitativa onde parto de concepções teóricas para interpretar as informações coletadas.

A descrição da vivência do ECO e suas interpretações que servem de base para a confecção deste, como nos recorda Gaya e Gaya (2018) contribuem para a troca de experiências sobre facilidades e dificuldades encontradas e os enfrentamentos. Não é necessário descrever uma experiência vivenciada que se obteve o sucesso, para esse, ser “copiado”. Conquista comumente associada a características como, objetivos plenamente cumpridos, totalidade de conteúdos planejados executados a contento, métodos revolucionários, práticas exóticas ou que no final, o narrador tenha acertado em todas as suas escolhas e obtido êxito em suas estratégias, para que a narrativa tenha valor.

A explanação deve favorecer reflexões, análises e discussões acerca do tema, no caso a atuação educacional em Educação Física em um ambiente de estágio. Ao se inteirar deste trajeto e suas perspectivas, estas servirão para auxiliar no caminho próprio a ser seguido.

Para registro de atividades utilizei o plano de ensino e o diário de campo, chamado “memória das aulas”, onde descrevia as minhas aulas, percepções sobre, as situações que aconteceram, sensações, associações e reflexões sobre estas. O mesmo, só em menor proporção, sobre as aulas ministradas pelos colegas.

Descrevo desde a concepção e confecção dos instrumentos de coleta, e a aplicação do mesmo, explicitando cada aula, suas especificidades e relevâncias e as reação dos alunos frente a estas. Descrições e reflexões sobre a participação, aprendizado e apreciação dos sujeitos envolvidos, estudantes do 1º ano de uma Escola Pública Estadual de Porto Alegre e da narradora deste relato, a professora estagiária e aluna da disciplina de ECO da UFRGS.

Para descrição da escola e seus sujeitos, realizei uma pesquisa com a supervisora desta. Incluí reflexões acerca do resultado desta entrevista. No grupo de

trabalho detalho cada turma, horários, turnos e características. Descrevo detalhadamente os espaços físicos onde a Educação Física pode ser realizada e materiais. Explícito sobre como ocorre o Estágio de docência de Educação Física na UFRGS, seus objetivos e cronogramas para conhecimento, pois estes também influenciam na experiência vivenciada.

Considero se os objetivos foram alcançados ou não, revejo os processos, se os conteúdos propostos foram abarcados, reavalio os métodos, modificando-os e replanejando quando necessário. Na execução do plano, observo os alunos e suas reações. O que gostaram, adaptaram, recriaram, “levaram” para a vida. Recordando que o processo avaliativo precisa ser coerente com os objetivos que traçamos, avaliando a ampliação dos conhecimentos do aluno sobre as práticas ofertadas e sua compreensão a partir do planejamento do professor (LEONARD et al, 2017)

Evidencio e descrevo, para melhor compreensão do leitor, o ambiente e seus regimentos, o contexto, o grupo e os recursos envolvidos neste relato e entendimentos sobre os estágios de docências em Educação Física na UFRGS.

Utilizo nomes fictícios de turma e dos sujeitos envolvidos, alunos e professores, para preservar as suas identidades.

3.1 CONTEXTO

A escola onde ocorre este relato, se localiza nas proximidades do parque Farroupilha no bairro de mesmo nome, em Porto Alegre. Atende de 1º ao 4º ano, faixa etária de 6 a 10 anos. É uma filial, cuja a sede, é uma tradicional escola pública estadual, que além de todos os níveis de educação, possui curso técnico de magistério, níveis estes que se desenvolvem em outros prédios e bairros da cidade.

No turno da manhã e tarde, atendem, respectivamente, 131 e 139 alunos. Nas turmas no turno da manhã, na qual não temos estágio de Educação Física da UFRGS, temos dois professores desta disciplina, que são responsáveis por três turmas de 1º ano, 2 turmas de 2º ano, 1 turma de 3º ano e 2 turmas de 4º ano.

Os sujeitos deste relato, são alunos de 1º ano, no turno da tarde, duas turmas, Biguás(B), e Andorinhas(A), aulas que ocorrem segunda-feira e às quartas,

às 13:30h-14:20h respectivamente. Estas turmas têm aula com uma única Professora de Educação Física, neste relato nominada Suiriri, que é a responsável pelo turno da tarde. Nas sextas, com estas duas turmas, ocorre um período de aula de Educação Física, dadas por esta professora inclusive no período do estágio.

Segue algumas características socioculturais desta escola, partindo do pressuposto que o ambiente, comunidade dele inserida, os sujeitos que nela transitam são partes integrantes do mecanismo de aprendizagem e permanência, embasada no que nos aponta Castro Perez (2015), onde discorre que um bom ambiente escolar repercute positivamente nas possibilidades de aprendizado e motivação do aluno.

Chegam ao colégio de várias formas, alguns poucos são de perto. Há alunos de outros municípios da grande Porto Alegre. Muitos são filhos de ex-alunos da escola ou têm parentes que já estudaram aqui e gostariam que seus filhos estudassem também. Nota-se que a escola tem este caráter de responsáveis mais ativos no ambiente escolar, e que escolheram esta para darem seguimento do ensino dos filhos, mesmo estando distante de onde moram, por provavelmente guardarem experiências positivas deste ambiente.

Durante o ano letivo, a entrada de alunos novos e saída de alguns, acarretando em acomodações na turma. Os principais fatores são particulares, como troca de residência, desemprego, mudança de emprego, passagem mais cara, colocar os filhos em uma só escola no mesmo turno.

Alguns pais, escolheram esta por ser próximo ao emprego e ou de fácil acesso. Alguns reportam que é melhor sair da vila ou que é uma escola melhor ou por ser uma escola pequena. Percebo nestas características a opinião positiva que a comunidade do entorno tem sobre esta.

Os pais, em geral, estão presentes na escola, em reuniões periódicas no início do ano, a cada final de bimestre e sempre que necessário e em exposições abertas de trabalhos dos alunos

Em torno de 10% de alunos com bolsa família ou vulnerabilidade. Muitos professores estão a bastante tempo, e corroborando com os dados estaduais, os professores estão divididos entre contratados e concursados. Ferreira (2022) informa que, em novembro de 2022 o Estado do Rio Grande do Sul contava com 31.440 (55%) professores efetivos e 25.592 (45%) contratados que demonstra que a realidade do estado é refletida nesta escola.

O Plano Político Pedagógico (PPP) desta instituição, fica na sede, não temos acesso a este e está em construção. Explano sobre a falta de PPP mais adiante neste relato⁷, quando discorro sobre o planejamento das aulas. Seguem o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul para direcionamento de conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas com os alunos.

As informações sobre a escola foram obtidas com a supervisora através de perguntas feitas por meios eletrônicos e pessoalmente.

3.2 GRUPO DE TRABALHO

Alunos do Ensino Fundamental, duas turmas de 1ºano conforme tabela

Quadro 1 - Horários e Grupo de trabalho

	Horário/dia da Semana	Ano/Faixa Etária	nºalunos
Turma A	13:30h às 14:20h/Quarta Feira	1º Ano/ 6-7 anos	18 (12 meninos, 6 meninas)
Turma B	13:30h às 14:20h/Segunda Feira	1º Ano/ 6-7 anos	19-20 (10-11 meninas, 9 meninos)

Quanto aos alunos de inclusão, na Andorinhas (A) com 2 alunos de inclusão, 1 com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outro com Déficit Intelectual(DI) e na Biguás, 1 aluno de inclusão, com TEA, e no mês de Setembro, entrou outro com TEA. Destes, apenas um aluno demanda uma atenção mais específica, o com déficit intelectual. Não conta com a ajuda de monitores ou afins.

A professora de Educação Física da instituição estava presente nas aulas, observando, bem como alguns colegas da disciplina de ECO e a professora supervisora do estágio curricular.

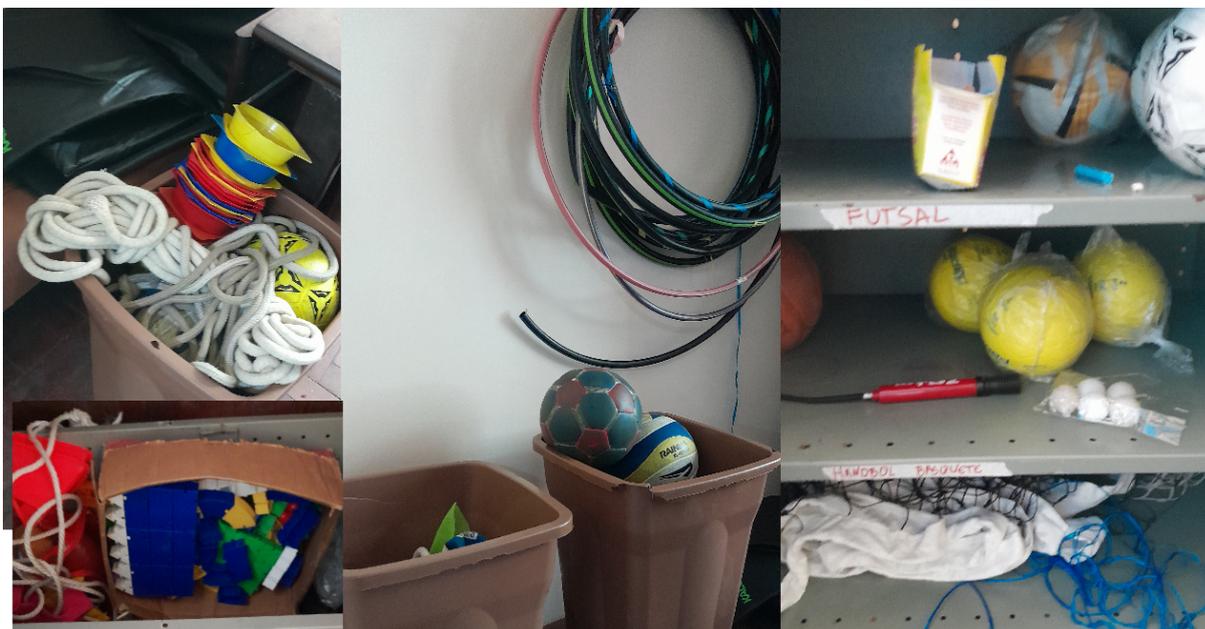
3.3 ESPAÇO FÍSICO E MATERIAIS

O Espaço físico para realização das aulas de Educação Física, compõe de uma quadra pequena(9 m x 14 m), ao ar livre, com marcações adaptadas da quadra poliesportiva tamanho padrão. Pátio, no térreo, coberto pelo prédio da escola com um bom espaço. Sala de tamanho médio "multimídia", com uma televisão. Biblioteca, mesmo tamanho da multimídia, com quadro branco

⁷ No item 4.2 abordo as reflexões e informações acerca do PPP

Dispostos em uma pequena sala de materiais, os materiais disponíveis, 10 Cones pequenos, 6 cordas, 16 arcos, 12 bolas de borracha, bolas de outros tamanhos, materiais diversos como peças de encaixar, escada de procedimento, giz.

Figura 3- Fotos Sala de materiais



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4 - Foto Pátio interno



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 5 - Foto Quadra externa

Fonte: Arquivo pessoal

3.4 ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

O Estágio De Docência De Educação Física No Ensino Fundamental, o Estágio Curricular Obrigatório(ECO), é realizado preferencialmente na sétima etapa do currículo atual da UFRGS, após concluir as disciplinas bases, como Jogos e Práticas Expressivas, Aprendizagem Motora, Fisiologia entre outras, e principalmente a disciplina de Fundamentos da Educação Física no Ensino Fundamental, pré-requisito onde a parte teórica, e as características sociocognitivas e socioculturais referentes a estes ciclos é abordada.

A carga horária desta disciplina no semestre de 2022/01, foi distribuída em dois encontros semanais, nas segundas e quartas feiras, das 13:30 às 17:40, perfazendo uma carga horária de 150 horas. Cumprida, exercendo a regência de turma em turma específica e observando as aulas aplicadas pelos colegas no comando de suas.

Em sua ementa⁸, identifica a oportunização de prática aos estudantes, as discussões e reflexões sobre essa e a competência do docente de Educação Física no Ensino Fundamental.

⁸Disciplina: EFI 99001: Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental UFRGS 2022/01

Iniciamos com dois encontros teóricos, o conteúdo destes, as leis que cercam os estágios, e algumas abordagens e onde as turmas possíveis de se realizar, ou seja, as que ocorriam no horário da aula do estágio, foram divididas. Divididos em matriz e filial, ano e em dupla de estagiários. Por questões de desistência de um graduando, o estágio do 1º ano a qual fui designada, foi individual.

Após estas aulas iniciais os estagiários foram conhecer a escola e os professores que irão trabalhar e se apresentar para os mesmos. Primeiramente um encontro na escola sede, depois, em uma segunda aula, o grupo que trabalharia com 6 a 10 anos no ensino de 1º a 4º ano foi para a escola filial.

Nas aulas subsequentes observamos a turma a fim de realizar um diagnóstico. No caso específico do 1º ano, foram designadas duas turmas diferentes devido aos horários destas, o outro período de Educação Física, dos dois que compõem a semana, ocorria na sexta feira, dia que não havia estágio, e eram dadas pela professora responsável.

A rotina que estabeleci no ECO e com a turma era: Chegava ao colégio, me apresentava para entrar, separava material se necessário, acompanhava ou conduzia a fila dos alunos até a sala de aula no momento do sinal, mais ou menos às 13:30. Na sala de aula deixavam seus materiais com a professora de Classe, pegavam sua garrafinha de água e se colocavam em fila na parte de fora da sala à espera da condução até o local onde se realizaria a Educação Física. Na volta, que ocorria até as 14:20, acompanhava até a classe. Após a aula ministrada, observava a dos colegas e fazia as devidas anotações para as memórias.

Nesta disciplina, realizei o Plano de ensino em consonância com as matrizes de referência do Ensino Fundamental no Rio Grande do Sul⁹, que segue o Referencial Curricular Gaúcho, o qual a escola se baseia. Confeccionamos o Planejamento para o bimestre escolar no qual ocorreria o estágio, memórias de cada aula, onde colocamos o nosso parecer da aula por nós conduzida e a dos colegas que observamos, atentos aos procedimentos didáticos e por fim, realizamos um relatório final com todas estas informações.

Para a realização do plano, utilizei as habilidades a serem desenvolvidas que constam na matriz curricular, para o terceiro bimestre, época que ocorreu a prática docente do estágio, e essa compreendem em, brincadeiras e jogos da cultura

⁹Documentos que apontam as habilidades essenciais a serem desenvolvidas em cada ano e etapa ao longo do ano letivo na rede estadual. Neste estágio, matrizes de 2022

popular presentes no contexto comunitário e regional, aborda também as unidades de esportes de marca e precisão e danças, do contexto comunitário e regional.

Este relato de experiência e estágio, aborda os Jogos e as Brincadeiras, muitas delas já praticadas pelas crianças, adicionado novos elementos e novas formas de brincar, como as cantigas de roda. Danças de contexto comunitário atual planejadas para essa faixa etária, regionais gaúchas, de matriz africana e indígena.

A professora responsável da disciplina do ECO requisitava que três habilidades da matriz curricular deveriam ser trabalhadas com as turmas, mas percebemos que ao desenrolar do bimestre e devido às peculiaridades deste estágio optou-se por manter duas unidades didáticas.

Nas vivências detalhadas é relatado o que é pertinente, partes do planejamento, dos planos e das memórias realizadas para esta disciplina.

Utilizei nomes fictícios dos sujeitos envolvidos, professora de Educação Física e dos alunos, para proteger suas identidades.

Figura 6 Desenho Dia de sol na quadra



Fonte: Arquivo Pessoal

4 VIVÊNCIAS

Intitulei vivências esta parte do meu relato, em concordância a definição do dicionário on-line Michaelis(2023), “algum fato ou situação pelos quais se passou e dos quais se tirou algum conhecimento; experiência”. Corpo e mente vivenciando em consonância.

Relato fatos e situações, desde os motivos das escolhas e para que sujeitos, depois como planejei e construí o planejamento bimestral e seu escalonamento de importâncias e posteriormente como executei este. Na execução, analiso as memórias escritas e se os objetivos foram alcançados.

Após a trajetória nesta trilha, narro considerações sobre o caminho, as escolhas e outros rumos. Permeado em todas as fases busco uma análise descritiva, analítica, reflexiva e interpretativa dos momentos vivenciados e os conhecimentos e experiências que adquiri destes.

4.1 POR QUE E PARA QUEM.

Cada habilidade, conteúdo, objetivo, prática corporal que escolhemos, deixamos outras tantas preteridas, detalho neste, as bases, as motivações que levaram aos caminhos percorridos.

Freire(1995 p 9), declara, “Antes que planejemos a nossa aula, a vida nos planejou. Os professores são mais que os livros que leram, os discursos que ouviram, as correntes pedagógicas que se impuseram” Como não podia ser diferente, a minha trajetória foi permeada por minha história de vida e valores.

A faculdade, desde os primeiros semestres trouxe subsídios para este poder de escolha, esta professora que aqui esta, foi formada com textos de socioculturais, disciplinas ministradas na faculdade de educação, nas de práticas corporais, de desenvolvimento e aprendizagem motora e outras tantas, afinada na pedagogia, e nos fundamentos, sem esquecer os esportes e a apaixonante Interculturalidade e Grupos Étnicos que cursei no semestre concomitante ao estágio, em todas estas, os professores me auxiliaram a planejar meu futuro como mestre. Possuo um pouco de cada na minha forma de pensar a aula, e almejo um dia, na minha forma de ministrar a aula.

Um grande aprendizado na trajetória foi ser monitora em uma disciplina de primeiro semestre desta faculdade, Práticas Corporais Expressivas. Disciplina ofertada para a primeira fase da Faculdade de Educação Física da UFRGS, no currículo vigente quando ingressei, como aluna no segundo semestre de 2018 até o ano de 2021.

A monitoria nesta foi do segundo semestre de 2019 de forma presencial em 2020 e primeiro semestre de 2021 em Ensino Remoto Emergencial devido a suspensão de aulas presenciais devido a métodos vigentes de controle da pandemia de Covid-19 e no segundo semestre de 2021 de forma híbrida, pelo mesmo motivo exposto anteriormente. No primeiro semestre de 2022 fui monitora da disciplina de Jogos e Práticas Expressivas, pertencente ao currículo adotado por esta faculdade neste ano. Ministradas, em todos os semestres e formatos pelo docente desta Universidade, Dr. Clézio José dos Santos Gonçalves.

Marcou e marca a trajetória de qualquer discente esta experiência, elucidada Frison(2016) “a monitoria tende ao êxito nos espaços universitários, por investir na aprendizagem ativa, interativa, mediada e autorregulada” e aprendi, entre tantas coisas, a prática de respeitar o aluno, a conhecer a mim e os outros que me cercam, a ter uma atitude de reflexão sobre associação intrínseca entre os conteúdos e práticas, bastando estarmos atentos para estes pontos de conexão.

Cito, várias vezes, minha inexperiência como docente. Não culpo a faculdade por isso, esta tem projetos¹⁰ como o PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e como a Residência Pedagógica. Os quais, em diferentes níveis do curso, fornecem a experiência de exercer a docência e aprender com a prática. Influenciou a minha história como professora não conseguir encaixá-los na minha rotina.

Mesmo inexperiente, mantinha claro a professora que não queria ser. E o que não desejava? Não queria ser como meus professores de Educação Física no colégio, na década de 80, sobre os quais, vim entender na faculdade, eram frutos de

¹⁰ PIBID e Residência Pedagógica O PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência “ tem por finalidade proporcionar aos discentes da primeira metade dos cursos de licenciatura sua inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes” mais informações em <https://www.ufrgs.br/pibid-ufrgs/> E o Programa de Residência Pedagógica (RP) ,a partir da segunda metade de seu curso.mais informações em: https://www.ufrgs.br/coordenadoriadaslicenciaturas/?page_id=62

uma época, esportivista, militarista, voltada ao gesto técnico perfeito. Essa não seria eu.

Em outro extremo, ser a professora “largobol” , onde, o professor não é um professor e não ministra aula, apenas entrega o material, a bola, na mão dos alunos, não cumprindo o papel de transmitir os conhecimentos do escopo da Educação Física, e que, infelizmente, muitos no meu convívio referem que era este tipo de professores de Educação Física que encontraram nos seus anos de colégio.

E neste manancial de informações, o que é mais caro na Docência? A sabedoria das crianças, dos alunos. Um ser pensante. Ao tocar neste tema, em qualquer disciplina cursada, percebia que como mestre, este era meu desejo, trazer essa sabedoria para as aulas.

Foquei meus objetivos, em conhecer o que o que sabem, e partindo disso, adicionar elementos, com subsídios para brincadeiras conhecidas, atividades da cultura e dança popular e do contexto regional, almejando que estas ultrapassem os muros da escola.

As horas-aulas de Educação Física, em 2022 no estado do Rio Grande do Sul, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, somadas, chegavam a 100 minutos semanais, menos de 2 horas, mesmo se fossem de atividade intensa não chegariam aos valores recomendados pela OMS supracitados. A criança precisa se movimentar, para desenvolver de forma plena múltiplas dimensões e nesta necessidade temos o querer brincar por prazer, o desejar se mexer, que inclui ter conhecimento e repertório de brincadeiras para usufruir fora do horário de aula.

A autonomia, estava presente em vários momentos pensados para a aula, concomitante com o trabalho coletivo, a inclusão, o prazer, a criatividade, e o não distanciamento de elementos da comunidade e da realidade da época que os cerca e da qual fazem parte. Segundo Pires (2007) “os princípios que sustentam a participação infantil indicam que é necessário investir na autonomia infantil” . Para estimular esta participação ativa, onde a criança é protagonista de sua história.

É importante considerar que a cultura corporal do movimento humano é destaque na nossa existência e que as crianças na atualidade possuem saberes e visões do mundo diferente de outras gerações. A disciplina de Educação Física tem o papel de favorecer essa integração, é ela que instrumenta o aluno e gera experimentação para usufruir de danças, jogos, esportes, lutas e ginástica de forma crítica e em benefício da melhoria da qualidade de vida, como aponta Darido(2012) e com a intenção de formar cidadãos produtores, reprodutores e transformadores desta cultura.

Como a Educação Física pode contribuir para formar este “novo” cidadão? No meu olhar, instrumentando-o com conhecimentos que façam sentido a esta geração sem perder o que foi historicamente construído, ou seja, trazendo elementos que agreguem sua caminhada, sem esquecer que o caminho é o deles. E como trazer este sentido para a aula? Para auxiliar no desenvolvimento destas crianças, recordar que possuem cultura de movimento própria, formada pelas vivências destes, por brincadeiras, atividades diária, sem esquecer o ambiente que os cerca.

Hoje, este ambiente é permeado pela cultura digital, esta mesma, bastante plural. Usando o TikTok, aplicativo digital que apresenta pessoas fazendo coreografias de trechos de músicas atuais, como exemplo, crianças de 9 anos, imitam e dançam perfeitamente e na aula, seguidamente, não conseguem atingir desempenho motor adequado para sua faixa etária nem seguir combinados. Como conectar?

Percebo que, utilizando como ponto de partida o conhecimento que possuem, mas não se limitando a este, ou seja, no exemplo dado, não apenas o professor reproduzindo com estes as coreografias propostas da plataforma, e sim, fornecendo e acrescentando elementos, músicas, movimentos corporais sentidos e olhares novos, pois a tarefa do professor é enriquecer as vivências dos alunos, e municiá los com informações, que levem a reflexões sobre a prática e suas peculiaridades.

De reprodutores, terão a capacidade de se tornarem produtores. E para transformadores da cultura, precisam ser informados dos ingredientes que compõem essa, para então, estarem capacitados para refletir onde essa se posiciona na sua vida e torná-la autoral, e então, transformá-la.

Por fim, estudos mostram que crianças e adolescentes, que praticam atividades físicas diárias colhem benefícios no campo da prevenção de doenças na promoção da saúde, como demonstrado no PNUD(2017). Contribuições observadas durante a infância e adolescência e que podem também permanecer na vida adulta. Nós, professores de Educação Física, não podemos nos ausentar de nossas responsabilidades, frente a esta ferramenta que é a Educação Física Escolar, auxiliando no aumento do repertório das crianças em várias instâncias.

4.2 PLANEJANDO E CONSTRUINDO.

O Mestre que não desejo ser, é aquele que não tem planejamento intencional de suas aulas e decide o plano de aula no dia desta. Prática comum, reportada a mim, ao conviver com professores que trabalham em rede pública e alunos de licenciatura em Educação Física que estão em estágios em escolas, obrigatórios ou não, o hábito de “planejar” a aula a ser dada no dia, minutos antes de ministrá-la. Ou no transporte, ou logo que chegam à escola. Normalmente o fazem alegando que dominam fortemente os conteúdos trabalhados. Não ligam esta a um planejamento maior, muito menos objetivos coerentes e intencionais traçados anteriormente

Busquei escolhas que seguem uma lógica intrínseca, para chegar nos objetivos traçados. Alternativas estas fundamentadas também nos referenciais e normativas da época presente, tanto o Referencial Curricular Gaúcho quanto a Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Ao planejarmos nossas aulas, como professores ou estagiários-professores, o Projeto Político Pedagógico(PPP) da escola deverá ser uma direção de nossos objetivos, para estar em consonância com o da instituição.

Surpreendentemente esta escola não tem um PPP que podemos consultar, não tem um projeto claro. O PPP é um documento de caráter obrigatório regido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) 9394-96,O artigo 12, inciso I, "Os estabelecimentos de ensino respeitando as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica", BRASIL(1996). As escolas, após a homologação da lei, tinham 10 anos para formular o seu, porém, ainda hoje, esbarramos constantemente na ausência deste nos colégios aos quais realizamos estágio

Em todas as escolas que tive contato, e mais as que pesquisei para outras disciplinas, em diálogos com professores e colegas que atuam em outras escolas, não foi fornecido o PPP, ou quando requisitado, mencionou ter este pronto.¹¹

A importância deste, onde os objetivos a serem alcançados pela instituição devem estar explicitados neste Projeto e serem acordados com a comunidade escolar, adquirindo um caráter direcionador para os propósitos da escola, o planejamento dos professores com seus alunos, afinal, o fio condutor que define a finalidade, o “para onde queremos ir” o que queremos que nosso aluno aprenda, dê valor, aqui neste ambiente de ensino.

Veiga(2013) menciona a importância desta finalidade, que precisa ser conhecida, refletida e buscada coletivamente dentro do ambiente escolar e Fonseca(2015) aponta que esta decisão começa no documento onde é definida esta finalidade, o PPP da escola, que como nos descreve Guedes(2021) é o documento que associa as esferas pedagógicas, administrativas e políticas, que orienta o caminho a ser percorrido, as importâncias, definidas e refletidas estas por toda a comunidade escolar, pais, professores, alunos, núcleo gestor, núcleo pedagógico e demais funcionários, e assim definir que tipo de cidadão que esta escola irá formar.

Percebo que, sem este, os objetivos estão sujeitos a determinações particulares, sem continuidade, se refletindo em uma prática sem objetivo definido e isto se reflete também na Educação Física e no coletivo e individual que por ela passa interferindo em todos os outros componentes da escola e se torna perceptível na condução individualizada de alguns mestres.

A intencionalidade do plano, as habilidades que estas crianças deveriam ser capazes após as aulas estavam presentes em cada construção e reconstrução dos planos. Apoiado em ideias e autores construtivistas, refletindo sobre os processos de assimilação e acomodação, como informa Darido(2012) e reconhecendo que o conhecimento necessita de base e se mantém constantemente em reorganização. Ciente que quando exercemos a docência na prática, as abordagens se sobrepõem, porém, consciente das quais guiam.

Na construção do Planejamento, explorei modos de realização onde ocorressem trocas de conhecimento, respeitado os saberes ofertados pelos

¹¹ As exceções reportadas são, o Colégio Aplicação da UFRGS em Porto Alegre, disponível em <https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/plano-politico-pedagogico/>. E foi fornecido o do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis S.C. na disciplina de Fundamentos da Educação Física no Ensino Médio cursada em ERE 2021/01.

aprendentes, e conjuntamente, adicionar outros saberes, elementos que aprimorem seu repertório e levem a usufruir melhor de atividades corporais, tanto no seu momento de brincadeira e lazer, quanto em novos repertórios motores, sem desprezar o que já sabem, realizando trocas, sem deixar de se eximir das responsabilidades do professor.

Tencionei realizar a horizontalização de conhecimentos, pois, frequentemente, na hora de sermos professores, voltamos à verticalização da informação, onde temos o domínio e nosso aluno se torna um mero reproduzidor de gestos motores por nós “ensinados”, saberes nossos que acabam não se relacionando com as experiências que possuem, não encontrando base nem sedimentação.

“Se a ajuda oferecida não se conecta de alguma forma com os esquemas de conhecimento do aluno, se não é capaz de mobilizá-los e ativá-los e, ao mesmo tempo, forçar a sua reestruturação, não estará a cumprir efetivamente a sua missão. Assim, a condição básica para que a ajuda educativa seja eficaz e possa atuar como tal é que essa ajuda se ajuste à situação e às características que apresenta, em cada momento, a atividade mental construtiva do aluno”. (GOÑI 1999 p. 102)

As conversas dialogadas constam no planejamento e nos planos de aula, visando conhecer e respeitar os saberes dos alunos, conectando-se a estes, e motivando-os para a aprendizagem. Como já mencionado, o ensino deverá partir do patamar que o aprendiz se encontra.

As atividades foram pensadas respeitando o encadeamento do mais simples para o mais complexo, sedimentando o conhecimento antes de acrescentar dificuldades e estas, sempre foram acrescentadas..

Articulado com o momento, fazendo um recorte no tempo que ocorreu este relato, pois, tudo está interligado, estas crianças não tiveram a experiência de pré-escola ou mesmo, muitas, nem convivência com outras de sua faixa etária por dois anos, devido as medidas necessárias para combater a Pandemia de Covid-19¹². Carecem de repertório de brincadeiras, vivências com outras crianças, movimentos que levam a alfabetização motora e relacionamento social. Estes dados também foram levados em conta neste.

O planejamento então, foi definido pela minha história de vida e cultura que me cerca o que considero importante, quais objetivos almejo alcançar em conjunto com meus alunos, que habilidades ou conteúdos. Refletindo o que aprendi em anos

¹² ibidem 2

de estudos na Faculdade de Licenciatura em Educação Física, e o arcabouço teórico sobre quais métodos, abordagens, competências que combinam com meus anseios de professora, e os que não combinam, atenta igualmente aos direitos dos alunos de aprender e as diretrizes e normativas seguidas no corrente momento.

Recordando que “o planejamento enquanto o processo é permanente. O plano enquanto o produto é provisório” Fonseca (2015 apud VASCONCELOS,1999, p 80)¹³, relato sobre a construção dos planos.

Comumente o ECO é realizado em dupla onde a divisão ou cooperação de regência das turmas. Atuar em docência compartilhada, como afirma Gonçalves(2017) viabiliza “vivenciar a ação de docência sob diferentes perspectivas com olhares diferenciados sob o processo de formação”. Acrescer novos ângulos colaboram para que o aluno estagiário possa coletivamente, com sua dupla, debater, discordar, concordar, analisar um ao outro exercendo a regência e realizar feedback um para o outro, com a profundidade que só quem leciona para mesma turma tem como fazer.

Foi uma ausência bastante sentida por mim, este crescimento que temos quando debatemos e aprendemos com o outro, quando temos o olhar do outrem sobre o que realizamos e o nosso olhar sobre a construção e os caminhos por este seguido.

Reflito que essa é a realidade do professor de Educação Física na escola, normalmente solitário, o problema é que como estagiária não me sentia preparada para ela, além desta lacuna no aprendizado coletivo. Narro este fato pois o desenrolar desta construção de planos, o ECO e conseqüentemente este relato, não seria o mesmo.

Em minhas rotinas de construção, sentava na frente do computador, elencava os objetivos coerentes com o planejamento, separava unidades, catalogava práticas corporais possíveis e refletia. Como passar da teoria para prática o que pesquiso e idealizo? Que práticas, atividades, conversas auxiliarão nessa tarefa? Presumo que esta deve ser a dúvida de muitos professores inexperientes e até dos experientes.

O Diagnóstico da turma foi realizado acompanhando as aulas de Educação Física realizadas pela professora Suiriri das respectivas turmas, duas na Biguás, uma das Andorinhas. Ao meu entendimento, e talvez inexperiência, uma aula ou

¹³ ibidem 4

duas sejam pouco tempo para um diagnóstico razoável, porém, era o que o cronograma permitia.

Constatei que eram turmas em torno de vinte alunos, que a professora de forma segura conduzia a turma, utilizando metodologia com características desenvolvimentista e analítica e o componente lúdico não estava presente. Novamente reforço que foram poucas aulas observadas em cada turma. E o diagnósticos dos alunos, 40 crianças em poucas aulas, foi bastante superficial. Observando apenas que não alcançavam alguns gestos motores esperados e que tendiam a dispersão comum para esta idade.

Após estas observações a opção por Jogos e Brincadeiras e Danças, aconteceu, por escolha e também pela casualidade. Não escolhi esportes de marca e precisão, que também constam no Referencial Gaúcho seguido pela escola, por este conteúdo ser ministrado pela professora de Educação Física da instituição nas sextas-feiras, dia que não ocorria ECO. Este ponto exemplifica que as circunstância afetam as escolhas e o ideal, que seria uma continuidade, não ocorreu.

De posse destas informações e sabendo aonde queria chegar, fui construir a caminhada ponto a ponto no meu mapa. Ministrava aula para duas turmas de mesma faixa etária e ano de série, não fazia sentido serem planos diferentes, podendo inclusive desta retirar a experiência única, de aplicar o mesmo plano em grupos sociais diferentes, momentos diferentes meus e deles. Repetia, observava e refletia sobre as reações.

Desta forma, o recalculando a rota de uma aula para outra, usando o mesmo plano de aula, colocando em prática algumas teorias com uma turma e não funcionando, com a outra fazia pequenas modificações, às vezes só sequenciais, corrigindo ou não o “problema” inicial. Sempre tendo em vista que mesmo sendo “amostras” parecidas, tinham semelhanças e diferenças, e não era, como em um laboratório, algo meramente reproduzível. Desde a primeira semana de aula, utilizei desta oportunidade, realizando pequenas modificações na atividade trabalhada. Cito esta e outras mais adiante¹⁴ nesta narrativa.

Um empecilho era o número de aulas, que desta forma foi reduzido pela metade. A exigência da disciplina de ECO era trabalhar com três unidades didáticas e durante o semestre, foi acordado trabalhar com duas, devido ao fator quantidade de aulas.

¹⁴ Detalhado no item 4.3 e seus subitens

Para toda aula, fazia um rascunho, para ter em mãos, crédito isso à inexperiência, ou ainda a falta de prática em dar uma aula sequenciada. Preferia este escrito do que ficar conferindo no celular. Detalhava algumas informações, que temia esquecer e que desejava dividir e perguntas que queria fazer a eles. Este temor em esquecer advém do fato de ser uma pessoa com TDAH, o funcionamento desfocado do cérebro pode causar mais frequentemente que em outros, esquecimentos em sequências de informações que precisam ser acessadas. Para contornar, utilizo memórias visuais escritas.

Neste rascunho, separava cada parte da aula em minutos. Não seguidos de forma rígida, apenas para a professora em formação poder se situar. Também uma planilha com seus nomes para chamada e o local onde realizava algumas anotações sobre estes.

Determinado os objetivos, os conteúdos desejados de aprendizagem, e a sequência que seriam dados, definia qual jogo ou brincadeira ou dança se enquadraria mais a este, então buscava contextos, músicas, temas, história para acrescentar.

Dentro destes, o não apagamento dos povos indígenas e africanos era um tema caro de trabalhar com eles. Trabalhei sim, músicas de cultura europeia nas rodas, mas não deixei de trabalhar outros valores de culturas não eurocentristas. Além de trazer a temática para debate em aula, para se fazer pensar e fazer conhecer, para se refletir e não como algo específico num dia específico.

Busquei adicionar conhecimentos aos que eles já possuíam. Como o exemplo da roda, círculo sentado de frente, que já realizavam, trouxe a informação sobre características da circularidade onde todo mundo se vê e está na mesma posição, Reforcei esta informação muitas vezes que realizamos roda, tanto sentado como de pé.

Trouxe músicas e conversas sobre costumes, oralidade, musicalidade, e respeito à ancestralidade tão presente na cultura africana, e o respeito aos saberes de cada um e a terra que habitamos dos povos indígenas, e os que formaram nosso povo, trazendo, como na semana oito, músicas e costumes da cultura Kaingang e Guarani, povos que aqui habitaram e habitam, reforçando o tempo presente.

Alguns jogos e culturas populares partiram totalmente deles, como “ovo podre”. Eu, como mediadora de saberes, pesquisei sobre e trouxe o maior número

de informações possíveis que contextualizaram a prática. Uma prática antiga, com sua lógica intrínseca, popular em nossa cidade e em outras culturas e povos.

Ao observar, brincarem de se jogar no chão, inclusive em momentos que isto não era o combinado, pensava práticas que pudessem explorar este nível de forma a aprenderem que podemos brincar em qualquer lugar, sem podar, apenas me apoiando neste gesto. Encontrei estas e as descrevo nas aulas da sexta semana.

Desafios como na introdução do tema dança, onde alguns vieram me relatar, afirmar até, que menino não dança, e mesmo após eu informá-los sobre homens dançando, utilizando concomitantemente a fala de outro aluno, que comemorando gol no futebol se dança, eles continuava arredios. Pesquisei então, para as próximas aulas, danças que só os meninos dançassem e fossem coerentes com meu planejamento. Na nona semana, que discorro adiante, apresentei a chula, dança regional gaúcha, acompanhada de uma figura impressa¹⁵ de homens realizando, já que não dispomos de meios visuais na escola para vídeos.

Com os alunos de inclusão foi um universo com cada um, e para cada, tive que me adaptar de uma forma diferente. Pesquisei sobre e busquei informações sobre cada um. Busquei observá-los e o auxílio da professora de turma, sobre particularidades.

Percebo que no final, que queria ter feito mais, mas dentro das capacidades de ministrar aula para uma turma de muitos alunos cada um com seus desafios e atender para individualidades mais peculiares como estas, em geral tive mais ganhos e que perdas. E pelo que pude observar nos feedbacks, avalio que eles também. Narro sobre em itens vindouros.

Ocorreram mudanças inclusive por descobrir desafios na estrutura física, como ao dar aula no pátio coberto em dia de chuva constatar que ele é escuro e com uma acústica terrível, que dificulta muito o entendimento dos alunos, como ocorreu na quarta semana.

Quando meus alunos “perdiam os repeito” em algazaras ou não cumprindo os combinados, consegui sempre me manter na professora que quero ser, e essa é uma das minhas maiores vitórias. Frente a estes desafios, procurava elementos que os trouxesse para as aulas, se não conseguia para a que estava ocorrendo, para as próximas.

¹⁵ Figura 12 no subitem 4.3.9

Percebo que nós professores temos o desejo ferrenho, de ordem e progresso e que nosso plano seja seguido à risca. Como nos dedicamos a ele, concluímos, ilusoriamente, que nosso aluno irá seguir, e quando não acontece, o baque. Isso ocorre pelo sucesso da aula, frequentemente, ser balizado por turma disciplinada, como discorre Antunes (2011) que comenta sobre este imaginário do aluno difícil, e recorda que a escola e sua estrutura é um local de conflito, buscando por vezes medir seu grau de êxito pela robotização dos alunos, que são seres completos que possuem desejos e necessidades. Como assim, conversou, fez barulho, realizou movimento fora combinado? Como assim, a criança não agiu como esperado?

Tentei não me engessar nestes. Manter em mente que quase nada na vida é como o esperado. Não deixei, indo para o outro extremo, a aula ser conduzida por eles. Mudava o foco mantendo os objetivos e principalmente, depois de adquirir um pouco mais de experiência, parava a aula e conversava, tentando entender em que ponto eles estavam. Quase sempre consegui.

Sobre o funcionamento das aulas propriamente ditos, não gosto de filas longas de espera, pois percebo que favorecem a dispersão e um longo tempo com poucos fazendo algo, concordando com Darido(1995), “Ora, por que permanecer tanto tempo em longas filas, se desta maneira a aprendizagem de movimentos é dificultada?” Sempre que pude, evitei ou dividi de forma a fazer pequenas filas. Outra decisão difícil foi a de como proceder na formação de grupos ou duplas. Não penso que existe certo ou errado, mas queria que elas escolhessem por fatores que explanam a seguir

Formar duplas é sempre um desafio com crianças tão pequenas, muitos não entendem o conceito de dupla, outros não querem se separar do seu pequeno grupo, às vezes de número ímpar. Deixei a livre demanda, uma escolha difícil, pois sabia que levaria a impasses.

Preferi assim para se sentirem à vontade com sua dupla, deixando para mediar quando havia algum conflito. As desavenças, quando ocorriam, eu auxiliava na formulação de soluções, às vezes melhores outras não. Realizava pequenas modificações e intervia quando necessário.

Procurei que tivessem a sensação de segurança que sentem quando estão no seu grupo de amigos realizando a atividade. Os amigos, nesta fase do desenvolvimento, vão se tornando a mais importante fonte de sociabilidade. Exemplifico usando uma vivência que detalhei na sétima semana, onde deixei os

passarinhos supracitados como “homem não dança” ficarem em trio. Eles tinham que vencer o desafio que era dançar e com seus pares, se sentiam mais seguros. E realizaram a tarefa. Não foi perfeito, mas funcionou.

Nas canções escolhidas para momentos de ciranda, roda, gestos, ritmos a ludicidade e os componentes que deveriam ser trabalhados foram pensados para os momentos e focando não apagar ninguém. Nunca esquecendo da afetividade.

Nas canções escolhidas para Dança, as regionais foram por faixa etária, tipo de batida que as agradasse e raízes tradicionais. Buscava que gostassem destas. É direito das crianças conhecerem músicas de sua cultura e de outras culturas é dever dos professores apresentar estas parte integrante da cultura dos povos. Por este motivo não trabalhei em geral com músicas atuais “da moda”, normalmente estas têm coreografias pré prontas, o que não era o objetivo, além de que, estas, frequentemente, não são destinadas ao público infantil.

Ao adicionar novos ritmos e novas músicas ao repertório destes, o leque de possibilidades e aprendizagens aumenta. Mesmo sempre buscando a realidade que se encontram e convivem trouxe este momento para acrescentar com respeito aos saberes das crianças de todas as épocas

Em vários momentos da Dança, quando trabalhamos movimentos, ritmos e níveis, coloquei músicas que se acrescentassem ao repertório destes e combinassem com os conteúdos. Trouxe MPB, Beatles para crianças, músicas do castelo Rá-tim-bum e outras infantis porém não infantilizadas, todas com letras condizentes com a idade. Nas de percussão, procurei músicas próprias e desafiadoras, porém com desafios que pudessem alcançar. Criei alguns gestos e me apropriei de outros, todas de forma intencional.

Nas brincadeiras, o conhecimento do que brincam esteve presente, a ideia foi de agregar conhecimento e para isso, foram trazidas suas brincadeiras mais comuns e trabalhadas de vários jeitos. Procurei fornecer maior repertório dentro de cada brincadeira e dar significância a estas, com contextos históricos e culturais

As conversas sobre as aulas com eles serviram de direção para a forma que o próximo conteúdo iria ser dado. As anteriores eram para trocas e me situar onde e com quem estou trabalhando, o tempo todo.

Cada desafio observado, procurava caminhos para vencê-lo, quando percebia que algum aluno cognitivamente não tinha alcançado a tarefa, tentava alcançá-lo de alguma forma. Comento sobre um destes momentos na quinta semana.

Fiz retomadas de aulas anteriores por vários motivos, entre estes, fixação com aumento de dificuldade, conteúdos que precisavam de tempo para se assentar, pedidos dos alunos e todas as vezes foram importantes, programadas ou não. Um exemplo, foi na vivência da quarta semana de aula que retornou na quinta, com uma prática destacada, conforme relato à frente, o que se mostrou um acerto.

Em dança, a opção foi apoiada nos conhecimentos de Laban, que explico mais adiante, adaptados para as crianças, de forma lúdica. Entrei em contato com os movimentos de Rudolf Laban na disciplina de Práticas Corporais Rítmicas, disciplina obrigatória do quarto semestre cursada por mim no ano de 2020, na forma de ERE, nesta faculdade e ao estudá-lo, percebi ser uma grande ferramenta para ensinar movimentos de dança, de forma não limitativa. E outra, apoiada que não devemos ensinar só o que somos bons na prática, ou não limitar nossas aulas a isto, os alunos merecem mais.

Percebo que, quando estamos num campo a qual temos mais embasamento motor, e por que não, teórico e cognitivo, nos sentimos mais confortáveis, aquela sensação de conforto, de estar na “a minha praia”. Por outro lado, o aluno tem direito a uma educação plural, a ter contato com as aprendizagens que só a vivência destas pode fornecer.

Ora, se não sei jogar Basquete, não ensino Basquete? O meu aluno não vivenciará esta oportunidade de conhecer o fundamento e as práticas deste esporte por o professor não saber executá-lo? Este praticá-lo, apegado ao saber procedimental diminuindo as atribuições e se prendendo a uma visão ultrapassada da Educação Física que era baseada apenas no chamado “saber fazer”. Não podemos nos reduzir a isto. Existem muitas formas de trazer conhecimentos, inclusive práticos para o aluno, sem ser um expert em cestas e dribles.

Podemos e devemos, pois é um direito do estudante ter acesso ao maior número possível de nuances da cultura corporal do movimento. É de nossa responsabilidade procurar arcabouços teóricos que nos auxiliem a entender a prática e transmiti-la para o aluno. Estaremos assim cumprindo nosso papel de mestres.

As técnicas de dança livre de Laban¹⁶ vem de encontro a vários dos meus anseios. Este, inclusive, era contra chamar de método, como aponta Marques(2002), pois sua dança visava estimular a criatividade e a autoralidade, não algo engessado,

¹⁶ Mais informações em https://www.youtube.com/watch?v=_YYm7nrow4w e <https://www.youtube.com/watch?v=BcbEOB899>

com passos a serem metodicamente aprendidos e seguidos. Pesquisei, adaptações para crianças e após assistir alguns vídeos, “criei” uma forma de dividir estes conhecimentos com as crianças, adicionando elementos aprendidos em outros momentos.

Iniciamos os movimentos na sexta semana e na sétima, a prática criada com estes utilizando estes conhecimentos, que me refiro mais adiante como “Espelho com Laban”. Foi uma das vivências que mais apreciaram e que consegui dar subsídios para poderem brincar e entender a dança em outra perspectiva além de movimentos limitados de outrens como no TikTok . Foi repetida a pedido deles mais de uma vez.

Por fim, como aponta Fonseca(2015), não podemos cair na falácia que um plano de aula bem feito é a certeza de uma prática pedagógica boa, ele é sim, necessário e também precisa estar atento às possibilidades, o que é ou não passível de ser realmente feito. E como encontramos este lugar das possibilidades? Fazendo, corrigindo, estudando, ouvindo, aprendendo, vivendo, mudando sem perder o foco de onde queremos chegar, nossos objetivos.

As informações que narro sobre as aulas estão contidas, de uma forma ou de outra, dentro das memórias de aula, estas, depois de breves anotações em aula, chegava em casa, e descrevia estas e principalmente minhas e reflexões sobre elas.

Corrigi muitas vezes e outras tantas busquei me adaptar às situações que aconteciam. Por vezes, não consegui, mas na próxima trazia uma outra tentativa, uma outra forma, buscando o melhor, que para mim é dividir para aumentar, dividindo os meus conhecimentos com os alunos, eles, os deles comigo e somando-os, e o todo ser maior que a soma das partes e a cada todo me tornando um pouco mais próxima da “Professora Tati”.

4.3 VIVENCIANDO

Após elencar como cheguei até aqui e o que me move, as formas utilizadas para escolher e planejar as rotas do caminho, e seus desvios quando necessários, narro agora, o encontro destes com o momento da aula.

Coloquei como Objetivo Geral no planejamento do meu Estágio Curricular Obrigatório(ECO): Promover vivências dentro dos jogos e brincadeiras, danças, conhecendo e experimentando danças, jogos e brincadeiras praticados no contexto

comunitário, respeitando e executando as atividades corporais envolvidas com autonomia e acolhendo as diferenças entre as formas de execução.

Primeiramente atento à palavra vivências, e ainda ao conhecer e experimentar, a autonomia presente e o reforço ao acolhimento das diferenças, este dado pelo tons da aula, que também eram trabalhadas com acolhimento aos alunos. Possuía uma série quase interminável de objetivos específicos, com a intenção impossível de abraçar o mundo, contudo, pelo menos o acerto de serem coerentes entre si.

Conteúdos também em conformidade com BNCC, Matrizes do RS e de acordo com meus objetivos, distribuídos entre atitudinal, procedimental e conceitual.

O cronograma como foram distribuídas as Unidades Didáticas.

Quadro 2 - Cronograma das aulas

Data	Turma	Aula /semana	Unidade Didática.
Julho			
11-13	B - A	1	Jogos e brincadeiras
18-21	B - A	2	Jogos e brincadeiras
Agosto			
01 -03	B - A	3	Jogos e brincadeiras
08 -10	B - A	4	Jogos e brincadeiras
15 - 17	B - A	5	Jogos e Brincadeiras
22 - 24	B - A	6	Jogos e Brincadeiras
29 -31	B - A	7	Dança
Setembro			
05 -07	B	8	Dança
12-14	B - A	9 - 8	Dança
19-21	A	9	Dança
26 -28	B - A	10	Dança
Outubro			
03	B	11	Dança

Fonte: Arquivo pessoal

Comecei pela Unidade Didática de Jogos e Brincadeiras. No diagnóstico observei que a professora de classe administrava esportes, confirmei esta informação com ela. Ao acompanhar momentos dos alunos, como o da fila, ou na hora do recreio, percebi que sabiam cantar apenas uma música (turma dos Biguás-meu lanchinho) e no recreio, alguns iam jogar futebol outros brincavam de pega-pega congela, 1,2,3 congela e nos brinquedos de pátio.

Dentro dos meus objetivos está trabalhar o que já sabem adicionando conhecimentos quando possível, conhecimentos estes que poderiam ser usados fora da aula, por isso, é uma unidade que combinava com as habilidades que eu pretendia que eles desenvolvessem na minha aula.

Sobrecarreguei a Unidade Didática de objetivos e competências a serem trabalhadas com os alunos, uma característica minha de me cercar de várias possibilidades e o anseio de não deixar estes parados, não “perder tempo”, e de professor inexperiente que não sabe ainda o que priorizar e o que deixar de fora, o que é possível e atingível. Sobre este “perder tempo” no decorrer das aulas e dos aprendizados que estas foram me adicionando, fui desmistificando esta ideia. Às vezes, parar tudo, sentar, conversar, repetir com calma é “ganho de tempo”.

Ao final, 'spoiler', não alcancei todas, porém o professor que não queria estava sempre lá, e esta meta, de não ser quem não desejava, foi cumprida.

Primeiro, um panorama geral para melhor compreensão. Durante as aulas, ocorreram conversas em grupo para acordar combinados e também a oportunidade para as crianças proporem modificações nas atividades. A intencionalidade estava presente nas conversas dialogadas para que os alunos pudessem fazer observações e tirar suas conclusões

Partia da descrição e demonstração da tarefa, com dificuldades que iam do simples para o mais complexo, com o objetivo claro de partir do saber do aluno para chegar ao aprendizado desejado

A ênfase era para as tarefas realizadas em grupos, visando favorecer a participação de todos e inclusão dos colegas nas atividades propostas. A intenção foi agir de forma mediadora das atividades e conhecimentos para os os saberes serem compartilhados. Os dois casos, na realidade, nem sempre se mostraram possíveis.

Procurei estimular a promoção da autonomia, para oportunizar momentos de criatividade, onde após dar subsídios, as crianças criassem sua prática e a utilização

de linguagem conhecida das crianças, adicionando novos vocábulos e aprendendo outros com estas.

Como supracitado, trabalharei com duas turmas, nestas descrições das vivências, detalhando um ou outro ponto, quando julgo necessário, sobre uma ou outra. Como discente docente, a diferença das turmas, mesmo sendo desafiadora, enriqueceu a experiência, sendo cada uma um “universo diferente”, tendo aplicado o plano de aula primeiro com uma e depois com a outra, e por fim, a professora que sou ao entrar em contato com cada coletivo deste.

Dentro das características pessoais de cada professor, tenho dificuldades em gravar os nomes das crianças, e isso é um fator complicador para chamar, avaliar e inclusive para criar vínculos mais fortes que auxiliam no aprendizado. As técnicas que utilizei para tentar transpor este obstáculo foram, na Biguás, por exemplo, um dos meus colegas de estágio se disponibilizou e filmou a chamada, auxiliou bastante. Nas duas, ao escrever as memórias das aulas pensava em cada aluno e suas atitudes. Utilizo o verbo tentar, pois nem sempre foi possível.

Outra característica pessoal, é que falo muito rápido, o que dificulta a compreensão de quem está ouvindo, ainda mais explicações para crianças e em grupo. Quando percebia que isto estava ocorrendo, diminuía e era mais detalhista. A forma que somos influencia no estilo de professores que somos e seremos, e isso incide diretamente na nossa forma de dar aula.

Relato as aulas por semanas, pois o mesmo plano era aplicado às duas turmas, e registro nessa narrativa, diferenças e semelhanças. O tema da aula e os objetivos estão listados no início de cada semana.

4.3.1 Primeira semana

Tema da Aula: Rodas Cantadas e Brincadeiras

Objetivos da Aula: Vivenciar e aprender sobre roda cantada. Conhecer singularidades da roda cantada, seus desafios e suas complexidades. Executar e tirar conclusões sobre rodas cantadas e jogos. Aprender e vivenciar a brincadeira de pega-pega, trabalhando papéis opostos e táticas. Comentar sobre as atividades que realizamos, ponderando sobre estas. Recrear-se com as atividades propostas.

Descrevo a primeira aula mais detalhadamente para dar um panorama claro da situação.

Iniciei pela roda cantada, aulas ministradas antes das férias escolares, no mês de julho de 2022. O objetivo principal, que consta no plano era Vivenciar e aprender sobre roda cantada, e no planejamento da aula estava começar com conversas e uma nova apresentação.

Sentados em círculo de frente, quando o nome de cada um fosse chamado, pedi que falassem se tinham irmãos e animais de estimação. Respondi e chamei o primeiro da chamada. Gostaram de falar deles, contam sobre gatos, cachorros e a falta destes e sobre irmãos e indagaram se poderiam mencionar irmãos que não moram com eles. O objetivo da conversa era este, saber mais sobre eles, informar mais sobre mim, trazer outros componentes da vida deles para a Educação Física e ir construindo nossa relação.

Na turma Andorinha, já não foram tão enfáticos em falar de animais e afins. Ao refletir sobre os motivos, elenco vários, primeiro o fato que somos seres de nuances, talvez neste dia não estimei tanto a turma, ou por ser no meio da semana e estarem mais cansados, ou momentos que tiveram antes, ou uma característica desta turma, ter menos animais. O importante não é o porquê, e sim, o que fazemos com isso. Conforme fui percebendo cada turma, foi mais fácil entender estas diferenças, e conforme fui adquirindo prática, observei as minhas também.

Aquecimento em “caminhada maluca”, trouxe elementos lúdicos, bastante apreciados, como caminhar alcançando o céu, tocando o chão, caminhar mexendo todas as partes do corpo.

Hora de formar a roda para a brincadeira de ciranda perguntei quem já tinha brincado, apenas uma falou que sim em uma turma, na outra uns dois, nenhum com muita convicção. Foi bastante desafiador tanto na A, quanto na B. Mesmo começando com uma roda de poucas dificuldades, a "Ciranda-cirandinha", era difícil manter o círculo. Para alguns o impasse estava em dar as mãos para os colegas, o toque propriamente dito, outros, como o Quero-quero e Garça puxavam os colegas para lados opostos.

Mantendo a roda como dava, e trabalhando as evoluções, a “ciranda-cirandinha” tem a parte que fala sobre falar um “verso” no meio da roda, substituí por “dar uma dançadinha” para facilitar, porém, na Biguás, não quiseram entrar na roda, depois da primeira criança não querer, e então, ninguém mais quis.

Tentei mais algumas variações mas não forcei, não quero ser professora que força a fazerem a atividade que eu programei. Não vou obrigar a passar por situações que os deixe constrangidos e às vezes não alcançamos o motivo de se sentirem assim, não os escutam nem observamos e só obrigamos a fazer. Percebo que situações como esta afastam os alunos da Educação Física.

Novamente, recorro que não devemos nos furtar do nosso papel de professor, mediador e também condutor da aula, porém, o que discorro é sobre buscar soluções que favoreçam a vontade de estar junto, praticando, e não as que nós adultos imaginamos melhor.

Passei para a próxima roda, já dizendo que era muito difícil, para colocar como um desafio. Crianças nesta faixa etária gostam de ser desafiadas e devemos estar atentos a atividades que podemos motivá-las e que elas consigam cumprir. A roda era “A caminho de Viseu” e esta roda tem um cenário lúdico, por isso foi escolhida. Contextualizei Viseu, dizendo que era uma cidade mágica, onde encontramos o que mais desejamos. A minha tem amigos e comidas boas, perguntei o que teria na deles, fomos desde carinho, amor até troféu e dinheiro, segundo o Quero-quero.

Começamos de forma mais fácil, no início sem rodar, só cantando e fazendo alguns dos gestos. Na parte da música “encontrei um amigo... encontrei outro amigo”, deve-se abraçar alguém, de um lado, depois do outro, fui muito esfuziante neste encontro, eles gostaram da alegria e do contato desta forma e entre eles, logo começaram a se abraçar. O abraço, como aponta Batista(2004), contém o ato de abraçar e ser abraçado, o acolhimento recíproco, “aciona os planos de intensidades afetivas, que contém o sujeito nas suas inseguranças existenciais”. Ao usufruírem deste momento, as crianças se sentiram acolhidas pelos seus pares, e tornou a prática bem mais significativa.

A segunda parte, tem idas e voltas para frente e para trás, indo para o centro e voltando, bem apreciada por todos. Incentivava-os com frases como “quem já tá quase chegando a Viseu?” Brincamos mais algumas vezes, com alguns não participando ativamente de uma parte ou outra, todos visivelmente se divertindo. Na Andorinhas a atividade transcorreu de forma bastante semelhante, sendo que a Tico Tico, aluna com DI, adorou a aula, brincando com todos.

Não foi uma roda perfeita em nenhuma das turmas, mas aprendi várias coisas que comento no final desta relato de primeira aula.

Fomos para a brincadeira de "pega-pega". Mencionaram que conheciam e brincavam no recreio. Parti do princípio que sabiam, mas não havia conversado com eles sobre particularidades, regras e outras características intrínsecas da prática. Parti então, equivocadamente, não do conhecimento que possuíam, mas sim, do que eu conclui que tinham.

Na Biguás, comecei de um simples, que tem um pegador e todos os outros são fugitivos. Não entenderam a lógica do jogo. Ao perceber, perguntei qual brincavam, e era o "pega-congela", onde havia apenas um pegador e o fugitivo "congelava" quando pego. Eles não conheciam nem entenderam o conceito de um fugitivo pego se tornar pegador. o que fazer? Optei a começar realmente pelo que eles sabiam e fomos ao pega-congela.

Surgiu outra dificuldade, movida pelos afetos construídos na turma. Ao serem pegadores, não correm atrás dos colegas aleatoriamente, desenvolvendo as táticas próprias do jogo, querem pegar um ou outro, escolha determinada por amizade, principalmente. Como poucos entenderam o conceito de mudança, a alternância algumas vezes foi feita por mim.

Fui introduzindo elementos visando a facilitação, e ao mesmo tempo solucionar os desafios apresentados como, mais pegadores ou se salvarem dando a mão, mas nesta hora já estavam dispersos. Na Andorinhas, devido a experiência anterior, expliquei mais devagar e instruí que quem pegasse tinha que gritar o nome do capturado e esse se tornaria pegador também. Funcionou melhor, demonstrando na prática que em realizar a experiência de dar aula, aprendemos e podemos corrigir e melhorar.

Alongamento lúdico, no mesmo mote do "maluco", porém mais lento e com ênfase a alongar e acalmar. Nas duas turmas voltamos cantando, em Biguás, versões de "meu lanchinho", na Andorinhas, "Viseu". O alongamento manteve o mesmo padrão porém mais lento auxiliar no entendimento subjetivo que os movimentos podem ser lentos ou rápidos.

Na turma Andorinhas, entrei na sala e comentei com a professora de classe, chamando-os para a conversa, o que tínhamos feito na aula de hoje, numa tentativa das aulas de Educação Física não se dissociarem das outras, de não ser uma experiência perdida no meio das aulas. Depois dessa, fiz isso em todas as aulas.

O estágio curricular é um momento de autopercepção como docente, e nesta, em geral, a aula atingiu o objetivo principal traçado com intencionalidade. Na ânsia

de colocá-los continuamente em movimento, os combinados foram feitos de forma insuficiente, prejudicando o entendimento da atividade.

Percebo, nesta auto análise e observando os colegas, que esta característica, de não identificar esta necessidade, e voltar aos combinados, sentar e acalmar, é bem comum em professores como eu, iniciantes e sem experiência, outro ponto positivo para a realização do Estágio Curricular Obrigatório em escolas, com essa supervisão por profissional capacitado feita sobre a aula, e as reflexões destes ensinamentos.

Em concordância a forma de pensar a docência de Educação Física por mim sustentada, o ápice dos meus objetivos alcançados foi quando ao observar o recreio, neste dia, os alunos, vieram me contar que estavam brincando do mesmo da aula, e relatando quais outros pega também iam usar. E o segundo ponto foi a aluna Tico-tico, com DI, realmente incluída na proposta, aprendendo e usufruindo da prática.

Figura 7 - Desenho Pega-Pega



Fonte: Arquivo Pessoal

4.3.2 Segunda Semana

Tema: Rodas Cantadas e Brincadeiras.

Objetivos: Vivenciar e aprender sobre roda cantada e brinquedo cantado. Conhecer singularidades da roda e brinquedo cantado, seus desafios e suas complexidades. Executar e tirar conclusões sobre brinquedos e rodas cantadas. Aprender e vivenciar a brincadeira de pega-pega, trabalhando papéis opostos e táticas. Comentar sobre as atividades que realizarmos, ponderando sobre estas. Recrear-se com as atividades propostas.

Da segunda semana de aula, início com uma narrativa da aula ministrada pelos colegas, que é por os outros alunos de estágio observada e avaliada.

Um colega que estava dando aula para uma turma de segundo ano e usava corda para várias atividades, uma destas, o professor estagiário e a Professora Suiriri trilhavam a corda e as crianças, uma por uma, deveriam passar por esta, de um lado para outro, sem pular, no intervalo de tempo das batidas no chão. O Estudante Professor não percebeu que estava trilhando no sentido horário, que facilita o pular corda, mas dificulta o que era proposto nesta atividade, pois, o sentido anti-horário fornece mais espaço visualizado pelas crianças para a passagem. Realmente elas não conseguiram. Foi frustrante para o professor e para as crianças.

Foi muito importante observar a aula de outro e este trilhar “certo ou errado” em um plano de aula meramente teórico não se notaria, com isso evidenciou, mais uma vez, a importância do estágio curricular na prática. Neste momento, e em outras práticas de outros professores estudantes, percebi ainda mais a importância do ECO presencial, sendo vivenciado pelo aluno deste.

Nesta semana, algumas rotinas foram mantidas e outras criadas. Discorrerei sobre isso, mesclando momentos que aconteceram nesta aula e os que se perpetuaram para outras.

Na roda de conversas inicial, tanto com uma turma, quanto com outra, perguntei o que tinham feito no final de semana, e isso se tornou uma rotina em todas as aulas, também contava o que eu tinha feito referente aos temas conversados. O propósito era salientar que eles eram importantes, que o saber deles é digno de nota, e também para se observarem nestes relatos. Intenção adicional de promover conversas sobre a aula fora dela, e trazer elementos de dentro para fora e de fora para dentro.

Diferente da conversa final, que era voltada para a aula e o que tinha acontecido nela, esta era voltada para as crianças e o que tinha acontecido na vida

delas fora da aula. Os pontos em comum, as culturas sociais e o exercício de se verem momentos recém passados, no que tange a práticas de atividades físicas e diárias, brincadeiras, tempo de tela, encontro com amigos e familiares, festas e viagens eram as nossas pautas.

Muitos não lembravam até serem bastante estimulados e outros contavam em detalhes. Fazia retomadas sobre as atividades da, ou das aulas anteriores, se tinham brincado fora do colégio, e estimulava a fazerem essas perguntas para seus mais velhos e ancestralidade, perguntando para os seus responsáveis se brincavam disso ou daquilo, principalmente no caso das brincadeiras populares, onde obtinha respostas diversas.

A partir daqui trago alguns planos de aula para contextualizar suas modificações, como e porque ocorreram e também na efetividade o que percebo mais importante, o que mais me ensinou e as intencionalidades.

Começamos, nesta semana, a conversar sobre o que tinham feito nos momentos e dias anteriores. Comecei perguntas de respostas simples, estimulando a levantarem a mão quando a afirmação fosse o que tinham feito, eu também levantava a minha. Este início comigo propondo as perguntas foi para se ambientar sobre o funcionamento destas rodas e irem pensando sobre.

O que mais fizeram foi usar meios eletrônicos para brincar, e esta predileção pelos meios se manteve em todas as conversas no tempo trabalhado. Apenas uma ou outra crianças por turma reporta não fazer uso constante dos jogos e mídias digitais, o motivo alegado foi não ter celular e não usar o dos responsáveis frequentemente. Com o tempo, em outras aulas, começaram a trazer mais informações para as trocas.

Na roda desta aula, quando falaram de TikTok e youtuber, reforcei que a aula de hoje ia ser fácil então para eles, a intenção era aproximar a aula do mundo exterior novamente. Utilizei esta observação em algumas outras aulas que achei pertinente.

Aquecimento baseado em movimentos de animais. A intenção da conversa da aula anterior sobre animais de estimação estava ligada a esta prática, para eu ter ideia de que bichos conheciam e afins.

Reforcei e trouxe mais informações sobre características da roda cantada, antiga, que os avós dos avós já tinham brincado, mundial, dos indígenas, europeus,

africanos e outros, e a horizontalidade, que todo mundo olha para todo mundo em uma roda.

Trabalhei estes temas dentro da roda com explicações simples, por entender que saberem estas características são importantes para as habilidades que pretendo desenvolver com eles, com intencionalidade, dentro do respeito que os alunos têm capacidade de entender e do direito que possuem a estas práticas ancestrais, culturais e populares. Retornei a estes conceitos em todas as aulas. O Pintassilgo, na primeira vez que mencionei, bradou "minha vó não brincou de roda não", depois, em rodas posteriores, reportou que havia perguntado e ela tinha brincado sim. Nesse momento, meus objetivos são alcançados entusiasticamente.

Em todas as brincadeiras ou jogos realizados trouxe informações como nome em outras cidades e locais, alguma contextualização histórica, se fazia parte da cultura local e regional, sempre de forma simples e com perguntas e afirmações como estas "os avós de vocês brincava desta," Inclusive eles chegaram a conclusão que os dinossauros não brincavam.

Retornei a "Viseu", com todo o seu mundo mágico e a roda fluiu melhor, segundo contato, já entendiam algumas lógicas intrínsecas, foi mais fácil se atentar aos detalhes. E retornar uma ou outra prática da aula anterior também se tornou rotina.

Nesta aula começamos com o grande sucesso das rodas e cirandas cantadas, "Pipoca". É uma brincadeira indicada para crianças mais novas, porém, por observação das práticas dos alunos, percebi, pela conjuntura presente e pelo passado em isolamento pandêmico, que várias das habilidades trabalhadas nesta música não estavam no nível motor adequado para a faixa etária das turmas.

Verbalizei novamente neste momento, que para os que utilizavam o aplicativo TikTok, onde os usuários replicam coreografias de músicas virais, seria fácil de aprender . O propósito desta afirmação era aproximar o mundo digital da sala de aula e desafiar as crianças e motivá-las. Percebo que o uso da forma de comunicação que os youtubers¹⁷utilizam para se comunicar com as crianças, propondo desafios e mostrando rotinas estimula-os a realizar as tarefas com mais afinco. Esta forma de desafio já é usada em jogos e brincadeiras a séculos, trazer este mote, com o linguajar e referências da época torna a prática mais significativa

¹⁷ ibidem 1

para os alunos, pois, como mencionado anteriormente, encontro bases no conhecimento que já possuem.

Na realização dos saltos que fazem parte da brincadeira cantada “pipoca”, prezei pela vontade de brincar, o aprender a se mexer e a cantar a música, nos tempos certos. Nas primeiras práticas sem ênfase se os pulos estavam para o lado correto ou não, me preocupei mais com o fruir que o fazer conforme instruções. Novamente a intencionalidade do não gesto perfeito, mas sim a vontade de acertar e fazer novamente, aprender a música. Com a prática foram aprimorando as habilidades motoras e perceptivas necessárias. Assim como nós professores também melhoramos.

A turma dos Biguás viu uma lagartixa na parede semana passada, por isso, trouxe a canção da “Casinha” com todo o gestual. Foi uma boa experiência e conectada com o momento da semana anterior.

Uma das rotinas mantidas é a de voltar cantando algo para a sala de aula, esta turma principalmente, gostava de voltar cantando, fazendo os gestos e procurando lagartixas nas paredes.

Na aula passada, principalmente com a Biguás que o “pega-pega” foi mais confuso, tinha combinado fazer um pega congela, atendo a cumprir combinados que partiam deles e de mim. Não frui, com alguns não congelando. Fiz várias modificações que achei pertinente, não funcionou.

Como não quero ser a professora que obriga as crianças a brincarem do projeto criado unilateralmente por mim para aquela aula, nos reunimos para conversar e propormos soluções. Várias vertentes. Maria-faceira da Biguás explicou o “pega-pega corrente”. Fomos fazer mas ficou muito comprido e perigoso. Paramos e estimulei novas sugestões. Sugeriram dois grupos. Melhorou mas ainda estava confuso. O que fazer? Retornar em outra aula a esta brincadeira, procurando trazer uma de nível de dificuldade bastante fácil .

Uma curiosidade, o aluno Carão criou e verbalizou na nossa roda, um “pega pega- mosquitinho”, não viável na prática, e ressaltou sobre isso dois pontos. O primeiro, foi a confiança dele de expor seu plano, isto demonstra que se sente validado no meio que estava e o segundo, a criatividade, o inventar a partir das informações dadas.

Neste, o pegador iria agir como um pequeno mosquito, só encostando bem de leve, quase imperceptivelmente no fugitivo. Nesta faixa etária e pelas características

de corrida envolvida no pega, ainda não era um projeto viável, mas quem sabe, mais apurado podia se tornar uma nova brincadeira de pega

Na turma Andorinha, comecei pedindo a eles explicação para o “pega congela”. Precisava entender o que eles sabiam, afinal, em vez de seguir minhas diretrizes, de partir do conhecimento dos alunos, na aula passada, parti do que acreditava que eles sabiam, o que é bem diferente. Beija-flor, bastante articulado explicou, e começamos um simples onde acrescentei que para salvar tinha que gritar abracadabra, como precisavam de algo específico foi mais fácil para entenderem.

Nas duas turmas, sentamos e refletimos sobre os “pega-pegas”. Como professora em formação, quando não conseguimos que todos participem precisamos recalcular a rota. Traçar novos rumos, afinal, “caminho se faz ao andar”¹⁸.

Alongamos com os bichos com preguiça e terminamos todos amontoados como filhotes reforçando a afetividade.

Na roda final, falaram espontaneamente que iriam brincar de “Pipoca” nas férias. Nesse momento, outra vez, percebo que a trilha segue o seu rumo. Deixei o combinado de perguntarem para a família sobre brincadeiras de roda com toda a intencionalidade que isso envolve.

Não fui a professora que não queria ser, não gritei brava, não xinguei, não ofereci castigos nem recompensas por comportamento considerado “correto”, porém, ainda longe da mestra que os alunos merecem. O motivo dessa afirmação de lonjuras, é analisando que as crianças têm direito a acessar o vasto campo do conhecimento, e nós professores, temos o dever de sermos mediadores, condutores dessa caminhada. Como aluna ainda não aprendi a ser a melhor professora que posso, e nesta busca continuo minha caminhada.

Outros aprendizados. Nesta aula, Tico Tico da turma das Andorinhas, que tinha participado ativamente da aula anterior, como supracitado, desceu da sala cantando comigo, depois não quis participar, inclusive precisando da intervenção da professora Suiriri. Primeiro pensei na prática em si, o que tinha sido diferente, depois de refletir sobre, fui atrás do mais básico, a criança estava cheia de roupas e com o desconforto do calor, algo que na hora da aula passou despercebido a todos. Tico

¹⁸ É parte de um poema de Don Antonio Machado, poeta e dramaturgo espanhol do século XIX, “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar” traduzindo “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar”

Tico não conseguiu verbalizar pelas características do seu nível de DI. Não descarto outros fatores agravantes, o que este acontecimento me ensinou que, às vezes, não só no conteúdo temos que ir do mais simples para o mais complexo.

A Professora em formação aprendeu nestas aulas que o importante é planejar, e que além disso, é imprescindível estudar e praticar para ter repertório, as famosas “cartas na manga”, e que estas estejam coerentes com os planos traçados. A difícil arte de dosar a aula que o tempo de prática nos dará.

Após esta aula ocorreram as férias escolares do mês de Julho, elucidado abaixo o motivo de serem durante o ECO. As aulas retornarão em duas semanas. Para a volta, fizemos o combinado de uma brincadeira que adoram e faz parte da cultura popular local, conhecida aqui em Porto Alegre como “ovo podre”. Faz parte da minha forma de dar aula combinados pertinentes que partam deles.

Devido ao calendário da UFRGS estar dissonante do das escolas estaduais, seguindo os procedimentos adotados na época da Pandemia de Covid-19¹⁹, nossas aulas de estágio ocorreram na época que abarcou as férias escolares. Foi sugerido usar este tempo para pensar e repensar o planejamento.

4.3.3 Terceira Semana

Tema: Jogos e Brincadeiras Regionais - ovo podre

Objetivos: Promover vivências dentro dos jogos e brincadeiras. Vivenciar brincadeiras do contexto comunitário. Executar, comentar e tirar conclusões sobre as atividades, ponderando sobre estas. Recrear-se com as atividades propostas.

Retorno das férias. Conversas sobre estas, neste recorte, em férias de julho de 2022, muitos alunos destas turmas, utilizaram de meios eletrônicos para brincar, tendo um maior número destes referiram jogos de interação em plataformas online, e a segunda utilização assistindo youtubers. As brincadeiras reportadas fora estas foram brincaram de bola e correr. Brincadeira da Pipoca foi mencionada por alguns.

Na semana três, o aquecimento ocorreu utilizando a parlenda “galinha choca” com explicações sobre o que era uma galinha choca. Menciono esta pela importância de as crianças aprenderem informações, no caso, o que é uma galinha choca, e que a brincadeira como ensinamento será mais aproveitada se entendida.

¹⁹ ibidem 2

Em uma das turmas, só contextualizei quando a brincadeira já ocorria e não foi tão eficiente.

A roda, utilizei uma, “Galo e Galinha” para me manter no tema aves, procurando um encadeamento, e uma música que tivessem familiaridade, pois faz parte do repertório de um desenho visto por esta geração, a “Galinha Pintadinha”, porém, mesmo tendo observado, não fui tão atenta ao conteúdo sexista desta. A música utiliza a concepção que “a galinha usa saia e o galo paletó” utilizando as concepções de vestimentas atrelada a um gênero ou outro. Ela poderia ser trabalhada sim, mas talvez, em nas nossas conversas, poderia debater sobre este estereótipo, refletido com o tema de forma própria para a idade.

Trago este recorte para recordar que sempre devemos estar atentos a todos os pontos, e não fui a este. Na questão de aprendizagem sobre realizar uma roda cantada, esta foi melhor executada, provavelmente por já saberem a música, mas ao não observar este ponto, não foi uma prática como objetivos alcançados neste quesito.

Nos combinados, a pedido de uma das turmas estava a brincadeira “ovo-podre”. Explicação dialogada, onde informei que havia pesquisado e trouxe informações sobre, como nomes diferentes, locais que é comum e ao mesmo tempo, perguntei o que sabiam e eles trouxeram as informações deles de como brincar, inclusive com diferentes pontos de vista entre. Percebo que esta interação de saberes foi dentro do que espero para uma realização de uma prática mais rica e dentro de uma trilha de aprendizagem, não só mais um caminho qualquer tomado.

Como mediadora, estimei todos a declamar a música e aumentei a dificuldade aos poucos, não podendo ter repetições para todos brincarem, o que é importante para se sentirem incluídos e participação igualitária. Nos últimos, reforçamos em grupo quem ainda não tinha sido, para facilitar esta parte de todos serem incluídos, e também, estimulamos o que escolhia a fazer estratégia. Sempre elogiei estas estratégias, tanto do “escolhedor” como do escolhido, para trabalhar positivamente a autoestima das crianças e o espírito de grupo na mesma linha.

Na Andorinhas não estavam tão animados a brincar, nesta, fizeram, porém era perceptível que não foi tão eficiente, nem o aprendizado, nem o brincar com prazer. Atribuo a dois principais fatos, primeiro, esta brincadeira tinha sido pedida por outra turma, não por estes. Talvez, este pequeno universo que a turma forma não era tão afeita a esta prática, e particularmente neste dia um trio de passarinhos

estava bastante desafiador, se jogando no chão sempre que possível, o que tornava menos fluida. Este comportamento deles me levou a pensar estratégias para as próximas aulas, que conseguissem abarcar o nível chão como parte do local de nossas práticas, pois o plano é sempre dinâmico e recordar, mais uma vez, que cada turma e cada dia é um universo em si.

Após, um "pega-pega", utilizando "mãe da rua" modificada, para galinha e pintinhos, onde eu ficava chamando meus pintinhos. Trago esta, pois a turma Biguás, em aula com a Professora Suiriri, em outra semana, por terem apreciado e entendido a prática, explicaram como brincavam para poderem realizar na aula dela. Aprenderam, fruíram, explicaram.

A partir desta semana, a volta à calma foi com rodas cantadas com gestuais e outros sentados. Estimulados a escolher uma canção anteriormente aprendida para realizar neste momento, além das novas.

4.3.4 Quarta Semana

Tema: Jogos e Brincadeiras - amarelinha

Objetivos: Promover vivências dentro dos jogos e brincadeiras. Vivenciar e aprender sobre roda cantada, brincadeiras e jogos do contexto comunitário. Executar e tirar conclusões sobre rodas cantadas, brincadeiras e jogos infantis. Comentar e tirar conclusões sobre as atividades, ponderando sobre estas. Recrear-se com as atividades propostas.

Semana quatro foi de muito aprendizado. Aprendemos mais errando que acertando. O acerto, algumas vezes, é questão de sorte, o erro nos leva a correção, a ir além, se superar para poder acertar. O ECO e suas peculiaridades é o local ideal para errar e aprender.

Explícito abaixo como uma soma de fatores levou a uma aula caótica e alguns dos aprendizados da aluna-professora em formação.

O jogo de Amarelinha estava desde o início planejado, por ser consonante com o planejamento e pela escola ter desenhado no chão os tracejados desta, em duas versões.

Figura 8 - Foto Pátio amarelinhas

Fonte: Acervo pessoal

Devido a prazos relativos à disciplina de ECO, e a forma que estruturei o planejamento, a quantidade de aulas para atingir os objetivos nesta prática era apenas uma. Mesmo na minha inexperiência achei pouco, pois é um jogo que tem características de motricidade e lógica, além de ter que optar por colocá-los em fila de espera ou fazer muitos grupos.

Estudei bastante sobre, e sim, não quero ser a professora que pensa que amarelinha é simples, então é só chegar e aplicar, sem contextualizações ou informações que tornem a prática mais relevante. História, regiões, nomes diferentes, estilos diferentes, informações que percebo relevantes para enriquecer a prática. Preparei material com jornal para serem as pedrinhas, pensando na segurança e no realizar do jogo. Porém, refletindo sobre uma frase dita e assinalada

por a professora Elisângela, minha orientadora de ECO do Ensino Médio, o “A primeira pessoa a acreditar na aula precisa ser quem planeja”²⁰, e eu não acreditava.

Devido a inexperiência não consegui encontrar modos de realizá-la de uma forma satisfatória, que trouxesse aprendizado mais completo, principalmente do saber fazer de forma autônoma, para as crianças. Uma prática que acrescenta informações às que já possuíam.

Começamos do mais simples para o mais complexo, sempre atento ao lúdico. Após estes, explicações e contextualizações, conversas sobre os saberes deles sobre. Gostaram de saber dos outros nomes e que os avós brincavam, inclusive perguntaram de outros países que não tinha informado, pesquisei e trouxe para outra aula.

Optei por divisão em três grupos, cada um em um tipo de amarelinha e depois revezavam, onde sabia da dificuldade que um professor sozinho tem de auxiliar grupos diferentes de crianças. As explicações ficaram confusas e a mediação também. Revezava estes na realização de cada amarelinha, das duas no pátio desenhadas e de outra que fiz com arcos dispostos no chão.

Demonstrei em uma, fui para outra, demonstrando em todas e depois começamos. Todos os grupos brincaram, alguns mais entusiasmados em outra menos, mas não jogaram amarelinha. Não usufruíram da prática em forma de jogo, não agregaram este conhecimento. E um dos motivos desta foi a forma caótica que acabou ocorrendo a aula, com explicações e moderações insuficientes.

Deixei por último uma em grupo a amarelinha africana, sem caráter competitivo, este evidenciado e explicado e que possui em suas características a musicalidade através de uma canção própria que dá o ritmo dos pulos. Não consegui desenvolver de forma que entendessem efetivamente. Tanto as outras amarelinhas, como esta foram brincadas, porém não em toda a sua riqueza, percebi que ficamos, nossa pequena comunidade, frustrados.

Em conversa com a orientadora do ECO definimos que poderia ter mais uma aula. Para podermos retomar um conteúdo com as crianças de forma mais coerente com o planejamento. Até esta, por normas da disciplina teria que trabalhar três unidades didáticas, porém, por motivos supracitados em itens anteriores, decidimos por duas.

²⁰ Frase proferida pelo Docente da UFRGS, Prof. Dra. Elisângela Ananias na disciplina Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Médio que cursei em 2021/02

4.3.5 Quinta Semana

Tema: Jogos e Brincadeiras - amarelinha

Objetivos: Promover vivências dentro dos jogos e brincadeiras. Vivenciar e aprender sobre roda cantada, brincadeiras e jogos do contexto comunitário. Executar e tirar conclusões sobre rodas cantadas, brincadeiras e jogos infantis. Comentar e tirar conclusões sobre as atividades, ponderando sobre estas. Recrear-se com as atividades propostas.

Semana cinco de caminhada na trilha. Aula dedicada à Teca-teca, amarelinha africana.

Depois de refletir sobre a aula passada, o foco desta será na amarelinha africana. Por que essa e não nas outras? Por suas características peculiares se adequem mais, visando as habilidades que pretendo alcançar em minhas aulas, os objetivos traçados. Ao onde quero chegar nessa trilha do conhecimento.

Esta prática estimula o trabalho em conjunto, onde um se une ao outro para executar a musicalidade e ritmo, que tem ligações tanto com as cirandas e rodas cantadas quanto com a dança, unidade didática a qual trabalharei depois, favorecendo o encadeamento destas. Ademais, é uma prática de matriz africana, e cultura da nossa ancestralidade é um dos motes do planejamento.

É necessário nesta trazer à tona detalhes da turma Biguás e da Andorinhas, devido a característica de cada vivência e seus aprendizados.

Com a Biguás chovia e fomos para sala multimídia. Relembrada a prática por eles e por mim, e suas características de não competição, o aquecimento foi lúdico, voltado a saltar, sozinhos, em dupla, sincronizados.

Previamente havia desenhado no chão o tracejado da Teca-teca, coloquei a música característica da brincadeira em uma caixinha de som.

Observei que alunos, como o Tesourinha por exemplo, não alcançava cognitivamente a tarefa de pular coordenadamente aos colegas. Busquei alcançá-lo de alguma forma, uma destas foi realizar de mão dadas com ele, outra colocar um colega mais experiente de guia. Outros tinham dificuldade com ritmo, que nas próximas aulas iremos trabalhar, já Alma de Gato, por exemplo, executava de maneira não combinada de propósito, para este, pensei estratégias que usassem sua criatividade em aulas futuras, como na parte dos cumprimentos da décima semana.

Maria-Faceira, Tororó, Cambacica e Arapaçu conseguiram em sua sequência seguir a proposta da brincadeira, Maria Faceira bradou, foi perfeito! Pelo diagnóstico na prática, terminamos sentados, em roda, batendo os pés no chão no ritmo da música.

Nas reflexões sobre a aula, é esperado que estejam em faixas díspares de desenvolvimento, tanto cognitivo como motor, em algumas práticas estas ficam evidenciadas. O foco em uma só prática pode ser muito mais eficiente que executar várias. Professores experientes sabem disso, os inexperientes vislumbram isto só praticando. Na sala explicaram para a professor de classe do que brincamos e começaram a cantar a música.

Na Andorinhas, o sol estava presente. Considero importante em um planejamento o professor estar com os materiais preparados, por isso, desenhei o tracejado em um canto da quadra antes da aula começar.

Conversas de rotina com a retomada da Amarelinha africana. Devido a experiência prévia com a turma anterior de executar, sentei com eles e realizamos batida com os pés primeiro. Primeiro livre, ao sinal e com ritmo da música cantada. De pé, continuamos pulando neste ritmo, depois direita e esquerda. desliguei a música e coordenamos pulos com um contagem no tracejado, inicialmente, auxiliei nas entradas dos alunos no tempo certo, incentivei os mesmo a se ajudarem, e quem ia terminando, ficava no canto do tracejado, incentivava os outros a pularem no momento certo.

Coloquei a música, pulamos em conjunto fora do traçado, depois entramos, cada qual na sua vez, sendo incentivado pela música cantada pelos outros. No final, comemoramos e terminamos todos pulando aleatoriamente no ritmo da música.

Nesta aula realizamos a “Pipoca com panela”. A evolução desta foi colocar corda para fazer uma “panela” e ajustar os pulos com mão levantada para a lateralidade ser observadas. Como já tinham se apropriado da música e do ritmo, seguir a direção pedida foi bem mais fácil.

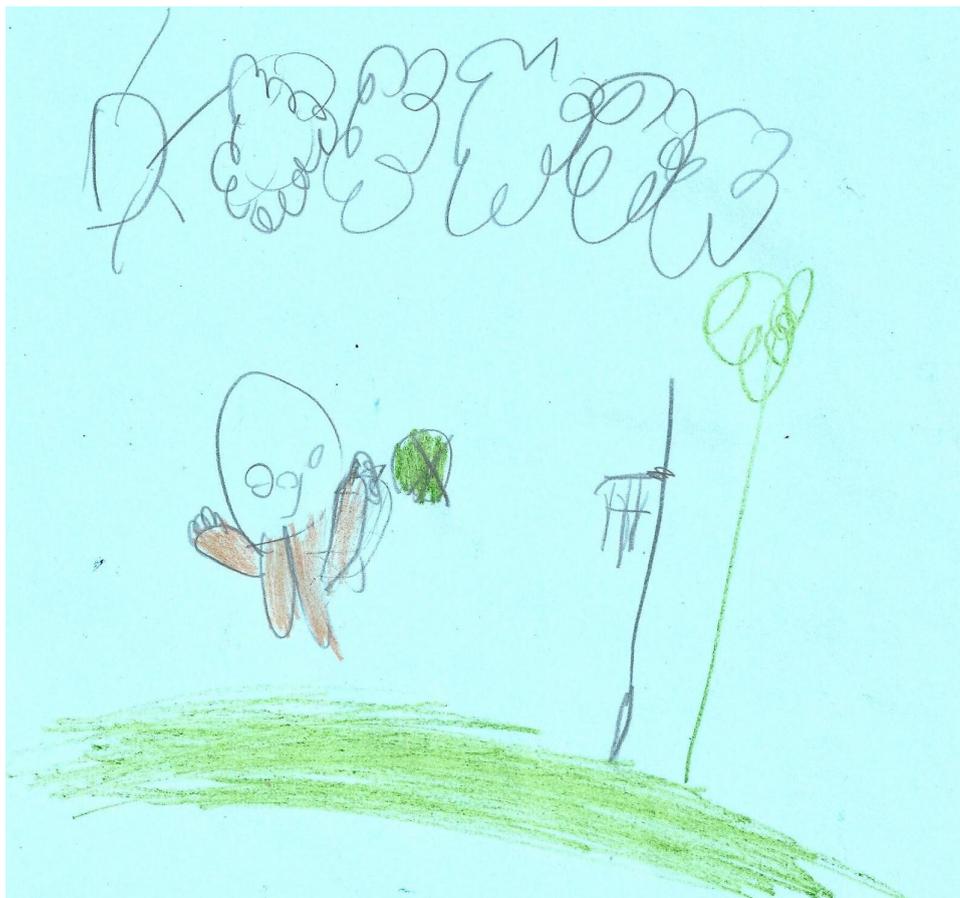
As conversas finais sobre ritmos e tempos musicais de forma simples.

Trouxe uma descrição mais detalhada destas pois depois uma aula “ruim” , o aprendizado que esta gerou, se transformou em uma das que mais objetivos foram alcançados, inclusive cantando e batendo os pés para a professora de classe.

Refletindo no final desta e posteriormente, sobre as duas últimas semanas, a quarta e a quinta, nem a aula do jogo da amarelinha foi tão “ruim” assim, as crianças

em geral brincaram e recordaram os seus conhecimentos sobre a amarelinha, E Teca-Teca, entenderam o conceito da coletividade e do ritmo desta. E esta brincadeira aumentou o repertório deles. Depois destas, se hoje fosse dar aula sobre o jogo da amarelinha, teria mais subsídios para tomar novas decisões. Todos aprendemos.

Figura 9 - Desenho Basquete



Fonte: Acervo pessoal

4.3.6 Sexta Semana

Tema: Ritmos e tempo

Objetivos: Vivenciar atividades sobre dança. Observar e executar movimentos básicos de danças trabalhadas. Recrear-se com as atividades propostas

Começamos a Unidade Didática de dança. Em uma das turmas consegui gravar parte das conversas. Gravei para poder refletir com calma sobre estas, sobre

de onde estão partindo das danças.²¹ O ato de gravar, quando possível, é bastante favorável para o aprendizado do futuro professor, pois ao ouvir realizamos um auto-avaliação e observar individualidades de alunos que podem passar despercebidas.

Percebo que alguns tem preconceito com dança associando a coisa de menina, como mencionado anteriormente, outros gostam muito, inclusive trazendo informações e levantando para dançar. Também pela gravação, na auto-avaliação a que ela se presta, noto que preciso tentar falar menos e mediar melhor a conversa, lembrando de explorar mais os elementos. Não consigo gravar sempre pela parte da "logística" mesmo, não tenho quem faça por mim e eu estou ocupada no ofício de ser a "melhor professora possível" para eles.

Uma das bases trabalhadas por mim na dança foi Laban, conforme supracitado, adaptado para crianças. De forma lúdica, com imitação de objetos como lápis, mochilas, estrelas do mar, ou animais específicos, trabalhei os planos e depois as velocidades, com a brincadeira de estátua até entenderem estes.

Após as costumeiras conversas sobre seus saberes e algumas contextualizações minhas, começamos alguns movimentos de Laban, iniciando pelos que julguei mais fácil, demonstrando e explicando cada um, e eles realizando.

Coloquei músicas apropriadas, que incluíam Beatles, castelo Rá-tim-bum, MBPs variadas, Axé e músicas infantis. Partimos para uma brincadeira de estátua, onde dançaram por sugestão, mas de forma livre em movimento e plano pedido, dentro da velocidade. Exemplificando, pedia plano médio, movimento empurrar e velocidade rápida, depois modificava algum dos elementos, depois outro, favorecendo também, nos planos baixos deitarem no chão, que era um costume de uns passarinhos em algumas práticas que não era necessário conforme já citado. Neste, puderam várias vezes explorar o chão como parte da vivência.

Observava as criações e adicionava dificuldades sugerindo membros inferiores ou superiores, barriga, cabeça até chegar ao corpo todo. Quando "estátua" deveriam estar no plano pedido.

Participaram energicamente, nas duas turmas, sendo mais entusiasmados na Biguás. João-Teneném, que é aluno de inclusão, com TEA, que participa timidamente das vivências, nesta, participou ativamente. Percebo que se o plano está bem estruturado e executado estimula a participação de todos

²¹ Transcrição de parte dessas conversas se encontra no apêndice nomeado Gravação

Na rotina de círculo sentados no chão, primeiro reforcei ritmos, que era um dos objetivos da aula, cantaram juntos “minuet” da teca-teca.

As duas próximas atividades se repetiram outras vezes em outras aulas a pedido deles e também para reforçar conteúdos. Para trabalhar ritmos que envolvem silêncios, utilizei a canção “ O Meu Chapéu tem três pontas” com seus gestos, a intenção era aprenderem de várias formas o conteúdo ritmos.

Por último, uma pequena canção de matriz africana, “Kokoleoko” contextualizada com sua origem e tradução, do mais simples para o mais complexo, primeiro só letra, uma estrofe, depois a outra, e gestos criados para esta. Respeitei o tempo deles e o meu, deu chance a criatividade mas também aumentei o repertório deles, a aula atendeu os objetivos.

Diferenças das Andorinhas nesta aula, neste, um pequeno grupo pássaros, liderados pelo Gavião carijó discursaram de início, eu não danço, um seguido dos outros, recordei a comemoração dos gols, eles lembraram, porém reafirmaram, sem tanto ênfase desta vez, “a gente joga futebol, mas não dança”. Na prática de estátua, desenvolveram bem a atividade, principalmente quando essa pedia o nível baixo, pois o chão era explorado já por eles em outro momento. Aos poucos, nesta aula e nas próximas, vou adicionando informações para desmistificar suas pré concepções de dança.

Com estes, quando iniciei por "Kokoleoko", para terminarmos com os silêncios da música do chapéu. Quando ouviram a música, Garça começou a bater palmas no ritmo espontaneamente e os outros seguiram. Momentos em que a professora em formação vibra.

Em “Meu chapéu tem três pontas”, não estavam concentrados o suficiente, talvez a inversão não tenha sido boa. Pediram um “Minuet” em pé e um "Kokoleoko". Como professora, mais uma vez, em vez de obrigar meu plano para aquela aula ser feito, segui o planejamento maior, que tem sua meta cumprida quando pedem alguma prática anterior e ainda com alguma adaptação.

Figura 10- Desenho Dança

Fonte: Acervo pessoal

4.3.7 Sétima semana

Tema: Movimentos e início de danças do contexto regional

Objetivos: Observar e executar movimentos básicos das danças trabalhados. Promover a autonomia e a criatividade nas atividades. Estimular as atividades em grupo, seus desafios e suas complexidades.

Na semana sete de aula, estávamos perto de Setembro, um momento apropriado²² para começar as Danças regionais. E os movimentos de dança, com uma brincadeira que exigiria criatividade e autonomia, a brincadeira do espelho, e por último, uma música de matriz indígena Maori, com gestos próprios e percussão no corpo.

Considerarei um bom plano, mesmo carregado, pois as músicas gaúchas fariam parte de um diagnóstico e apresentação inicial nas conversas, e a brincadeira do espelho trabalharia dança, já iniciadas em outra, e após a ancestralidade africana, a dos povos originários seria trabalhada. O gerar conversas sobre nossa

²² No mês de Setembro, no estado do Rio Grande do Sul, as tradições gaúchas são enaltecidas, culminando com o feriado farroupilha dia 20 de setembro, quando se comemora a revolução com o mesmo nome.

ancestralidade, o não apagamento de culturas é uma das finalidades de trabalhar estes temas.

Demonstraram pouco conhecimento das danças regionais, confundindo algumas vezes com juninas ou sertanejas. Trouxe que são canções regionais que falam sobre a terra, amores, o cavalo, e as tradições.

Para 'Espelho com Laban', coloquei cada um dentro de um arco primeiramente espalhado pela quadra, e trouxe mais movimentos. No "torcer" perguntei se alguém conhecia coreografia com este movimento, primeiro não, mas depois executei uma pedaço de uma coreografia da moda atual no TikTok e nas duas turmas vários alunos riram quando associaram pois aproximou com o que já conhecem.

Formaram duplas a meu pedido, com os desafios desta divisão, e expliquei e demonstrei a brincadeira que consiste em um estar dançando na frente do espelho e este imitar, usando os planos, movimentos e velocidades iniciados na semana anterior.

Algumas vezes, esqueciam quem era o imitado e o espelho imitador, melhorou quando tornei mais palpável e visível, colocando uns dum lado de uma linha dentro dos arcos, outro do outro, a fim de explicar a alternância de forma mais fácil. Na Andorinhas, consegui que um colega de classe demonstrasse comigo. Otimizou muito o entendimento, e mais uma vez demonstra que ter dupla no ECO, e exercer a docência de forma compartilhada é muito importante para o professor estagiário e para os alunos, tendo essa uma experiência mais rica.

Primeiro trabalhei com sugestão de movimentos, depois deixei os livres a maioria do tempo, só fazendo a alternância. Alguns, quando precisavam de repertório, eu sugeria, ou para a dupla ou para todos, mudando planos, velocidades e movimentos. Mantive incentivos verbais o tempo todo, passando pelas duplas. Formamos quartetos depois, cada um mantendo dentro destes o imitador e imitado inicial mas podendo se fazer danças em duplas.

Os três passarinhos, compostos por Gavião-carijó e outros ficaram em trio, encontrei uma forma de resolver e deixei-os assim. Fora um momento ou outro, quando o líder a ser copiado estava menos motivado, também participavam bem da atividade do espelho. Mantive o trio, não separei o conforto dos amigos e se sentido acolhidos, realizaram a prática de dança, e crescendo um pouco mais de informação no seu repertório, tanto motor, quanto sociocultural.

Tico-tico era meu espelho, inclusive quando ia dar instrução, me seguia e me imitava. A inclusão de todos os alunos é sempre um dos objetivos almejados, um dos mais caros.

A próxima atividade era uma coreografia da canção “Yapo”. Estes mesmos, relutaram um pouco para executar conjuntamente com os colegas, mas como acharam interessante, suas batidas e desafios de ritmo, fizeram. Percebo que a dança explicada em seus elementos desmistificou um pouco a construção social e de gênero que possuíam. Ponto positivo para as finalidades do planejamento.

“Yapo” utiliza gestos e percussões dos povos Maori, contextualizei esta etnia utilizando o filme “Moana”. Moana é uma animação estadunidense de 2016, que conta a história de uma destemida Maori. Desenho muito popular em crianças com esta faixa etária em 2022. Em um momento errei a coreografia, logo perceberam e me corrigiram. Fizemos uma em silêncio depois, estimulados pelo nível de dificuldade deste, e se parabenizando quando todos conseguiram.

Nas duas turmas cantaram “Yapo” para suas professoras de classe.

Figura 11 - Desenho Amigas espelho



Fonte: Arquivo Pessoal

4.3.8 Oitava Semana

Tema: Movimentos e danças da contexto comunitário e regional

Objetivos: Observar e executar movimentos básicos das dança e tirar conclusões sobre as que estão inseridas no contexto comunitário. Estimular as atividades em grupo, seus desafios e suas complexidades. Comentar sobre as atividades que realizamos, ponderando sobre estas.

Rotinas mantidas e como tema, danças regionais gaúchas e dos povos originários.

Após as trocas e retomadas rotineiras , não consegui ser tão clara quanto pretendia sobre as conexões da dança gaúcha, o hip-hop, as indígenas e outras influências. Debato sobre isso nas minhas análises, sobre este atropelamentos.

Aquecimento com retomada e escolha. Após lembrarmos o que realizamos até agora, desde o início da Unidade de Jogos e Brincadeiras até esta aula, com brincadeiras, canções e outros recordados por eles, perguntei qual queriam repetir, como estávamos em período eleitoral²³, usei os conhecimentos deles para a votação.

“Espelho” venceu nas duas turmas, e sobre esta vitória, aprofundo a reflexão em item posterior a este. Achei interessante escolherem a prática a qual eles têm mais autonomia e que precisa trabalhar em duplas. Adaptações, como não tinha levado arcos, separei eles pela linha da quadra.

Nas danças gauchescas, primeiro trouxe só a música para ouvirem, sentissem a cadência desta, mais rápida e ágil, mas não foi o esperado. Quando é? Em um erro de diagnóstico nesta altura, trouxe a música do "Balaio" para realizarem ciranda, mas não conseguiram fazer os movimentos desta.

Menciono o erro de diagnóstico por que é uma dança indicada para faixa etária menor que estes, porém, se as rodas cantadas e cirandas menos complexas tiveram suas dificuldades, não é sem dominar as mais fáceis que iam aprender uma mais completa. Não tinham base, eu sabia, e “passei por cima” deste fato. Aprendi.

Nesta semana começamos a trabalhar a tradicional dança gaúcha do “Pezinho” usando a metodologia escolhida para as aulas, do mais simples para o

²³ Período eleitoral de 2022. O primeiro turno das eleições ocorreram em outubro e estávamos em Setembro, então a realidade que os cercava estava carregada de informações sobre a disputa e sistema de votação

mais complexo. Primeiro só a música, depois executei a coreografia, propositalmente realizada de costas para as crianças, para favorecer o correto uso da lateralidade e sendo acompanhada por estas.

Optei também por iniciar sem as duplas. Em uma das turmas, continuei a coreografia na próxima aula. Em outra semana, um colega da disciplina de ECO realizou comigo, o que foi muito mais fácil para as crianças entenderem. Nesta também pedi que colocassem fitas que trouxe no braço direito, só auxiliando se precisasse corrigir. Utilizei as fitas para visualização e explicação mais coerente da lateralidade, porém, pedindo que eles colocassem neles e ajudassem os colegas, com intuito diagnóstico meu, e de coletividade onde todos se ajudam, para eles. Percebo que alguns tem a noção clara de direita e esquerda, outros não.

Trouxe músicas da cultura kaingang e Guarani, por serem tribos indígenas que habitam a região, conversamos sobre isso e fizemos algumas batidas de pé acompanhando o ritmo. Aumentaram o repertório e conheceram um pouco mais de informações sobre sua região e desenvolveram habilidades motoras também, seguindo o plano.

4.3.9 Nona Semana

Tema: Danças da contexto regional e comunitário

Objetivos: Vivenciar e apreciar atividades sobre dança do contexto comunitário. Recrear-se com as atividades propostas. Estimular as atividades em grupo, seus desafios e suas complexidades.

Na nona semana, devido aos feriados, as aulas ocorreram em sequência diferente das outras, e pelo fato que iria ter onze semanas de aula em uma turma e dez em outra.

Na Biguás, combinamos em uma aula de várias semanas anteriores, fazer a mamãe e pintinhos novamente, sendo coerente com combinados com as crianças, visando a sedimentação do conhecer a brincadeira, mas sem perder de vista o plano. Coloquei este com aquecimento e contextualizei antes como curumins sendo pego por onças, já que vínhamos falando de cultura indígena em algumas aulas. Cada dia é um dia, nesse, estavam afeitos a competição, ocorrendo muitas disputas, que foram ainda mais acirradas pela brincadeira.

Reflieto que ao perceber, deveria ter feito um aquecimento voltado para o trabalho em grupo, porém, na condução do plano, uma brincadeira que tinham escolhido, que gostava e que sabiam explicar, acreditei que tudo se resolveria. Paramos algumas vezes para conversar e fazer novos acordos, mas por fim, encerramos. Não como punição, pois me mantive firme neste propósito de não punir, mas como reflexão para todos, que nem sempre conseguimos nos organizar para o que queremos em conjunto, conversamos em sentido disso, mas não sei o quanto entenderam.

“Pezinho” com fitas mas ainda sem o colega em uma turma e com o colega em outra conforme supracitado.

Para esta aula tinha produzido, com garrafa pet pequena e tipos de material diferentes dentro, como pilhas, conchas e miçangas, chocalhos, para acompanharem a música e além disso demonstrar que podem fazer em casa. Na aula pretendia trabalhar a música “Escravos de Jó”. Porém, como bem lembra o professor Clézio²⁴ em suas aulas, “materiais induzem comportamentos”, e chocalhos induzem barulho, e que crianças são curiosas e barulhentas por natureza, então precisam de tempo para conhecer, interagir com o novo material .

Entreguei de forma precipitada para uma das turmas, e então, o projeto de passar um para os outros na cadência da música por mim planejado não ocorreu. Fiz várias modificações, não funcionou, deixei fazerem mais barulho, depois recolhi as garrafas e fomos para mais uma música que trabalha gestos e alguns silêncios, a “O jipe do padre”. Trouxe a turma a calma novamente.

Na Andorinhas, começamos a cantar e explicar sobre “Escravos de Jó”, só depois de fazermos com uma garrafa normal, começamos com as de barulho. Foi melhor, porém, era muito difícil desapegarem da garrafa e passarem. Pensei em retirar, porém, refleti e assumi que era assim que iriam trabalhar, começamos um aquecimento com barulho, mudando de posição, imitando bichos, até que sentamos ainda com eles em mãos e deixei fazer barulho, depois fizemos seguindo comandos rítmicos. Gostaram bastante e utilizaram o material da forma deles e no ritmo, então, objetivos alcançados Não totalmente os planejados, mas alcançados.

²⁴ Docente da UFRGS na disciplina de Jogos e Práticas Esportivas em 2022 e professor das disciplinas cursadas por mim no segundo semestre de 2018 e no de 2019 respectivamente, Práticas Corporais Expressivas e disciplina de Dinamização de Programas Recreativos e de Lazer. Meu orientador de monitoria.

Coloquei músicas gauchescas com sapateado no chão e pelo pátio, seguindo linhas da quadra e conversei sobre a Chula, mostrando a figura do gaúcho.

Figura 12 - Imagem desenhada Dança da Chula



Fonte: Arquivo pessoal

Escolhi e utilizei esta para alcançar o grupo do Gavião-carijó , os alunos do "homem não dança" ficaram interessados em uma dança que é destinada aos homens. Prestaram bastante atenção e até desenvolveram alguns passos.

Nesta, ao realizar a dança do Pezinho, comecei primeiro com batidas sentadas e depois, o colega me auxiliou a demonstração dela dançada em duplas. Foi muito mais efetivo com a visualização.

Este conhecimento foi construído, primeiro com a apresentação da música e da batida em aula anterior, depois, recordar a música e as batidas sentados no chão e depois de pé, e por último, visualizar uma dupla dançando, tornou a explicação muito mais efetiva, utilizando vários níveis e meios de aprendizado.

4.3.10 Décima semana

Tema: Danças da contexto regional

Objetivos: Vivenciar e apreciar atividades sobre dança do contexto comunitário. Recrear-se com as atividades propostas. Estimular as atividades em grupo, seus desafios e suas complexidades.

A décima semana de aula seria a última aula de uma turma Andorinhas e a penúltima dos Biguás.

Na Biguás, a última aula que tivemos, dos chocalhos, foi desafiadora. Formulei um plano tranquilo seguindo meu planejamento, que inclui momentos em que alguns alunos mais afeitos a não cumprir combinados se sentirem inseridos.

Após chula modificada para de aquecimento, como ainda se mostravam agitados, e no plano estava retomada da dança do pezinho, percebi que não estavam prontos, inverti os conteúdos.

Explanei sobre percussão, formas de bater no corpo para fazer som e não doer, aproveitando para falar a nomenclatura correta dos dedos e também ensinar como “estalar”. Alguns conseguiram e mesmo os que não, fizeram barulhinhos com os dedos e se mostraram realizados. Essa preparava para um coreografia da música “Pá Pum” que contém em seu gestual, estalar dedos e percussão corporal.

Trouxe esta pela percussão e para utilizá-la em “cumprimentos coreografados” que, alguns passarinhos reportaram nas conversas que fazem, ou observei fazendo. Como alguns desses têm tendência a não cumprir os combinados, busquei algo que eles pudessem se reconhecer. Mais em uma turma do que em outra, a estratégia se mostrou acertada, trazendo estes ao momento da aula mais ativamente, quando mostraram os cumprimentos deles para os colegas que repetiram, ou quando fizeram em momento apropriado na dança.

Na dança, deixei momentos de coreografia livre, e num primeiro momento, não reforcei os cumprimentos nesta parte da música, então alguns dispersaram. Na ânsia de libertá-los, não os instrumentei o suficiente para seguir um caminho, essa foi minha reflexão sobre esta preSsa.

Após uma dança do pezinho com fitas, porém sem a demonstração com o par, começamos a música “Começo” com alguns passarinhos dispersos, que ao ouvir a música, se juntaram ao bando. Utilizei esta por apelo musical de divisão silábica inicial que iria interessar as crianças, e por levar a reflexões gerais,

curiosidades e cheias de perguntas, como esta faixa etária. Ocorreu o esperado, prestaram atenção, depois fizeram os gestos, e ainda debateram.

Um dos propósitos da escolha desta música é que ela reflete sobre começos e fins, e como estou no final do meu estágio, trouxe esse tema com as crianças.

Nesta semana, ocorreu a última aula da turma Andorinhas. Na roda de conversa inicial falei que iria sair e os motivos.

A aula transcorreu com a chula, onde foram bastante criativos. Gavião-carijó e mais alguns estavam dispersos, utilizei os cumprimentos para trazer a atenção destes a aula. Percebo, refletindo, que deveria ter dado mais tempo para eles desenvolverem esta parte da aula, foi bom, mas poderia ter sido mais rica para ambas as partes. Neste, lembrei de reforçar ativamente realizar os cumprimentos no parte livre da música, melhorou a adesão.

Música “Começo” e seus debates, e por fim, escolheram ‘O jipe do padre’ . Nas conversas finais, queriam entender o porque eu ia embora e que eu ficasse mais. Expliquei com calma, sobre aprendizagens, de uma forma que entendessem.

Uma boa aula de fechamento, que me fez refletir sobre acertos e erros.

4.3.11 Décima primeira semana

Tema: Retomadas.

Objetivos: Comentar sobre as atividades que realizamos, ponderando sobre estas. Recrear-se com as atividades propostas. Promover a autonomia e a criatividade nas atividades. Comparar as atividades propostas com as já conhecidas por eles. Estimular as atividades em grupo, seus desafios e suas complexidades.

A aula semana onze ocorreu só para os Biguás, aula que ocorria nas segundas-feiras, na quarta, no planejamento do ECO na escola, decidimos no nosso último dia fazermos uma “Volta ao mundo”.²⁵

No plano da última aula difere do realizado para a primeira aula. Os dois possuem a mesma intencionalidade, coerência, porém o primeiro é mais carregado de objetivos complexos e conteúdos que não iria conseguir alcançar todos, pelas incertezas da inexperiência, como docente e com a turma.

O último é mais enxuto e com objetivos mais reais, vindo da experiência das semanas anteriores. Neste plano temos o tempo como aliado, não mais um desafio

²⁵ Cronograma deste no ANEXO G.

a ser preenchido. Aprendi que explicar detalhadamente enquanto ainda estão sentados, não é desperdício de tempo, essa perda ocorre, quando estão correndo sem rumo, ou fazendo por fazer, sem agregar conhecimentos aos seus.

Começamos nossas conversas ainda em sala de aula, acordando combinados. Conversamos sobre o que tinham feito, o que gostaram mais, uma retomada de conteúdos.

O Quero Quero, que várias vezes durante as aulas refutou os combinados, lembrou o que aprendemos sobre cultura indígena. A professora em formação ficou bastante realizada quando este aluno retomou esses conhecimentos, demonstrando que estas informações foram significativas para ele. Espelho ainda é uma das brincadeiras mais comentadas.

No decidir as atividades, “pega-pega” ganhou, e ainda o congela, e fizemos vários combinados para este, já sabiam que ia ser por tempo a decisão do pegador, e ainda em quadra eu “segurava” o pegador antes de “soltar”, fazendo todo um estardalhaço, e a liberdade do congelado viria por um toque dos amigos. Praticaram uma atividade que já sabiam, porém, de forma mais completa. Perseguiram mais fugitivos, sabiam quem era o pegador, utilizaram táticas de despiste dentro das suas possibilidades. Se movimentaram e gostaram.

Corruíra, aluna de inclusão com TEA, que entrou na turma a umas três semanas, até ali tinha ficado mais distante em muitas práticas das aulas. Eu havia tentado várias táticas, mas não tinha conseguido a participação dela. Notei que em algumas destas, ela observava os colegas atentamente. Neste dia, pedi a opinião dela o tempo todo, sobre as táticas de cada um, o que ela estava achando, respondia, inicialmente, com um aceno de cabeça, depois foi aumentando as considerações. Era perceptível que se sentiu incluída na atividade e que as observações dela eram importantes. E eram mesmo, ela nem imagina quanto.

No final, depois da “Meu Chapéu tem três pontas” pediram uma música que tivesse cobra para cantar subindo, cantei uma e assim foi. No final da aula, combinamos um desenho. Pedi que desenhassem algo que gostassem na Educação Física e que ficassem atentos a todas as partes do corpo.

Termo este item, com o desenho de Alma de Gato, que várias vezes foi desafiador em sala de aula, e que neste, representou a vivência que mais gostou nas nossas aulas.

Um abraço. Nosso.

Figura 13 - Desenho Abraço



Fonte: Arquivo pessoal

4.4 ANALISANDO E RECONSTRUINDO

Primeiro falo de avaliação propriamente dita, Como avaliar se os alunos alcançaram as habilidades pretendidas no plano? E mais ainda, o que neste contexto elaborado era importante que eles alcançassem? E nossas metas conjuntas? Procuo refletir sobre respostas e análises destes questionamentos.

Primeiro arcabouços teóricos ao qual me baseei, depois em situações na prática, que ao avaliar, reconstrui momentos, sem perder a base já fundamentada.

A forma de avaliação utilizada pela escola é por parecer, descrevendo observações de cada aluno, suas dificuldades e facilidades, suas conquistas e o que ainda precisa avançar. Realizei esta por anotações e observações do engajamento, dificuldades de execução de movimentos básicos, por meio de percepções dos alunos envolvidos na prática e anotações em uma planilha, tanto em aula quanto em casa em minhas memórias e reflexões sobre as aulas.

Ao realizar a avaliação por parecer, percebo a multiplicidade e profundidade que esta exige, pois descrever amiúde como os passarinhos se movimentam, agem e aprendem nas aulas é uma tarefa complexa. Concomitantemente é uma forma avaliativa a qual o indivíduo e suas características únicas se sobressaem, onde este é visto, está lá na avaliação, bem diferente de um mero nove ou seis, ou satisfatório, insatisfatório. Tarefa intensa, porém, muito mais justa por se tratar de algo não reproduzível em escala. Foi trabalhoso porém muito importante realizar, acrescentou ensinamentos para a docente em formação.

Sem me afastar dos pareceres, uma das formas de análise que utilizei foi a reflexão do aluno do processo de aprendizagem como Darido (2012) resume a avaliação da abordagem construtivista. Como já mencionado, uma abordagem nunca vem sozinha, e desta, busquei esta análise estimulando conversas que favoreçam este momento. Em cada aula, no transcorrer e no final da mesma.

A avaliação ocorreu de forma diagnóstica, em todos os momentos, antes, depois e durante a prática, onde observei “o ponto de partida mais adequado para determinada instrução e se há algum conhecimento ou comportamento necessários a esta tarefa que ainda não foram aprendidos”, (LEONARDI et al, 2017 p 219) e dentro disso tomar as decisões cabíveis. Como já várias vezes mencionado, o plano é um elemento em mutação dentro da prática, e precisamos muitas vezes nos adaptar ao que essa apresenta.

Um grande acerto foi as conversas pré e pós aula. Rodas, conhecimentos e desconhecimento. Conversas com as crianças sobre rotinas e aprendizagens. Mesmo em crianças bem novas o diálogo e a reflexão devem ser liberados e permitidos, e para os que são mais introspectivos, estimulados. Foi bastante enriquecedor para mim, e para elas estes momentos de troca.

Como mencionado, as rodas iniciais eram de trocas sobre o “fora da escola”, os saberes, o entorno, convivências e brincadeiras que realizavam e essas trocas eram feitas de forma significativa. Mostrar que seus conhecimentos são importantes, que seu entorno é relevante, e a aprender com suas falas e fazer um eterno diagnóstico de que ponto estão para daí seguir, partir do seu ponto base, para edificar os novos conhecimentos.

A realidade por eles vivenciada não foi deixada de lado, sempre mencionada em conversas e respeitada, sem julgamentos. E se algum passarinho tomava este

rumo, como mediadora intervia e trazia para a forma segura. Nem sempre foi fácil, mas foi alcançado. Trago um destes momentos em uma conversa gravada.

*Falam do futebol, outros do balé. Perguntei sobre pular e correr, depois sobre brincar de boneca, quando um menino disse brincava, outros ficaram “meio assim”. Perguntei - Por que não? É bem legal! Um me responde - É brincadeira de “criança”! Perguntei o que eles eram - responderam - Criança!! Alguns falaram que querem ser adultos logo, outros que não querem crescer, perguntei quem gostava de ser criança, todos levantaram a mão.
Conversa gravada por mim no início da sexta semana.*

As conversas posteriores possuíam mais um caráter de análise do que no ponto de vista deles, tinha sido aprendido e apreciado, uma retomada dos conhecimentos. Tanto em uma como em outra procurava dividir o conhecimento que possuía com eles, como acredito ser a função do professor. Somar.

Nem tudo foi “flores”, várias vezes refleti se estava indo no caminho certo, porém sempre me mantive distante do professor que não queria ser, mesmo quando me aproximei deste em momentos de não saber o que fazer, fui a adulta da situação e em conjunto, tomamos nova direção. E dos alunos menos afeitos a cumprir combinados, vieram deliciosas análises e conhecimentos.

Gostaria de ter feito uma coreografia em grupo, por exemplo, com coreografia criada pelos mesmos com os conhecimentos ofertados. Não deu tempo. Às vezes almejamos o céu, porém quando em Espelho, criavam um para os outros com mais elementos, via que tinha conseguido chegar bem perto de onde queria.

As reconstruções vieram principalmente de erros, ou o que costumamos chamar de erros. Nas muitas definições deste termo, em Michaelis(2023), os erros que me levaram a modificar pontos da minha caminhada, são oriundos do entendimento “Ação inadequada, resultante de um juízo falso”. Sendo mais precisa, resultante das decisões, que levaram as ações que tomei, com a realidade a mim apresentada e as ferramentas que possuía, misturadas à falta de experiência, que me levou ao tal “juízo falso”. Fiz novas considerações e mudei as ações. Ações mais adequadas em cima de informações mais acuradas. Reestruturei outros pontos, usando como base momentos que se mostraram acertados em uma turma ou outra.

Adicionava a essa reforma, minhas bases teóricas, os anseios das crianças, as informações e momentos vividos durante as práticas e refletia, como auxiliar

neste processo? Como utilizar comportamentos difíceis a favor do aprendizado? Como vencer essas barreiras?

Estudava, praticava, analisava o que os alunos estavam usufruindo e aprendendo na aula, ou não, procurando encontrar respostas a estas indagações e proceder modificações reconstruindo o que for necessário, o plano, as formas de agir, o elencamento de importâncias, todos os pontos que levem estar mais perto da docente que um dia irei ser.

Gonçalves(2017), menciona que “aprender é processo contínuo ao longo de toda a vida” e a necessidade “para compreender a dimensão da aprendizagem como condição vital de existência”. Pretendo permanecer buscando essa compreensão e entendimento, em eterna reconstrução. Analisando e agindo, afinal, quando não estamos satisfeitos com alguma situação, o que é possível de modificar, podemos mudar e o que é impossível, podemos tentar.

4.5 PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Discorrerei sobre o grande objetivo e desafio que é uma Educação Física que seja levada para além dos minutos semanais curriculares obrigatórios. Quando percebi que foi alcançado e quando não.

A intenção de meu planejamento e plano sempre foi esta, de atravessar os muros, dar ferramentas para que possam utilizar as vivências realizadas em aula fora desta. E como avaliar se isso foi alcançado?

Avaliava o alcance em aulas posteriores, em conversas com alunos, professores de classe ou com seus responsáveis, meu feedback acontecia quando as crianças cantavam as músicas em casa, ensinaram estas e suas peculiaridades de gestos e coreografias para seus familiares, afinal, o momento que as aprendizagens "atravessaram os muros".

Um exemplo é a música "Pipoca", que em algumas aulas realizamos a coreografia, em outras, por escolha deles, cantávamos subindo para sala de aula, pulando para frente mesmo. E em conversas posteriores, com pais e alunos, soube que alguns repetiam esta música em casa e ensinaram os pais e brincaram. Neste momento, o objetivo traçado para esta aula e para todo o tempo de estágio, foi totalmente alcançado.

Me realizei nas conversas iniciais, enquanto as aulas iam passando, contavam cada vez mais sua realidade, relatando diversos momentos, e dividiam mais informações, atentos que eu iria perguntar sobre o seu viver fora da escola. Vibrava também, quando narravam que conversavam com seus ancestrais sobre brincadeiras que tinham realizado em aula.

No instante em que lembram de atividades que fizemos, quando me ensinam sobre como fazer, neste momento o planejamento obteve sucesso. Relataram sobre o uso de meios eletrônicos em demasia, porém aumentaram as informações sobre, brincadeiras, lutas, balés, visita a amigos, ida a parques e circos, viagens e danças no TikTok.

No quesito percepção de tempo, fixaram melhor dias da semana, e o antes e depois, do recreio por exemplo, que no início das nossas aulas tinham mais dúvidas e não sabiam se já tinham tido ou não, pois insistimos neste entendimento e o que era mais confuso, com o tempo e conversas, foi ficando melhor.

O gerar pautas sempre foi um ponto almejado, sobre sua realidade, história, geografia, sobre querer e não, sobre regras e sobre todos os povos que compõem nossa cultura. De forma simples debatemos e refletimos sobre vários temas. A escolha de todas as músicas e canções foi proposital. Escolhidas para poderem ser aprendidas e adicionadas ao repertório musical destas crianças. Adoraram Beatles.

Relato alguns momentos pontuais de análise positiva na prática. Quero-quero, no decorrer das aulas, respeitou mais os combinados, e fez associações lindas, como quando falamos de danças comemorativas, lembrou que jogadores de futebol realizam estas, e que recorda que cantamos músicas e cultura indígena.

Maria-Faceira explicou para a professora Suiriri, a brincadeira de "Gavião e pintinhos" que havia ocorrido há algumas semanas. E todas as vezes que me explicavam uma brincadeira por eles já realizada, quando perguntava, como é que vocês brincam de "ovo-podre" por exemplo. Tico-tico, que cantava "Viseu" várias vezes e gostou de muitas outras músicas trabalhadas.

Pintassilgo recordou que em uma roda todo mundo se vê. E este bando de passarinhos, depois das nossas aulas, entendem mais de ritmo e aumentaram seu repertório de canções, de brincadeiras. Entenderam e conseguem realizar uma brincadeira de roda, brincadeiras com pulos, o "pega-pega" adquiriu algumas variações, e que dançam, de várias formas, níveis, velocidades e movimentos.

Antes, pouco conheciam de música gaúcha, agora dançam o pezinho e ouviram a sonoridade de outras dos povos que compõem nosso estado. Aprenderam um pouco mais da riqueza cultural do local onde vivem e moram. Aumentaram o repertório e concluíram, sozinhos, que a música tradicionalista tem ritmo rápido.

Estes acréscimos tornaram momentos fora da aula mais significativos, por exemplo quando alguns foram no Acampamento Farroupilha²⁶, ou na própria escola, onde ocorreu uma apresentação de um Centro de Tradições Gaúchas²⁷ que dançou músicas gauchescas entre a sétima e oitava semana de aulas nossas na escola.

No diagnóstico percebi que das canções infantis em geral, eles cantavam a “meu lanchinho”, quando desciam para o refeitório e apenas esta. O repertório de canções e brincadeiras cantadas aumentou muito. Com estas, trabalhamos percussão, lateralidade, coordenação, ritmos, dirigidos e até o silêncio. As percepções de espaço e tempo também. Sem esquecer da cultura indígena e africana que vieram atreladas a estes.

Em aula, cito a dança dos “Espelhos” usando Laban, um entre tantos, onde percebi objetivos alcançados. Na construção desta, baseada do mais simples para o mais complexo, primeiro, trabalhamos planos, depois ritmos e por último, movimentos, inicialmente de forma individual e partindo de conhecimentos que já possuíam, e no decorrer das semanas, fui adicionando nomes e definições, ou seja, dando ferramentas a eles.

E o que fizeram? Unidos de repertório, criaram suas próprias coreografias para serem imitadas por seu colega, onde o aprender e se divertir estavam juntos, sem um limitar o outro.

Perceber que somos movidos por emoções e afetos e não esquecer que as crianças também são. Neste momento, os alunos não foram meros reprodutores de um gesto, foram criadores e tinham informação e conhecimento para isto. A professora em formação, vibra. Os muros foram transpostos.

²⁶ Local de cultivo, demonstração, venda de artigos relacionados à cultura gaúcha no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, na cidade de Porto Alegre, que ocorre no mês de Setembro.

²⁷ Os Centros de tradições gaúchas ou CTGs, são sociedades sem fins lucrativos que têm como diretriz propagar os hábitos e crenças tradicionais dos gaúchos e celebrar os costumes por meio de eventos realizados regularmente, como apresentações em colégios.

4.6 RECALCULANDO A ROTA OU APRENDIZADOS MEUS, DA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Deu certo meu planejamento? O que é dar certo? Neste faço uma auto análise e outras reflexões.

Retornando ao professor que não desejo ser, este é o professor de castigos, o que vai chamar a direção se o aluno não se comportar ou tirar ele da prática. Como nos mostra Paula(2015) o efeito desta punição é ineficaz, este de afastar o aluno da prática de Educação Física, as crianças não entendem, não associam, e podemos ter o efeito contrário, de perder o encantamento pela aula, ainda mais na faixa etária envolvida.

Optei então por não ser punitiva nem ameaçadora. Nem tampouco de premiar um comportamento declarado adequado, sendo este o primeiro a ser escolhido ou o último. Tudo partia de combinados.

Me frustrava acreditando que a aula tinha sido péssima por minha “culpa”, pela minha falta de visão sobre como seria. Quando as crianças são prejudicadas no seu aprendizado por eu não ter me programado tão bem, sentia muito. E me perdoava, ao me lembrar que sou só uma aprendiz. O importante era o que fazia depois dessas vivências, refletindo os meus erros e aceitando o tipo de professor que quero e não quero ser. E o que posso. Tenho mais claro o que não desejo, este, tenho orgulho de dizer que a maior parte do tempo não fui.

Me orgulho de pequenos momentos, quando percebia desvios de rumo e observando melhor estas nuances, ajustava “as velas” tomando caminhos novos. Escolhas simples, como em uma aula, fazia a vivência na sala multimídia, onde o controle de turma era mais fácil que na quadra, porém, estava um lindo dia de sol para desperdiçar dentro de uma sala. Quero ser sempre essa professora, que escolhe os alunos e não o controlar os alunos.

Não fui a que ministra castigos e não os ouve. Sei que não quero gritar, obrigar, ameaçar retirar da aula ou afins e me mantenho firme a profissional que não quero, mas dentro destes, quando não sou ouvida, não disponho ainda de tantos elementos para mudar essa realidade.

Me esforcei para parar, mudar os rumos e seguir caminhando com todos. Por vezes acertava, como escolhendo músicas mais calmas para aquele momento, ou parando para conversar e novos acordos. Percebo que a cada experiência acresço repertório também para estar mais próxima da professora que quero ser.

Nos conselhos dos colegas, alguns com mais experiência que eu, vinha a sugestão de me comportar de forma mais dura. Essa não sou eu e não é o tipo de professora que quero ser. Não vou colocar eles “de castigo”, só estão se expressando. Sei que isso traz também prejuízo para os que estão tentando prestar atenção, mas são escolhas que ainda não sei fazer diferente.

Percebo que ainda me falta a postura de professor em sala, por algumas vezes. Treino e treino.

A cada adversidade, refletir e pesquisei como alterá-la, ou me unindo a ela. Um exemplo do “já que não pode vencê-la, una-se a ela” foi a situação dos meninos que de vez em quando se “jogavam no chão”, nas suas brincadeiras particulares na hora da aula, em vez de participar do momento coletivo e seus combinados. Com os variados níveis das brincadeiras de dança, no baixo, utilizarão o chão para fazerem diversos movimentos, e mais importante, fizeram e aprenderam.

Outro caso, do grupo, “menino não dança”, onde busquei desmistificar esse preconceito, buscando informações e dividindo-as com os alunos. Essa característica de ir atrás, de buscar embasamento, jeitos e formas diferentes de conseguir agregar conhecimento para os alunos, não quero perder. Almejo nunca desistir de tentar.

Estar em constante reconstrução. Já mencionei este desejo nas análises, repito, pela importância, nunca deixar de querer aprender. E manter a avaliação de meus “erros didáticos”. Explicando melhor o que quero dizer, não quero aulas protocolares, que fluam bem, porém, não agregadoras ou acrescentando pouco ou nada no conhecimento dos alunos. Apenas mais uma tarefa cumprida. Não desejo isso.

Perceber individualidades, principalmente nos alunos de inclusão. Compreender que uma aula barulhenta não deixava alguns destes confortáveis, ou notar a criança quieta e observadora, como relato na décima primeira semana, e usar isso a favor de sua participação. E que até o calor pode ser um empecilho não notado nem mencionado pelo aluno.

Encontrar um caminho do meio, não ser a professora ditadora, mas também não ser a que os alunos conduzem a aula. Procuo a mediação. Em tudo e em todas as resoluções de conflitos, inclusive meus com os alunos.

Na parte prática, pesquisar ainda mais, conversar sobre com quem tem anos de prática, para aprender também com eles, como agir em momentos que simplesmente a menina não quer fazer aula por ser par de um menino.

Não alcancei todos os meus objetivos descritos nos planos, nas próximas vezes, serei uma professora mais experiente, e talvez também não alcance. Entender o que é possível, com aquela turma, naquele tempo, sendo nós como somos.

Mais de uma vez fiz materiais para eles, na dos chocalhos, foi o que mais despertou curiosidade, pelos materiais diversificados colocados por mim dentro das garrafas pet. Uma aula que não consegui alcançar o plano imaginado, e foi ao meu primeiro ver, caótica, em uma das turmas. Porém, se pelo menos algum deles fizer um chocalho em casa lembrando dessa aula, e brincar, considerarei uma ótima aula

Fazer sem dupla o estágio, sozinha, pelo bem ou pelo mal, decorar nome de alunos, filmar partes para rever, ajudar dividindo os grupos, demonstrar tarefas em dupla, foi, como mencionado, uma dificuldade a mais. E um aprendizado a mais.

Devido a características próprias, falo rápido, corto e pulo explicações, muitas vezes sem perceber. Pensar e treinar cada vez mais estratégias para que as crianças não percam aprendizados por isso. E quando estas não conseguem alcançar ou entender, mesmo explicando com calma e nível de informação adequado à faixa etária, recalculer a rota, refletir se foi alguma falta desta discente docente que por vezes, não tinha a ideia firme e formada de como seguir no caminho.

Por vezes, fui afobada, na ânsia de cumprir o que tinha planejado, passando para a próxima parte da atividade sem refletir se os conhecimentos anteriores estavam assentados. Como ocorreu na oitava semana ao falar de danças gaúchas. Como se tivesse perdendo tempo.

Ao retornar para algumas práticas, por este ou outros motivos, ao fazer um plano de aula mais enxuto, mais real, sem descuidar dos objetivos traçados, sem tentar “alcançar o mundo e não chegar nem na esquina”, percebo que as crianças sentem esta calma, este acreditar no plano traçado, e assim, os dois lados, tem uma aula proveitosa, de trocas e aprendizados.

No último dia de aula, fizemos os acordos, escolhas e explicações com calma, me aliei ao tempo e não fiquei tentando vencê-lo. Aliado este, conquistado aos poucos, formando base para o conhecimento se assentar, que “perder tempo” acordando combinados e conversando sobre informações é tempo ganho de vivência que fluirá melhor.

Assistir às aulas dos colegas de ECO foi um aprender analisando a prática que nenhuma teoria ensina, muito menos aulas on-line. Foi uma oportunidade tão ímpar quanto realizar o estágio. Neste repensei sobre atividades, analisei modelos aprendidos nos livros postos na prática, adquiri tempo de conhecimento que superou minhas poucas horas aula com as turmas por mim regidas. Aprendi sobre condução de aula de lutas, atletismo, ginástica, até de práticas de orientação, como funcionam com os alunos, com uma turma real e desafios também bem reais.

No meu relacionamento com os alunos, busquei a aprendizagem sem doutrinar e como nos exemplificou a Professora Vera, em uma aula da disciplina de Interculturalidade, “sem ser soldadinhos”²⁸, onde os alunos não seguem ordens por seguir, sem ser estimulados a refletir e contribuir, como acontece no Exército.

Falei sobre os indígenas com respeito e recordando a forma que tratam as crianças, com consideração por seus conhecimentos, e que são presentes e não passado de nossa comunidade.

Trabalhamos em roda, onde todo mundo vê todo mundo, trazendo os valores civilizatórios afro-brasileiros que aprendi no texto da Gabriela Bins(2019), e que foram usados para direcionar as conduções das práticas, circularidade, transmitindo conhecimentos de forma oral, e atenta a musicalidade e corporeidade, a ancestralidade quando estimulava a conversa com os seus mais velhos, e o coletivo, em práticas que o todo é maior que a soma das partes.

Me esforcei, considerando estes aprendizados de novos olhares interculturais, para não ser a detentora do saber supremo, e sim, alguém que divide os seus conhecimentos, soma aos dos alunos e se esforça na multiplicação de tudo isso.

Ponderando, que para a docente que quero ser, a sabedoria e a autonomia das crianças são valores caros e que minha vontade era, que estas estivessem presentes nas aulas de Educação Física e ocorressem trocas, entre os alunos e

²⁸ Fala da docente Vera Lúcia Kaninhka da Rosa, Docente da Escola Estadual Indígena Fág Nhin, que se encontra no município de Porto Alegre, proferida em uma aula da disciplina Educação Física Escolar, Interculturalidade e Grupos Étnicos que cursei no semestre 2022/01

eu, lembrando que ninguém entende mais de brincar que as próprias crianças, alcancei meus objetivos.

Concluo, primeiramente o estágio, e depois este relato, mais rica do que comecei. Riqueza essa formada pelo acréscimo de vivências, ou seja, passei por todas estas situações e obtive conhecimentos e experiências ímpares. Ao narrar estes fatos, descrevê-los, contextualizá-los, esmiuçá-los e por fim, analisando-os, aprendi. E a aprendizagem como nos descreve GONÇALVES (2004 P. 224) é uma reconstrução de significados.

Aprendizagem é sempre um salto reconstrutivo pois em vez de simplesmente repetir uma situação ela reconstrói em termos de significados. Isso nos leva à condição de aprender a aprender, já que aprender representa por um lado uma capacidade de mudança, sobretudo de mudar do ponto de vista de iniciativa do sujeito. GONÇALVES (2004 p. 224)

Termino reconstruída. Analiso meus objetivos, conteúdos e avaliação pretendidos, vejo falhas e acertos. Faria diferente? Não sei, a pessoa que sou agora sim, mas ela não era esta sem o aprendizado daquele momento, daquele “erro” ou acerto. Agora posso me debruçar sobre, repensar, aprender e ressignificar em ação para os passos que ainda virão. Começar novas obras, novas reconstruções.

Figura 14 - Desenho Amor



Fonte: Acervo Pessoal

5 ENCAMINHAMENTOS

Este é um caminho entre tantos. E uma chegada, entre tantas outras.

A direção foi não ser o que não quero, porém, ainda sou diferente da professora que quero ser. Temos sonhos, expectativas, projeções e aspirações do tipo de profissional que queremos ser, e é claro, cada um na sua percepção, nos nossos valores, nós nos imaginamos sempre os melhores. Podemos nunca alcançar este personagem por nós criado, até porque, muitas vezes, ele é utópico. No nosso domínio está constituir-se um professor que nos orgulhe de ser, com erros e acertos.

Esta narrativa abrange os pontos que me guiaram na trilha de aprendizado, que é da professora em formação e dos alunos que me auxiliaram neste caminho. Relato as experiências no Estágio Curricular Obrigatório de um curso de licenciatura, desde o escalonamento de importâncias que compõe realizar um planejamento e o que me levou a realizá-lo desta forma, passando pela confecção dos planos de aula, e ao aplicá-los, suas facilidades e dificuldades, o engajamento das crianças nas aulas e na proposta ofertada.

As principais reflexões estão nas discussões realizadas sobre aonde queria chegar, o destino principal, e o “como” e “se” chegamos lá. Refletir sobre a meta buscada, que era respeitar os saberes dos alunos e crescer outros, e esses se espalhassem além do horário da aula curricular de Educação Física, e nesse caminho, não se tornar o tipo de professor que não quer ser.

Narro as dificuldades de uma discente docente, da inexperiência e experiência que é se tornar professora, e o que embasou essa construção da futura mestra.

No planejamento, aqui detalhado, busquei não ser a única detentora do conhecimento, buscando trocas, não me furtando de fornecer elementos para aprimorar o repertório das crianças, favorecendo práticas mais plenas e se mantendo atento a realidade por eles vivenciada. Consegui isso? Algumas vezes sim e em outras, não. Em cada não, nova tentativa, novo esforço, mais estudo, mais pesquisa e mais prática. Me orgulho de não desistir e continuar buscando.

Todas as vezes que recalculei a rota, pesquisei para vencer um desafio ou refleti para encontrar uma solução para uma adversidade e aprendi coisas novas. Essa eterna vontade de aprender é uma das características que almejo manter. O

professor que eu desejo ser busca conhecimento, ferramentas, formas, de alcançar seus alunos.

Ensinei dança sem saber dançar.²⁹ Por acreditar que os alunos devem poder acessar todas as habilidades, e o mestre não saber executá-los não pode servir de desculpa. Podemos, nas bases teóricas, encontrar formas de desenvolver conhecimentos, não sendo necessário ser um exímio realizador desta atividade. Não quero ser, nem serei, a professora que se limita ao que sabe executar.

Aspiro, pessoalmente, realizar as explicações com calma. Um professor precisa ser entendido. Esta calma, não envolve apenas falar devagar, envolve explicações coerentes e ajustadas ao nível cognitivo de cada turma. Não adianta ter um “plano perfeito” se os alunos nem sequer entendem sua proposta, se essa minimamente não se conecta com eles, se o seu ponto de partida não é o conhecimento deles. Almejo não perder isto de vista.

Minha "Viseu" tem aulas maravilhosas, com muitas trocas, conversas produtivas, alunos sempre interessados, professores prontos a entenderem seus alunos e perceberem suas necessidades.³⁰

Nas conversas sobre o término do estágio, expliquei para eles sobre sair. Indagaram o motivo, falei que estava aprendendo a ser professora e agradei eles por me ensinarem. É sobre isso, sobre os preciosos tijolos desta construção.

A certeza é que termino esta etapa mais próxima desta professora que um dia serei e concluo com orgulho desta trajetória de tanto crescimento.

Consgo? Nem sempre. Para mim é muito mais importante ter em mente o tipo de professor que não quero ser, e ir construindo, aos poucos, este que busco.

A vida continua me planejando.

“Será que o mundo tem começo, meio e fim?”

Começo, Tiqueté.

²⁹ Explicações e contextualização no item 4.2

³⁰ Música trabalhada com as crianças na qual imaginávamos nossa cidade mágica, Viseu, que contém o que desejamos. Letra em anexo

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, C. Processo Ensino-Aprendizagem: Características do Professor Eficaz. Millenium. Revista do I.P.V. Portugal. Viseu n 39: p 55-71. 2010. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7857875> Acesso em: 29/01/2023
- ANTUNES, C. Professor Bonzinho = Aluno Difícil. A questão da indisciplina em sala de aula. 9 ed. PETRÓPOLIS, RJ. Editora vozes. 2011.
- BAPTISTA, M.L.C. Comunicação, Amorosidade e Autopoiese. Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação: in IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142120151171703635339999300420813463589.pdf> Acesso em: 03/23
- BINS, G.N. Relações Étnico-Raciais Na Educação Física Dos Anos Iniciais In FONSECA, D.G.; MACHADO, R.B. A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS. SULINA, Porto Alegre, 2019. p 58-72
- BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Inciso I do Artigo 12. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11694606/inciso-i-do-artigo-12-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996> Acesso: 01/23
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BOURDIEU, P. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In CATANI, A., NOGUEIRA, M.A.(org). Escritos de Educação. Petrópolis, RJ. ed. Vozes, 1998. p 41-64
- BRACHT et al, A Prática Pedagógica Em Educação Física: A Mudança A Partir Da Pesquisa-Ação Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, jan. 2002
- CAPARROZ, F.E.; BRACHT, V. O tempo e o Lugar de uma didática da Educação Física. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v 28, n. 2 p 21-37. jan 2007
- CASTRO PEREZ, M., MORALES RAMIREZ, M. E..Los Ambientes De Aula Que Promueven El Aprendizaje, Desde La Perspectiva De Los Niños Y Niñas Escolares. Educare [online], vol.19, n.3, pp.132-163. Heredia Sep./Dec. 2015. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-42582015000300132 Acessado em 06/10/22
- CUNHA, E. C. A Psicomotricidade Na Educação Infantil: Ressignificação De Práticas Pedagógicas. Dissertação de Mestrado. UFR.Porto Velho, 2016
- DAOLIO, J. DA CULTURA DO CORPO. Campinas, SP. Papyrus, 1995.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I.C. Educação física na escola: Implicações para a prática

pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

DARIDO, S.C. Diferentes Concepções Sobre o Papel da Educação Física na Escola in CONTEÚDOS E DIDÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA acervo digital-UNESP- Rio Claro 2012 p 34-50.

DARIDO, S.C. Teoria, Prática E Reflexão Na Formação Profissional Em Educação Física.Revista MOTRIZ Vol. 1, N 2, p 124-128, Dez. 1995

DESMURGET, M. A Fábrica De Cretinos Digitais. 1ª ed. 1ª reimp. São Paulo, 2021

FERREIRA, M. Pedido De Nomeação De Concursados Para Educação Está No Mp De Contas Do Rs. Jornal Brasil De Fato. Porto Alegre. 09 de Dezembro de 2022 às 12:23. Disponível em:

<https://www.brasildefatores.com.br/2022/12/09/pedido-de-nomeacao-de-concursados-para-educacao-esta-no-mp-de-contas-do-rs> Acesso em 04/02/2023

FONSECA, D. G, da. Planejamento. In: FONSECA, D. G. da e MACHADO, R. B. Educação Física (re)visitando a Didática. Porto Alegre: Sulina: 2015.

FREIRE, J. B. Prefácio in DAOLIO, J. Da Cultura Do Corpo. Campinas, SP.Papirus,1995 p 7-12

FREIRE, J. B. Educação De Corpo Inteiro. Teoria E Prática Da Educação Física. 1 ed. ed scipione. 2011

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1. 2013.

FRISON, L. M. B. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. Pro-posições Scientific Electronic Library Online n 27, Jan-Apr. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pp/a/WsS9BVxr8VXR796zcdDNcmM/> acesso em: 14/01/2023

FUSARI, J.C.O Planejamento do Trabalho Pedagógico: Algumas Indagações e Tentativas de Respostas. Série Ideias, crmariocovas.sp.gov.br 1990 Disponível em: [tentativas de respostas](#) Acessado em: 02/23

GAYA, A. C. A.; GAYA, A. R.. Relato De Experiência: Roteiros Para Elaboração De Trabalhos De Conclusão De Cursos De Licenciatura. Curitiba: Editora CRV, 2018.

GONÇALVES, C.J.S. Corporeidade: Revisão Do Conceito. Tese Doutorado em Educação - UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA, [S. l.], 2004

GONÇALVES, C.J.S. Educação Física e Pibid – Vivências e Competências Analógicas em Tempos Virtuais de Compartilhamento – Princípios de Ação Pedagógica. In: COSTELLO, R.Z. et al (orgs) E-book Percursos da prática de sala

de aula: PIBID , 2ªed. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p 56-69. Disponível em:
Percurso da prática de sala de aula - E-book.pmd Acesso em: 14/02/23

GOÑI, J. O. Ensinar: Criar Zonas De Desenvolvimento Próximo e Intervir Em Ellas. In SALVADOR, C.C. et al El constructivismo en el aula. Biblioteca de Aula/série didática. Graó. Barcelona. 10ª ed. 1999.

GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre O “Não Mais” E O “Ainda Não”: Pensando Saídas Do Não-Lugar Da Ef Escolar I. Cadernos de Formação RBCE, Campinas - SP, v. 1, n. 1, p. 9 - 24, set. 2009

GUEDES, N. C. A Importância Do Projeto Político Pedagógico No Processo De Democratização Da Escola. Ensino em Perspectivas, 2(2), 1–15 Universidade Federal do Piauí . 2021. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4815> Acessado em 06/10/2022

LEMES, A. L. et al. Tempo De Tela, Crianças E Pandemia De Covid-19: Uma Revisão Narrativa in Anais do III Congresso Internacional de Educação e Saúde da Universidade de Marília, MARÍLIA, SP MAIO 2021 Disponível em: [III Congresso Internacional de Educação e Saúde da Universidade de Marília](#) Acesso em 06/02/2023

LEONARDI, T. J. et al. Pedagogia Do Esporte: Sinalização Para A Avaliação Formativa Da Aprendizagem. Revista Pensar a Prática Goiânia, v. 20, n. 1, p. 216-229 jan./mar.20017

MARQUES, I. A.. Revisitando a dança educativa moderna de Rudolf Laban. Sala Preta, - revistas.usp.br 2002 Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57104> Acesso em: 03/23

MICHAELIS dicionário online. Editora Melhoramentos Ltda. 2023. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/> Acesso em: 02/23

MOLETA, A. F. et al. Momentos Marcantes Do Estágio Curricular Supervisionado Na Formação De Professores De Educação Física. Pensar a Prática, Goiânia, v. 16, n. 3, jul./set. p 715-730. 2013. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/18705/15246> Acesso em: 01/23

NEIRA, M.G. Relatos de experiência com o currículo cultural da Educação Física: Formando professores e professoras o “chão da quadra”. In: NEIRA, M. G. Educação física Cultural: Relatos de Experiência. 1 ed. Jundiaí- SP. PACO Editorial, 2018, p 6- 19.

NUNES, C.; FEITOZA, R. Os Movimentos Sociais e as Políticas Educacionais diante da Questão da Emancipação Humana: As Tendências Reais e as Novas Ilusões Respostas. Revista QUAESTIO, Sorocaba, SP, v.10, n. 1/2, p. 71-94, maio/nov. 2008

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Diretrizes Da Oms Para Atividade Física E Comportamento Sedentário. Resumo. Genebra. OMS. 2020. Disponível em

<https://www.mun-setubal.pt/wp-content/uploads/2021/02/OMS-recomendacoes-exercicio-sedentarismo.pdf> acesso em 02/02/2023

PAULA, E.J.; PAIXÃO, J. A.; OLIVEIRA, C.O. Suspensão De Aulas De Educação Física Como Forma De Punição: A Percepção Discente. Revista online Pensar a Prática. v. 18 n2. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/30926> acesso em: 12/01/23

PIRES, S.F.S., BRANCO, A.U. Protagonismo Infantil: Co-Construindo Significados Em Meio Às Práticas Sociais. Revista Paidéia. Universidade de Brasília, Brasília. n 17, p 311-320. 2007

PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas: 2017. Brasília: 2017.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO. Matrizes de referência curricular do ano 2022 no Rio Grande do sul. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202202/16190302-matrizes-de-referencia-2022.pdf> acesso em: 06/2022

VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível. Campinas, SP: Papirus Editora, 2013

VIEIRA, J. L. Psicomotricidade Relacional: A Teoria De Uma Prática. Palestra Perspectivas Online. 2007. p 64-68 Disponível em: [PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: A TEORIA DE UMA PRÁTICA | Perspectivas Online 2007 - 2011](#) Acesso em: /062022.

APÊNDICE A - Gravações

As falas das crianças estão em itálico. Anotado só as falas principais. Algumas partes estão escrito o que eles falaram, noutras, está transcrito o que eles falaram.

Turma Andorinhas

Peço para me contar o que fizeram enquanto eu pego a chamada, *brincamos, nos divertimos, fizemos desenho..* quem mais fez desenho - uns 6 levantam a mão , *eu saí !* quem correu? *eu, eu corri, até dentro de casa* quem viu alguma coisa na TV - vários *eus-* quem mexeu no celular? *eu, eu também.* Todos mexeram? uns 3 *não.* Outra pergunta - todo mundo tem celular aqui? respondem que pegam de alguém ou tem, várias tem. perguntei usaram pra que?

ROBLOX, MINECRAFT alguns viram danças e vídeos. Uma respondeu que não. (depois perguntei, ela respondeu que não utiliza celular)

Perguntei em seguida quais foram as brincadeiras que fizemos até agora galinha choca, pega-pega gelo e gavião pintinho, de duplas,

Turma Biguás

O que vocês sabem sobre dança? *Nada rsrrsrsr... Dançar* (levanta e mostra movimento de dança da moda)

Todo mundo dança? *Sim .. tuti tuti tуди* - mais alguns movimentos.

De vários tipos? *Sim! Sentem!!* Vocês acham que todo mundo dança e vocês já estão querendo dançar? - *É!!*

Que dança que vocês conhecem? *Dança de nada* (risos)... *e tem aquela assim também* (demonstra mais uma de moda) *eu já sou profissional nessa dai*

Todo mundo já dança então aqui?*Sim!!* contextualização pré história- *também eles foram os primeiros...a música da chuva* - Felizes - dançavam. *Dança para limpar casa também tem ritmo* - Isso tem ritmo!! Bem lembrada! todo corpo dança? *sim.. não...e começamos a dançar partes do corpo sentados.*

ANEXO A

Unidades Didáticas e planos de aula confeccionados conforme orientação da professora responsável pela disciplina de EFI99001 - Estágio De Docência De Educação Física No Ensino Fundamental - Turma B- 2022/01

UNIDADE DIDÁTICA - Jogos e Brincadeiras

UNIDADE DIDÁTICA EDUCAÇÃO FÍSICA
<p>ENSINO FUNDAMENTAL ANO: 1 ano TURMA: A e B COMPONENTE CURRICULAR: EDUCAÇÃO FÍSICA Professora Titular: Suiriri Professora Estagiária: Tatiana Oliveira Martinhago (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Curso de Educação Física)</p>
<p>TEMA DA UNIDADE DIDÁTICA: JOGOS E BRINCADEIRAS</p>
<p>INÍCIO DA UNIDADE DIDÁTICA: Rodas cantadas e brincadeiras do contexto comunitário</p>
<p>TÉRMINO DA UNIDADE DIDÁTICA: Rodas e jogos do contexto comunitário e regional</p>
<p>OBJETIVOS DA UNIDADE:</p> <p>Promover vivências dentro dos jogos e brincadeiras, conhecendo e experimentando os mesmos praticados no contexto comunitário, respeitando e executando as atividades corporais envolvidas com autonomia e acolhendo as diferenças entre as formas de execução.</p> <p>Vivenciar e aprender sobre roda cantada, brincadeiras e jogos do contexto comunitário</p> <p>Conhecer singularidades da roda cantada, seus desafios e suas complexidades.</p> <p>Executar e tirar conclusões sobre rodas cantadas, brincadeiras e jogos infantis</p> <p>Aprender e vivenciar diferentes versões de brincadeiras e jogos populares trabalhando papéis opostos e táticas.</p> <p>Comentar e tirar conclusões sobre as atividades, ponderando sobre estas.</p> <p>Recrear-se com as atividades propostas.</p>

CONTEÚDOS DA UNIDADE:**Conceituais**

Reconhecer a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem e as características dessas práticas.

Identificar a brincadeira trabalhada.

Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional.

Procedimentais

Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, partindo de experiências corporais e movimentos simples (correr, saltar, chutar, arremessar, rolar)

Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional,

Utilizar os conhecimentos prévios para, através do “lúdico”, localizar-se no tempo e espaço, (hoje, ontem, antes, depois, agora, direita, esquerda, em cima, embaixo, frente, atrás).

Atitudinais

Reconhecer que existem diferenças de desempenho entre os colegas.

Discutir a importância da observação das normas e das regras para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes

Respeitar e aceitar as diferenças individuais de desempenho dos colegas

Valorizar a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem.

Colaborar na proposição e na produção de alternativas para a prática, em outros momentos e espaços, de brincadeiras e jogos e demais práticas corporais tematizadas na escola,

Prezar pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo em todas as práticas

Apreciar as práticas ofertadas

ATIVIDADE DISPARADORA DA UNIDADE DIDÁTICA : Caminhada Maluca**ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NA UNIDADE DIDÁTICA:**

Brincadeiras, rodas cantadas e jogos do universo infantil e do contexto comunitário e regional

ATIVIDADE FINAL DA UNIDADE DIDÁTICA (última aula):

Conversa reflexiva sobre as brincadeiras e jogos feitos e sua participação nestes

AValiação: .

Por parecer (conforme a escola preconiza)

Observação sobre participação, respeito aos combinados anotados por mim em uma planilha. Conversas reflexivas no final da unidade com perguntas aos alunos sobre participação e empenho.

Conversa favorecendo a reflexão e auto-avaliação.

ANEXO B - PLANOS DE AULA SEMANA 1 E 2

Unidade didática Jogos e Brincadeiras. Plano de aula Semana 1

TEMA DA AULA: RODAS CANTADAS E BRINCADEIRAS

OBJETIVOS DA AULA:

Vivenciar e aprender sobre roda cantada

Conhecer singularidades da roda cantada, seus desafios e suas complexidades.

Executar e tirar conclusões sobre rodas cantadas e jogos

Aprender e vivenciar a brincadeira de pega-pega, trabalhando papéis opostos e táticas.

Comentar sobre as atividades que realizarmos, ponderando sobre estas.

Recrear-se com as atividades propostas.

CONTEÚDO:

Conceituais:

Identificar a brincadeira trabalhada

Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional.

Procedimentais

Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, partindo de experiências corporais e movimentos simples (correr, saltar)

Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras

Utilizar os conhecimentos prévios para, através do “lúdico”, localizar-se no tempo e espaço, (antes, depois, agora, direita, esquerda, em cima, embaixo, frente, atrás).

Atitudinais

Respeitar e aceitar as diferenças individuais de desempenho dos colegas

Valorizar a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem.

Colaborar na proposição e na produção de alternativas para a prática, em outros momentos e espaços, de brincadeiras e jogos e demais práticas corporais tematizadas na escola,

Prezar pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo em todas as práticas

Apreciar as práticas ofertadas

Reconhecer que existem diferenças de desempenho entre os colegas.

Discutir a importância da observação das normas e das regras para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes

ATIVIDADES/PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1. 10-15 minutos

Conversas com combinados, aula voltada para um diagnóstico de turma, um conhecer mútuo

Caminhada Maluca. Uma caminhada com orientações iniciais

Ponta do Pé, calcanhar, lado do pé, pulando, de um pé só, andando de lado(direito e esquerdo), imitando colegas, lenta, rápida. Propostas de forma lúdica

2. 25 - 30 minutos

Roda 1 - ciranda - chamando cada criança ao centro para dar uma giradinha/dançadinha) com progressão de mudar de lado(esquerda direita)

Conversa e contextualização. Ver se conhecem alguma outra brincadeira de roda(*para usar neste dia ou em outro)

Roda Viseo com Ludicidade e coordenativos

Brincadeira de pegar Conversas iniciais e quais eles conhecem *- 1 simples, 1 pegador, o fugitivo vira pegador quando pego, depois aumentando a complexidade até o pega salva com um abraço, onde um abraço do colega “te salva” de ser pego, com combinados de não pode ficar abraçado o tempo todo e outros)

3. 5 minutos

Alongamento lúdico no mesmo mote da caminhada maluca.

Conversas finais

AVALIAÇÃO:.

Por parecer (conforme a escola preconiza)

Observação sobre participação, respeito aos combinados anotados por mim em uma planilha. Conversas reflexivas no final da unidade com perguntas aos alunos sobre participação e empenho.

Conversa favorecendo auto-avaliação.

Unidade didática Jogos e Brincadeiras. Plano de aula Semana 2

ATIVIDADES/PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Início - 13:30 - 13:40 - 10 minutos

Conversas sobre prática anterior e sobre a próxima

Caminhada imitando animais e insetos

rato(passos pequenos, coelho manco, canguru, formiga, caranguejo(lateral direita esquerda), cobra(incentivar fazer com as mãos), Galinha, passarinho,girafa, elefante, gato manhoso e cachorro brincalhão. Propostas de forma lúdica

Parte Principal - 30 minutos

Rodas e ou/brincadeiras cantadas 13:40 - 13:55

Roda - Retornar a Roda Viseu contextualizando se quiserem

Brincadeira cantada - pipoca ou Fui morar numa casinha.

Roda (se tempo) - imitando os bichos

Brincadeira de pega-pega 13:55 - 14:10

1 - congela passando para o transforma em bicho, podendo ser liberado por outro fugitivo que toca e grita - ABRACADABRA - para voltar para brincadeira.

Volta à calma - 10 minutos

Alongamento lúdico no mesmo mote da caminhada animal

Conversas finais com reflexões sobre as diferentes formas de brincar

ANEXO C - Unidade Didática 2 - Dança

Unidades Didáticas e planos de aula confeccionados conforme orientação da professora responsável pela disciplina de EFI99001 - Estágio De Docência De Educação Física No Ensino Fundamental - Turma B- 2022/01

<p>ENSINO FUNDAMENTAL</p> <p>ANO: 1 ° ano</p> <p>TURMA: B e A</p> <p>COMPONENTE CURRICULAR: EDUCAÇÃO FÍSICA</p> <p>Professora Titular: Suiriri</p> <p>Professora Estagiária: Tatiana Oliveira Martinhago (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Curso de Educação Física)</p>
<p>TEMA DA UNIDADE DIDÁTICA: Danças rítmicas infantis e contexto comunitário</p>
<p>INÍCIO DA UNIDADE DIDÁTICA: danças rítmicas infantis</p>
<p>TÉRMINO DA UNIDADE DIDÁTICA: Danças da comunidade</p>
<p>OBJETIVOS DA UNIDADE:</p> <p>Vivenciar e apreciar atividades sobre dança do contexto comunitário.</p> <p>Executar e tirar conclusões sobre danças que estão inseridas no contexto comunitário.</p> <p>Observar e executar movimentos básicos danças trabalhados</p> <p>Comentar sobre as atividades que realizamos, ponderando sobre estas.</p> <p>Recrear-se com as atividades propostas</p> <p>Promover a socialização e o respeito, aos colegas e as regras.</p> <p>Promover a autonomia e a criatividade nas atividades.</p> <p>Comparar as atividades propostas com as já conhecidas por eles.</p> <p>Estimular as atividades em grupo, seus desafios e suas complexidades.</p>
<p>CONTEÚDOS DA UNIDADE (lista):</p> <p><u>Conceituais</u></p> <p>Identificar os elementos comuns, movimentos e as ações comuns das danças do contexto comunitário e regional de acordo com o nível de desenvolvimento e de suas possibilidades e os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos)</p> <p>Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as danças do contexto comunitário.</p> <p><u>Procedimentais</u></p>

Utilizar os conhecimentos prévios para, através do “lúdico”, localizar-se no tempo e espaço, (hoje, ontem, antes, depois, agora, direita, esquerda, em cima, embaixo, frente, atrás).

Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas) e recriá-las.

Atitudinais

Respeitar e aceitar as diferenças individuais de desempenho dos colegas.

Reconhecer que existem diferenças de desempenho entre os colegas.

Prezar pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo em todas as práticas.

Apreciar as práticas ofertadas.

Discutir a importância da observação das normas e das regras para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes.

ATIVIDADE DISPARADORA DA UNIDADE DIDÁTICA (primeira aula):

Conversa sobre o que é dança para eles, o que é ritmo.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NA UNIDADE DIDÁTICA: ritmo, lateralidade, noção de espaço coreografias infantis, noções de danças do contexto comunitário e regional

ATIVIDADE FINAL DA UNIDADE DIDÁTICA (última aula): Desenho feito por eles (deles dançando)

AVALIAÇÃO:

AVALIAÇÃO: .

Por parecer (conforme a escola preconiza)

Observação sobre participação, respeito aos combinados anotados por mim em uma planilha. Conversas reflexivas no final da unidade com perguntas aos alunos sobre participação e empenho.

Conversa favorecendo a reflexão e auto-avaliação.

ANEXO D - PLANO DE AULA SEMANA 11 DANÇA

OBJETIVOS DA AULA:

Executar e tirar conclusões sobre danças, jogos e brincadeiras que estão inseridas no contexto comunitário e regional.

Recrear-se com as atividades propostas.

Estimular as atividades em grupo, seus desafios e suas complexidades.

CONTEÚDO:

Conceituais

Identificar os elementos, movimentos e as ações comuns das danças, jogos e brincadeiras do contexto comunitário e regional de acordo com o nível de desenvolvimento e de suas possibilidades e os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos)

Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional,

Procedimentais

Utilizar os conhecimentos prévios para, através do “lúdico”, localizar-se no tempo e espaço, (hoje, ontem, antes, depois, agora, direita, esquerda, em cima, embaixo, frente, atrás).

Atitudinais

Prezar pelo trabalho coletivo em todas as práticas.

Discutir a importância da observação das normas e das regras para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes

Respeitar e aceitar as diferenças individuais de desempenho dos colegas.

ATIVIDADES/PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1. 13:30 Conversas em sala de aula sobre atividades trabalhadas no bimestre e escolha de próxima atividade com suas regras e combinados.
2. 13:40 Atividade pré combinada, na quadra. Atentos aos combinados feitos por eles. brincadeira com coordenação e ritmo combinada para o final e voltar para a sala de aula
3. 14:05 fazer desenho sobre prática que mais gosta atento as partes do corpo

AVALIAÇÃO

Por parecer (conforme a escola preconiza)

Observação sobre participação, respeito aos combinados anotados por mim em uma planilha. Conversa favorecendo a reflexão e auto-avaliação.

ANEXO E - RASCUNHOS DE AULA

Início - 13:30 - 13:40 - 10 minutos, *de manhã Quem?*

Conversas sobre prática anterior - o que fizemos na nossa última aula?

Roda foi inventada pela prof ou é muuuuito antiga?

Pergunte para os pais/irmãos etc que roda conhecem - falar de mim - minha mãe ensinou cantigas e meu pai a do chapéu. escola amarelinha e outras →

Falar sobre atividades que iremos fazer

Caminhada imitando animais e insetos - muitos tem cães e gatos, e conhecem vários bichos, vamos imitá-los _ aula ANIMAAAAL *ca* *ca*

Quem consegue, como vocês imaginam? - rato (passos pequenos, coelho manco, canguru, formiga, caranguejo (lateral direita esquerda), cobra (incentivar fazer com as mãos), Galinha, passarinho, girafa, elefante, gato manhoso e cachorro brincalhão.

Parte Principal - 30 minutos

Rodas e ou/brincadeiras cantadas 13:40 - 13:55

Roda - Retornar a Roda Viseo contextualizando (se quiserem) - o que tem em Viseu?

Brincadeira cantada - pipoca ou Fui morar numa casinha .

Roda (se tempo) - imitando os bichos

Brincadeira de pega-pega 13:55 - 14:10

1 - congela passando para o transforma em bicho, podendo ser liberado por outro fugitivo que toca e grita - ABRACADABRA - para voltar para brincadeira

volta à calma - 10 minutos

Alongamento lúdico no mesmo mote da caminhada animal

Conversas finais com reflexões sobre as diferentes formas de brincar -

Isso é coisa de Efi?

E as férias? Conto que vou fazer.

Pergunte para os pais que roda conhecem

Pipoca

Uma pipoca puxa assunto na panela	É um tal de ploc (1 pulo pra frente)	É um tal de ploc (1 pulo pra frente)
Outra pipoca vem correndo responder	Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra trás)	Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra trás)
Aí começa um tremendo falatório	Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra direita)	Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra direita)
E ninguém mais consegue entender	Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra esquerda)	Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra esquerda)

Aula (2)

13:30 Conversar sobre danças do RS

Gauchescas- natureza e o ambiente: a terra, o chão, os costumes, o cavalo. protagonista o **Gaúcho**. danças de salão centro-europeias no século XIX.

hip hop, rap - precursores do funk. O sertanejo

outras influências - o que conhecem?

Sentados, primeiro com as mãos, ombros, braço e tronco trabalhar de forma lúdica os movimentos de

Laban o movimento é com todo o corpo. Começa mãos e mais lento, vai para corpo todo, diminui antes de parar - Velocidade lesma a velocidade furacão

deslizar; flutuar; socar-pontuar; empurrar; torcer; chicotear; recolher; repelir. cortar

INVENTAR → VÁRIOS TIPOS - ALGUNS DELES

CADA UM EM SUA FORMA

GAUCHO

3

T. DANÇAS AMARAS / FUNK → ROCK E JAZZ

De pé, novamente experimentar os movimentos.

13:50 brincadeira dançante de espelho → COREO KIKIXOX - JAZZENDO ATRAVÉS DO ACIMA

Em duplas, cada um dentro do espaço de um arco ou círculo desenhado no chão irão imitar os movimentos do colega como se fosse o espelho, primeiro com sugestões de ritmo, planos e movimentos, depois livre.

Quando já tiverem trocado algumas vezes, aumentar o espaço que pode ser utilizado- divididos, metade da quadra, cada dupla podendo usar mais espaço.

14:10 Música indígena - contextualização e gestual próprio.

povos indígenas SEM NUNCA FINAL DA AULA DEIXAR PROXIMO

Guarani - cantos(para deuses) - a terra, tekoha, é parte integrante da família Caingangues - Kamé - sol e Kairu - lua. A música e suas narrativas Charruas - uruguaí, argentina, treinavam para guerra e a natureza igual eles Povos do RS e outros.

Coreografia do Yapo - canção maori - povo nativo da Nova Zelândia - Moana

. Percussão no corpo. aumentando velocidade - último no silêncio

YAPO, IA, IA, E E Ô

YAPO, IA, IA, E E E ou Epo i tai i tai e

YAPO, IA, IA YAPO

E TUQUE, TUQUE YAPO

E TUQUE, TUQUE, E E E

YAPO – bater duas vezes com a palma das mãos na perna.

IA IA – bater duas vezes nos ombros com as mãos cruzadas.

EEÔ – estralar três vezes os dedos, de um lado para o outro.

EEE – estralar três vezes os dedos, de um lado para o outro.

Eu não sou triste - eu serei feliz

EDOCIAI TAI
E
1-2-3 TOUSARAS
3-4-5 LIVET
5-6-7-8
6-7-8 → HCLP
CAMBIA
MAUO

3

Aula 3 UD DANÇA

13:30

Relembrar as informações trazidas até o momento. O que realizaram? O que lembram?

Trazem algumas danças, brincadeiras cantadas/ritmadas. Partindo do que aprenderam.

Dança é só com??? ritmo, plano, parte do corpo, movimentos, sons

MOVIMENTOS PLANOS E RITMOS (ESTÁTUA E ESPELHO)

YAPO KOKOLEOKO MEU CHAPÉU MINUET

Aula de acompanhamento ritmo/música movimento

13:50

Conversar sobre danças do RS (gauchescas, hip hop, povos indígenas e outras influências)

Sapateado forte e movimentos velozes com bastante agilidade gaita e o violão, Bailão, baile para todas as idade

Dança da chula, sapateados, avançando e recuando sobre o pedaço de madeira

do facão, duplas, xote, fandango, milonga

Dança gauchesca - Retomar (roda), depois, Balaio, em 2 rodas (uma menor interna e outra maior), girando em sentidos contrários e parando para sapateado. Se pouco tempo, ou o interesse for maior - substituir por chula

Dança do pézinho (adaptada) individual, caracterizando bem lateralidade e depois em duplas

14:10 Música indígena - dos povos originários do RGS - ANTES

povos Kaingang, Guarani, Charrua e Xokleng (RS E SC) Contextualização e gestual próprio. batida de pés, percussão no corpo, instrumentos.

Levar chocalho?

Estimular a ouvirem e sentirem sonoridade dos

Guaranis maior povo nativo - Batida forte com os pés - canto para Deus

Kaingang - povo guerreiro - KAME SOL KAIRU LUVA

Xokleng - Laklanõ" - gente do sol. Gente ligeira

Charruas. (que dança imaginam?)

treinavam para a guerra.

Retomar a Coreografia do Epo (yapo), agora com mais velocidades.

Conversas sobre o que sabíamos e o que aprendemos sobre dança até agora Pedir para próxima aula um desenho com eles dançando o que mais gostaram. LEVAR FOLHAS!!

ANEXO F - LETRAS DE MÚSICAS E CANÇÕES

As letras de músicas e canções estão na ordem que foram mencionadas no texto.

Ciranda, cirandinha(adaptada)

Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar

O anel que tu me destes
Era vidro
E se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou

Por isso meu amigo
por favor entra na roda,
de uma dançadinha,
logo logo sem demora

repete ciranda e muda a última estrofe

Por isso meu amigo
por favor voltem pra roda,
já dançaram bem bonito
voltem pra girar agora

A caminho de Viseu ou Viseu

Indo eu, indo eu
A caminho de viseu
Indo eu, indo eu
A caminho de viseu

Encontrei um amigo
tra lá lá , que lá vou eu
Encontrei outro amigo
tra lá lá, que lá vou eu

Ora zus, trus, trus
Ora zas, trás, trás
Ora zus, trus, trus
Ora zas, trás, trás
Ora chega lá para frente
Ora arreda lá pra trás

Pipoca

Uma pipoca puxa assunto na panela
 Outra pipoca vem correndo responder
 Aí começa um tremendo falatório
 E ninguém mais consegue entender

É um tal de ploc (1 pulo pra frente)
 Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra trás)
 Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra direita)
 Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra esquerda)

É um tal de ploc (1 pulo pra frente)
 Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra trás)
 Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra direita)
 Plo-ploc ploc ploc (3 pulos pra esquerda)

Casinha lagartixa

Fui morar numa casinha-nha
 Infestada-da de cupim-pim-pim
 Saiu de lá-lá-lá uma lagartixa-xa
 Olhou pra mim, olhou pra mim e fez assim

Galo e a Galinha

A galinha pintadinha
 E o galo carijó
 A galinha usa saia
 E o galo paletó
 A galinha ficou doente
 E o galo nem ligou
 E os pintinhos foram correndo
 Pra chamar o seu doutor
 O doutor era um peru
 Glu-glu
 E a enfermeira era um urubu
 Uh-uh
 E a agulha da injeção
 Era a pena de um pavão, ui

Galinha choca

Galinha choca, comeu minhoca, ficou pulando, igual pipoca!

O meu Chapéu tem três pontas

O meu chapéu tem três pontas
 Tem três pontas o meu chapéu
 Se não tivesse três pontas
 Não seria o meu chapéu

Minuet - TECA-TECA - Amarelinha Africana

“Minuê, minuê, le gusta la dance. Le gusta la dancê, la dança, minuê”

Kokoleoko

Kokoleoko, mama, kokoleoko.
 Kokoleoko, mama, koleoko. 2x
 Aba, mama, aba
 Aba, mama, Koleoko 2x

Epo ou Yapo

YAPO, IA IA, E E Ô
 YAPO, IA, IA, E E E
 YAPO, IA, IA YAPO
 E TUQUE, TUQUE YAPO
 E TUQUE, TUQUE, E E E

Balaio

Balaio, meu bem, balaio
 Sinhá
 Balaio do coração
 Moça que não tem balaio
 Sinhá
 Bota a costura no chão
 Eu queria ser balaio
 Balaio eu queria sê
 Para andar dependurado
 Na cintura de você

Dança do Pézinho

Ai bota aqui
 Ai bota aqui o seu pézinho
 Seu pézinho bem juntinho com o meu (BIS)

E depois não vá dizer
 Que você se arrependeu ! (BIS)

O Jipe do padre

O Jipe do padre fez um furo no pneu 3x
 Colamos com chicletes

Pá Pum - Canção de Barbatuques

Pé no chão
 Mão no coração
 Bate palma estala o dedo
 Brinca o jogo da canção

Mão na perna
 Um pé de cada lado
 Bate palma estala o dedo
 Tudo ao mesmo tempo
 Agora corre pro refrão:

Tum Pá
Tum Pá Tum
Pá Tum
Pá Tum Pá 2x

Começo -Tiquetê

Quero começar, mas não sei por onde
 Onde será que o começo se esconde?

Será que o mundo começou em janeiro?
 Será que o amor começou com um beijo?
 Será que a noite começa no dia?
 Será que a tristeza é o fim da alegria?

Será que o mar termina na areia,
 Ou ali é o começo de uma vida inteira?
 Taí o mistério que chegou até mim
 Será que o mundo tem começo, meio e fim?

Quero começar, mas não sei por onde
 Onde será que o começo se esconde?

Será que o universo um dia começou?
 E esse dia especial, quem será que inventou?
 Será que Deus um dia nasceu?
 Será que o choro dele foi igual ao meu?

Quero começar, mas não sei por onde
 Onde será que o começo se esconde?

A Cobra

A cobra não tem pé
 A cobra não tem mão
 Como é que a cobra sobe no pezinho de limão?(2X)

Ela vai se enrolando, vai vai vai (2x)
 No pezinho de limão!!

ANEXO G - Projeto Volta ao Mundo

Informações sobre o Projeto: Volta ao mundo da Educação Física na Escola.

Este material foi entregue à escola e aos professores de Classe. Foi formulado pelos alunos estagiários e a professora responsável pela disciplina.

Projeto: Volta ao Mundo da Educação Física no

TURMAS: ENSINO FUNDAMENTAL 1º, 2º, 3º e 4º ANOs Turno da TARDE

Data: 05/10/2022

MOTIVO: Evento de encerramento do Estágio Curricular dos Alunos de Educação Física do semestre de 2022/01 da UFRGS

HORÁRIO ATIVIDADES: 14:00-16:00.

LANCHE COLETIVO: 16:00

CONTINENTE- UNIDADE - ATIVIDADE- PAÍS- ESTAGIÁRIOS - LOCAL

1 América do Sul - Esporte - FUTSAL - Brasil e Uruguai - *Jean e Marcos*- Quadra

2 América do Norte - Dança - ROCK - Estados Unidos - *Daniela e Arthur* - Saguão

3 Europa - Jogos e Brincadeiras - MÍMICA - Grécia - *Tati e (Prof)* - Biblioteca

4 Ásia - Lutas - SUMÔ - Japão - *Clayton e Rodrigo* - sala de vídeo

ATIV/HORÁRIO	14:00	14:30	15:00	15:30
FUTSAL- quadra	33T e 34T	43T e 44T	13T e 14T	23T e 24T
ROCK- saguão	23T e 24T	13T e 14T	33T e 34T	43T e 44T
MÍMICA- Biblioteca	13T e 14T	23T e 24T	43T e 44T	33T e 34T
SUMÔ- sala de vídeo	43T e 44T	33T e 34T	23T e 24T	13T e 14T

COMO OCORRERÁ:

As turmas se deslocarão com suas respectivas professoras (de espaço em espaço) nos horários combinados, onde serão recepcionados pelos Estagiários de Educação Física prontos para realizar uma atividade com os alunos, trazendo informações do país de origem e continente, daquela prática corporal, curiosidades e regras da mesma.

Dado o tempo da atividade - 30 minutos em cada "País"- os grupos trocarão de sala para a próxima, conforme detalhado na tabela acima.

Ao final de todas, os professores estagiários e suas respectivas turmas farão um lanche coletivo para festejar este momento e as trajetórias até ali percorridas.

Professora responsável: Supervisora ECO

Estagiários: TODOS

ANEXO H - Foto turma A e B

Foto Turma Andorinhas: Ritmo



Acervo Pessoal

Foto Turma Biguás: Espelho



Acervo Pessoal

